

ÍNDICE DE ANEXOS

- ANEXO A. As Freguesias do Município de Penafiel
- ANEXO B. Penafiel. Uma História de Séculos, Sempre Jovem
- ANEXO C. Penafiel, Boletim municipal de Cultura
- ANEXO D. Levantamento fotográfico do Local de Implantação
- ANEXO E. Fotografias das Maquetas

- E.1. 1ª maqueta
- E.2. 2ª maqueta
- E.3. 3ª maqueta
- E.4. 4ª maqueta
- E.5. 5ª maqueta
- E.6. 6ª maqueta

ANEXOS

- ANEXO F. Fotografias da maqueta final
- ANEXO G. Normas Técnicas sobre a acessibilidade
 - G.1. Capítulo I. Urbanismo
 - G.2. Capítulo II. Acesso aos edifícios
 - G.3. Capítulo III. Mobilidade nos edifícios
 - G.4. Capítulo IV. Áreas de intervenção específica

- ANEXO H. Noufert, Ernst – "Arte de Projectar em Arquitectura"
 - H.1. Automóveis, espaços para viragem e manobra

- ANEXO I. Desenvolvimento do projecto: "Salão Paroquial de Abragão – Penafiel"
 - I.1. Estado topográfico do terreno de implantação - esc. 1/100
 - I.2. 1ª fase - esc. 1/200
 - I.3. 1ª fase - esc. 1/100
 - I.4. 2ª fase - esc. 1/200
 - I.5. Área-Projecto



centro
de
documentação

RE(ARQ)
1.A

INDÍCE DE ANEXOS

ANEXO A .As Freguesias do Bispado de Penafiel

ANEXO B . Penafiel, Uma História de Séculos, Sempre Jovem

ANEXO C . Penafiel, Boletim municipal de Cultura

ANEXO D . Levantamento fotográfico do Local de Implantação

ANEXO E . Fotografias das Maquetes

E.1. 1ª maquete

E.2. 2ª maquete

E.3. 3ª maquete

E.4. 4ª maquete

E.5. 5ª maquete

E.6. 6ª maquete

ANEXO F . Fotografias da maquete final

ANEXO G . Normas Técnicas sobre a acessibilidade

G.1. Capítulo I, Urbanismo

G.2. Capítulo II, Acesso aos edifícios

G.3. Capítulo III, Mobilidade nos edifícios

G.4. Capítulo IV, Áreas de intervenção específica

ANEXO H . Neufert, Ernst – “Arte de Projectar em Arquitectura”

H.1. Automóveis, espaços para viragem e manobra

ANEXO I . Desenvolvimento do projecto: “Salão Paroquial de Abragão – Penafiel”

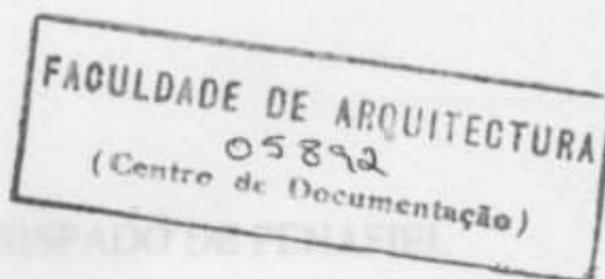
I.1. Estudo topográfico do terreno de implantação – esc: 1/100

I.2. 1ª fase – esc: 1/200

I.3. 1ª fase – esc: 1/100

I.4. 2ª fase – esc: 1/200

I.5. Ante-Projecto



AS FREGUESIAS DO BISPADO DE PENAFIEL



CONCELHO DE PENAFIEL

ARREAR DO PASSAIO
DO
SICL DE TURISMO

Esc. 1:125000



1.º PASSAIO

1 - Penafiel (com' ap.), 2 - Foz de Arelas (vila), 3 - Torre, 4 - S. Matias, 5 - Andara.

2.º PASSAIO

1 - Penafiel, 2 - Alameda, 3 - S. Matias, 4 - S. Matias, 5 - S. Matias, 6 - S. Matias, 7 - S. Matias, 8 - S. Matias, 9 - S. Matias, 10 - S. Matias, 11 - S. Matias, 12 - S. Matias, 13 - S. Matias, 14 - S. Matias, 15 - S. Matias, 16 - S. Matias, 17 - S. Matias, 18 - S. Matias, 19 - S. Matias, 20 - S. Matias, 21 - S. Matias, 22 - S. Matias, 23 - S. Matias, 24 - S. Matias, 25 - S. Matias, 26 - S. Matias, 27 - S. Matias, 28 - S. Matias, 29 - S. Matias, 30 - S. Matias, 31 - S. Matias, 32 - S. Matias, 33 - S. Matias, 34 - S. Matias, 35 - S. Matias, 36 - S. Matias, 37 - S. Matias, 38 - S. Matias, 39 - S. Matias, 40 - S. Matias, 41 - S. Matias, 42 - S. Matias, 43 - S. Matias, 44 - S. Matias, 45 - S. Matias, 46 - S. Matias, 47 - S. Matias, 48 - S. Matias, 49 - S. Matias, 50 - S. Matias, 51 - S. Matias, 52 - S. Matias, 53 - S. Matias, 54 - S. Matias, 55 - S. Matias, 56 - S. Matias, 57 - S. Matias, 58 - S. Matias, 59 - S. Matias, 60 - S. Matias, 61 - S. Matias, 62 - S. Matias, 63 - S. Matias, 64 - S. Matias, 65 - S. Matias, 66 - S. Matias, 67 - S. Matias, 68 - S. Matias, 69 - S. Matias, 70 - S. Matias, 71 - S. Matias, 72 - S. Matias, 73 - S. Matias, 74 - S. Matias, 75 - S. Matias, 76 - S. Matias, 77 - S. Matias, 78 - S. Matias, 79 - S. Matias, 80 - S. Matias, 81 - S. Matias, 82 - S. Matias, 83 - S. Matias, 84 - S. Matias, 85 - S. Matias, 86 - S. Matias, 87 - S. Matias, 88 - S. Matias, 89 - S. Matias, 90 - S. Matias, 91 - S. Matias, 92 - S. Matias, 93 - S. Matias, 94 - S. Matias, 95 - S. Matias, 96 - S. Matias, 97 - S. Matias, 98 - S. Matias, 99 - S. Matias, 100 - S. Matias.

3.º PASSAIO

1 - S. Matias, 2 - S. Matias, 3 - S. Matias, 4 - S. Matias, 5 - S. Matias, 6 - S. Matias, 7 - S. Matias, 8 - S. Matias, 9 - S. Matias, 10 - S. Matias, 11 - S. Matias, 12 - S. Matias, 13 - S. Matias, 14 - S. Matias, 15 - S. Matias, 16 - S. Matias, 17 - S. Matias, 18 - S. Matias, 19 - S. Matias, 20 - S. Matias, 21 - S. Matias, 22 - S. Matias, 23 - S. Matias, 24 - S. Matias, 25 - S. Matias, 26 - S. Matias, 27 - S. Matias, 28 - S. Matias, 29 - S. Matias, 30 - S. Matias, 31 - S. Matias, 32 - S. Matias, 33 - S. Matias, 34 - S. Matias, 35 - S. Matias, 36 - S. Matias, 37 - S. Matias, 38 - S. Matias, 39 - S. Matias, 40 - S. Matias, 41 - S. Matias, 42 - S. Matias, 43 - S. Matias, 44 - S. Matias, 45 - S. Matias, 46 - S. Matias, 47 - S. Matias, 48 - S. Matias, 49 - S. Matias, 50 - S. Matias, 51 - S. Matias, 52 - S. Matias, 53 - S. Matias, 54 - S. Matias, 55 - S. Matias, 56 - S. Matias, 57 - S. Matias, 58 - S. Matias, 59 - S. Matias, 60 - S. Matias, 61 - S. Matias, 62 - S. Matias, 63 - S. Matias, 64 - S. Matias, 65 - S. Matias, 66 - S. Matias, 67 - S. Matias, 68 - S. Matias, 69 - S. Matias, 70 - S. Matias, 71 - S. Matias, 72 - S. Matias, 73 - S. Matias, 74 - S. Matias, 75 - S. Matias, 76 - S. Matias, 77 - S. Matias, 78 - S. Matias, 79 - S. Matias, 80 - S. Matias, 81 - S. Matias, 82 - S. Matias, 83 - S. Matias, 84 - S. Matias, 85 - S. Matias, 86 - S. Matias, 87 - S. Matias, 88 - S. Matias, 89 - S. Matias, 90 - S. Matias, 91 - S. Matias, 92 - S. Matias, 93 - S. Matias, 94 - S. Matias, 95 - S. Matias, 96 - S. Matias, 97 - S. Matias, 98 - S. Matias, 99 - S. Matias, 100 - S. Matias.

AS FREGUESIAS DO BISPADO DE PENAFIEL

INTRODUÇÃO

CONCELHO DE PENAFIEL

ROTEIRO DOS PASSEIOS DO GUIA DE TURISMO

Esc. 1:125.000



1.º PASSEIO

A — Penafiel (estação). B — Penafiel (cidade). 1 — Seixo. 2 — Bustêlo. 3 — Aveleda.

2.º PASSEIO

4 — Perafita. 5 — Abragão. 6 — Boelhe. 7 — Rio de Moinhos. 8 — Cabeça Santa. 9 — Tôrre.
10 — Entre-os-Rios. 11 — S. Miguel da Eja. 12 — Senhora da Cidade. 13 — Santa Maria da Eja.

3.º PASSEIO

14 — Tôrre de Coreixas. 15 — Honra de Barbosa. 16 — Marmoiral. 17 — Paço de Sousa.
18 — Cidade Morta. 19 — S. Pedro de Pegureiros. 20 — Canelas. 21 — S. Vicente.

INTRODUÇÃO.

Solares de boas linhagens e casas ricas ou abastadas, dominam aqui e além, com suas maiores proporções, o casario humilde que por toda a parte enche o vale. Mais para cima, a massa escura dos pinhais, esbatida muito ao longe, no azul-violeta das últimas serranias...

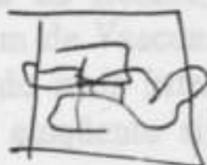
Se o viajante não teme subir largos metros de distância, por áspero caminho de monte entre tojeiras e pedregulhos, tome nesse caso, ao lado oposto da estrada, e vá até ao alto da serra da Lagoa ou Monte do Talefe—como o povo da região habitualmente lhe chama, até encontrar,—caiado a branco,—o marco geodésico que nos indica a cota mais elevada do Concelho de Penafiel: 556 metros sobre o nível do mar.

Aqui, sem que a composição do quadro agora em nossa frente, sofra diferença notável do que acabamos de observar, redobra porém de grandeza pelo mais vasto horizonte que se abrange, ganho com esses metros de subida acabados de fazer. E o olhar, maravilhado, estende-se desde as terras de Amarante, ao Norte, até pousar, quasi cansado de beleza, nas serranias do Sul (a serra de Arouca) depois de ter percorrido, além de estes dois, os concelhos do Marco-de-Canaveses, Sinfães, Castelo-de-Paiva, Paredes, Valongo e Paços-de-Ferreira.

Desçamos novamente à estrada, onde nos ficou esperando o automóvel que nos trouxe de Penafiel, e comecemos a descer o vale do Tâmega. Deixando à direita a estrada que logo nos há-de conduzir a Boelhe, seguimos por Vila-Cova de Vez-de-Aviz (6 km.) até Ribaçais (2 km.), povoação importante, em que mensalmente se realiza uma feira de grande comércio, para, em poucos minutos, chegarmos a

NA INTRODUÇÃO

Abragão (16 km. de Penafiel)



FOTOGRAFIA DA IGREJA

(com umas arvores e

se possível

+ aljube

casimbas de

abragão

Com Entre-os-Rios, Paço de Sousa e Rio de Moínhos,—é Abragão uma das quatro mais importantes povoações de todo o Concelho. Situada quasi a meia encosta, e em local muito aprazível.

Tem uma antiga igreja paroquial fundada aproximadamente

- ① Fotocopiar a planta do concelho de Penafiel para as folhas amarelas 3X.

As

FAZER UMA FICHA TIPO
(de apresentação)

Enquadramento
geográfico

dados demográficos
e económicos

→ a Siba de onde tirar este recorte
para identificar.

As frequências da
Penafiel

Enquadramento de

no século XII e mais tarde reformada no século XVII, tendo apenas da época primitiva a capela-mor abobadada, com arcos e colunas românicas.

No cemitério, perto da igreja, um sarcófago de pedra com a estátua jacente de Ambrósio Golias, abade da igreja, no século XVII.

Voltando pela mesma estrada ao entroncamento que deixamos à vinda antes de chegar a Vila-Cova (4 km.), sigamos a estrada à esquerda, atravessemos a freguesia de Luzim e paremos somente ao chegar a

Boelhe (2 km.)

A igreja fica à esquerda, em nível inferior à estrada, para além da actual e incaracterística igreja paroquial da freguesia.

A Igreja de Boelhe ()** — Classificada como monumento nacional, é, sem adições nos restauros, uma verdadeira jóia românica, e a mais completa do Concelho de Penafiel; das poucas que na fachada — do lado da epístola — conservam o campanário primitivo, o que ainda mais a valoriza.

No exterior, o belo portal românico, com seus preciosos capitéis; e um friso de modilhões, finamente lavrados. Interiormente o edifício está intacto. Pertence ao fim do século XII. Junto à entrada, do lado esquerdo, exteriormente, uma pia também românica.

Referindo-se à decoração architectónica de Boelhe, disse o distinto arqueólogo e ilustre Professor Joaquim de Vasconcelos: — «... a fauna e a flora, é tudo quanto há de mais interessante, pela execução, pelo rigor do cinzel, e pelo eloquente significado dos símbolos e das alegorias».

Do adro da igreja, a Nordeste, belo ponto de vista sobre o rio Tâmega. Na margem oposta, a igreja de Vila-Boa-do-Bispo, no concelho do Marco-de-Canaveses, e, mais ao Norte, na encosta do monte, a igreja de Abragão que há pouco deixamos.

UM LONGO PERCURSO ATÉ À MODERNIDADE...



O Solar e Torre de Honra de D. João de Gusmão.

É conhecida a estratégia dos romanos, ao invés de lutar as batalhas até à exaustão das tropas, com elas de volta, para em conjunto aproveitarem as melhores terras. Eram o espírito de propriedade e por isso se encontrava em sua essência.

Essa terra "bombar" e não-matéria, considero a vida de trabalho em do "Alentejo" que se destacava pela "propriedade" e como modelo, gerou os primeiros modelos populacionais, onde vivera separadamente. Como VILAS SERRAS em nome de Frei DIONÍSIO (1562) de nome de propriedade.

Depois e pouco, se tornaram as vilas, com a presença da grande cidade do século V. Inicialmente eram vilas e se diferenciavam com as propriedades imperiais e após a chegada dos romanos (410) a sua organização organizou, sendo o primeiro modelo Serras de Penafiel. Sendo um tipo de estrutura urbana, com uma "vilagem" uma parte das terras de grande casa e "vilagem" nome de "Santidade", para com os romanos que foram chamados de "vilas" as características das vilas romanas.



A Casa dos D. João de Gusmão, no século XVIII, com o castelo.

As portas de um castelo



ARRABAGÃO SÃO PEDRO

Em 1770, o Rei D. José I, ao visitar as terras de Arrabagão, deu-lhes o nome de "Arrabagão São Pedro" em homenagem ao castelo de São Pedro, que se encontrava na freguesia de São Pedro de Penafiel. Este castelo, que se encontrava na freguesia de São Pedro de Penafiel, era um dos mais importantes pontos de defesa da região. O castelo de São Pedro de Penafiel, que se encontrava na freguesia de São Pedro de Penafiel, era um dos mais importantes pontos de defesa da região.

Este castelo, que se encontrava na freguesia de São Pedro de Penafiel, era um dos mais importantes pontos de defesa da região. O castelo de São Pedro de Penafiel, que se encontrava na freguesia de São Pedro de Penafiel, era um dos mais importantes pontos de defesa da região.

O castelo de São Pedro de Penafiel, que se encontrava na freguesia de São Pedro de Penafiel, era um dos mais importantes pontos de defesa da região. O castelo de São Pedro de Penafiel, que se encontrava na freguesia de São Pedro de Penafiel, era um dos mais importantes pontos de defesa da região.

O castelo de São Pedro de Penafiel, que se encontrava na freguesia de São Pedro de Penafiel, era um dos mais importantes pontos de defesa da região. O castelo de São Pedro de Penafiel, que se encontrava na freguesia de São Pedro de Penafiel, era um dos mais importantes pontos de defesa da região.

O castelo de São Pedro de Penafiel, que se encontrava na freguesia de São Pedro de Penafiel, era um dos mais importantes pontos de defesa da região. O castelo de São Pedro de Penafiel, que se encontrava na freguesia de São Pedro de Penafiel, era um dos mais importantes pontos de defesa da região.

PENAFIEL, UMA HISTÓIA DE SÉCULOS SEMPRE JOVEM

UM LONGO PERCURSO ATÉ À MODERNIDADE...



O Solar e Torre da Honra de Barbosa, em Rans.

É conhecida a estratégia dos romanos, ao fazerem descer os castrejos até aí alcandorados nas escarpas mais altas da região, para em conjunto aproveitarem as melhores terras, fixarem o direito de propriedade e por essa via cobrarem os seus impostos.

Este novo "habitat" económico-social, organizado à volta da residência do "dominus" que aí funcionava como proprietário e como autoridade, gerou os primeiros núcleos populacionais com carácter organizativo. Gerou VILLAS RURAIS em torno dos PALLATIUM (Paço) de residência do proprietário.

Dispersos e poucos, os invasores suevos aparecerem na primeira metade do século V. Tomaram a atitude sensata de se entenderem com os residentes hispano-romanos e após o celebrado tratado de Valia (418) a sua organização económica, social e política tomou formas de reino. Roma em troca de serviços militares, concedeu a estes "federados" uma parte das terras de acordo com o princípio jurídico da "hospitalitas", parte essa da terra que terão também eles, constituído em "Villas" na continuidade dos costumes romanos.



A Casa do Outeiro no seu "habitat" agrícola, em Castelões.

As partes de um todo



ABRAGÃO -SÃO PEDRO

“Freyguezia de Abregão seu Padroeiro ha Sam Pedro Apostollo fica na Provinsia de entre Douro e Minho Bispado do Porto Comarca de Pena fiel termo da mesma cidade do Porto. (...) Esta situada entre montes tem algumas ribeiras e campos em que se fabricam os milhos, vinho, azeyte, e alguma fruta avistace della e descobrece so a poboçam da Villa de Canavezes cujo espaço de huma a outra he huma legoa e se avistam muntas mais freyguezias situadas entre montes.”

Memórias Paroquiais de 1758

Principal documentação relativa à Freguesia:

- Memórias do Mosteiro de Paço de Sousa (1105)
- Inquirições de 1258
- Arrolamento das Paróquias do Reino de 1320
- Cadastro da População (1527)
- Censual da Mitra do Porto (1542)

Esta Freguesia, que alguns autores dizem ter sido fundada por D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, apresenta povoamento pré-histórico. Pertenceu ao couro de vila Boa de Quires. Segundo os arqueólogos, o nome de Abragão provém de um poderoso emir árabe, chamado Agam, que aqui viveu.

Enquadramento Geográfico: ✕

⊙ São Pedro de Abragão situa-se no extremo oriental do Concelho, estando delimitado por Vila Cova, Luzim e pelo rio Tâmega. A doze quilómetros de Penafiel, integra-se na bacia do referido rio com as Freguesias acima indicadas e ainda com Boelhe.

Dados demográfico e económicos:

- Área: 8,87 Km²
- População residente: 2600 pessoas
- Densidade populacional: 300 h./km²
- Actividades económicas: Muito desenvolvida nos últimos anos, esta freguesia tem como principais actividades a indústria da pedra, das confeccões e das madeiras. Ainda a construção civil e uma agricultura que se baseia no milho, feijão e batata.

Património edificado:

- ✓ Igreja Paroquial
- ✓ Esculturas medievais (em redor da igreja)
- ✓ Túmulo do Abade Golias
- ✓ Capela da Senhora da Saúde
- ✓ Capela de São João de Vez de Aviz
- ✓ Casa da Aldia
- ✓ Casa Melo
- ✓ Casa de Boyeiro

A Igreja Paroquial de Abragão é um excelente exemplar de arquitectura românica. Construída em 1200, foi reedificada em 1688 pelo Abade Ambrosio Vaz Golias. Classificada como monumento nacional, foi perdendo com os sucessivos restauros as suas características originais.

Sobrevivências do passado:

O Padroeiro desta Freguesia é São Pedro. A ele é dedicada uma festa anual no dia 29 de Junho. Além desta, são ramoros em Abragão os cultos à Senhora da Saúde (com festa no primeiro Domingo de Setembro) e São José (terceiro Domingo de Março). O Corpo de Deus também se festeja anualmente nesta Freguesia, em data móvel, geralmente coincidente com o mês de Junho. Em Abragão, decorrem actualmente duas feiras mensais (a 8 e 26 de cada mês) e tres anuais (Sábado e Domingo mais próximo de 8 de Dezembro, 26 de Dezembro (oitavas) e 6 de Janeiro (Feira dos Reis)).

As tradições mantêm-se ainda na gastronomia, com o anho assado e a celebração da pêssega, mas não no artesanato. Restam apenas uma tecelaria e um fumeiro.

Associativismo e Equipamento Social:

A nível de colectividades, funcionam tres, que se viram essencialmente para o futuro e para a componente juvenil da população: Comissão de Melhoramentos e Beneficência da Freguesia de Abragão, Centro Cultural e Recreativo de Abragão e União Desportiva Abragonesa. A primeira das associações referidas dispõe de um lar para a terceira idade e realiza actividades de âmbito social. O Centro Cultural e Social de Abragão tem Rancho Folclórico para a divulgação da cultura popular da freguesia.

Os habitantes de Abragão dispõem de um centro de saúde recentemente recente, inaugurado em 1987, que serve toda a comunidade.



Pormenor da Quinta dos Aidos, em Eja.

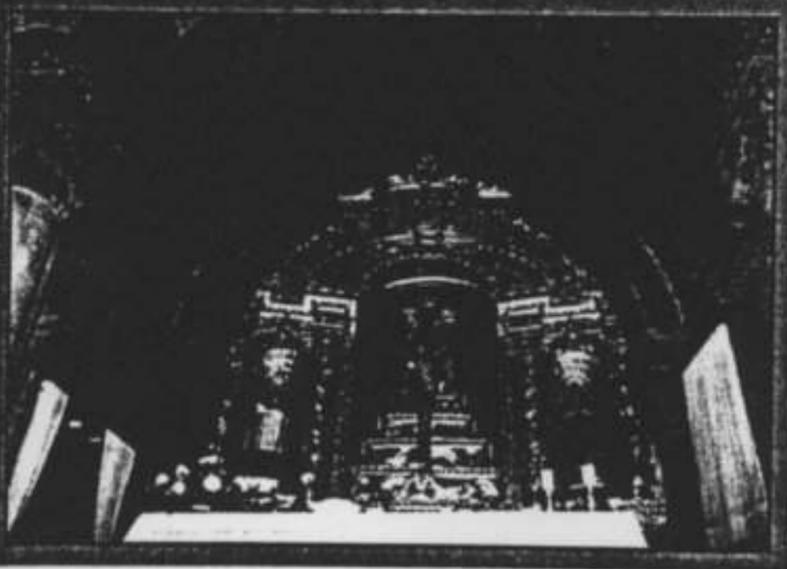
Depois do tratado de **Hernerico e Honório**, os **Suevos** ficaram oficialmente nos territórios da antiga **Galícia** (Galiza e todo o **Minho** até ao **Douro**, além das **Astúrias**). Segundo **Alberto Sampaio**, foram eles quem de novo baptizou as terras povoadas, agora com nomes germânicos, tão enraizadamente presentes na nossa região e também na área do Concelho. São, quase sem excepção nomes de pessoas. Antropónimos que nos fornecem a preciosa informação da ocupação do Concelho, quer pelos **Hispano-romanos**, quer pelos **Suevos** com quem os primeiros tiveram que repartir estas terras.

Com a conversão dos **Suevos** ao cristianismo (560) iniciou-se o processo de formação das nossas paróquias. Com os **Suevos** cristianizados, valorizou-se o poder intermediário do clero, acentuou-se a índole guerreira do poder político e assentou-se definitivamente na ruralização da economia.

E desta concepção da vida terrena, dependente para tudo das forças divinas, nasceu o extraordinário êxito organizativo e a importância local das nossas **Paróquias**.

O próprio dia-a-dia, repartia-se entre o mundo conhecido, o "*habitat*" agricultado e fecundo e o mundo desconhecido, hostil e improdutivo donde provinham todos os males, desde feras a salteadores, intempéries e desgraças. Mundo hostil comandado pelas forças demoníacas que durante séculos terão para a nossa gente tanta importância e poder como as forças divinas. É o mundo do **Bem**, contraposto ao mundo do **Mal**. Frente a frente como que em dois círculos concêntricos. Às forças do **Mal**, é preciso "*domesticá-las*" pela presença cristã e pelos poderes sagrados que o clero se encarrega de gerir. Esta predominância do sagrado, não mais abandonará a sociedade local. De facto foi por aí que o clero passou a exercer um poder social efectivo, independente do poder civil e militar e com enorme influência sobre os costumes. Embora muitas vezes não fizesse mais do que explorar a credibilidade popular, de que aliás participava e de que prolongava as superstições e a mentalidade mágica, acabou, na sua acção de conjunto, por alterar muitas práticas pagãs, combater a imoralidade e a violência, e iniciar o secular caminho que conduziu à emergência da responsabilidade moral individual e da consciência da autonomia da pessoa humana perante o grupo, o que haveria de constituir, séculos mais tarde, um dos mais importantes elementos específicos da civilização medieval.

No centro deste mundo assim concebido, a Igreja paroquial definia um espaço benéfico de sociabilidade e conjugava à sua volta, os sítios onde os homens estavam dispersos pelas redondezas. As terras de cultivo



O CONCELHO DE PENAFIEL NAS "MEMÓRIAS PAROQUIAIS" DE 1758

por Manuel Pereira Coelho

da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Para os meus leitores na matéria, só informo que as comumente chamadas «Memórias Paroquiais da Torre do Tombo de 1758» são as respostas dos párocos a um «Inquérito» elaborado pelo padre Luís Cardoso e enviado aos mesmos após permissão escrita do Marquês de Pombal, em 1756. É certo que aquele mesmo sacerdote já havia elaborado dois «Inquéritos» antes, em 1731 e 1732, os quais foram mandados distribuir pela Academia Real de História Portuguesa, chegando às paróquias através das Secretarias dos Reinos.

Com o terramoto ocorrido no dia 1 de Novembro de 1755, com a destruição do Convento onde vivia o autor ficaram sepultados, senão mesmo queimados, a maior parte dos manuscritos resultantes dos ditos «Inquéritos». Escaparam apenas as letras A, B e C, do primeiro e segundo volumes, por estarem já impressas e distribuídas.

Por tal, retomou o organizador, de princípio, baseando-se nos inquéritos anteriores e introduzindo perguntas sobre os efeitos provocados pelo megastismo nos recantos do país.

O padre Luís Cardoso faleceu a 7 de Julho de 1769, no Convento de Nossa Senhora das Necessidades, com 70 anos de idade, sendo natural de Fernes, no concelho de Santarém.

A obra manteve-se nos arquivos do Convento de Nossa Senhora das Necessidades até à extinção das Congregações, no ano de 1832, sendo depois a livraria catorista integrada na Biblioteca Real da Ajuda. O guarda-mor da mesma, António Nunes de Carvalho, deliberou enviar os 44 volumes (sendo já com índice) das MEMÓRIAS PAROQUIAIS para o Depósito Geral das Livrarias, então no extinto Convento de São Francisco da Cidade, herdeiro daí transmitido para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em 1834, com o título de: "Dicionário Geográfico de Portugal existente na Biblioteca da Senhora das Necessidades - 1832". O historiador Alexandre Herculano, no tempo bibliotecário da Ajuda, bem reclamou a obra visto constar dos folhetos da Biblioteca Real, mas não em vão dando a Procuradoria Geral da Coroa entender que os documentos eram públicos e, por tal, pertencentes ao Estado e não à Coroa.

O "Inquérito" vai reproduzido ao longo do texto de forma a evitar que tal houvesse de se fazer para cada freguesia, assim se poupando grande espaço.

Actualmente, devido ao facto de não ser estabelecida a consulta do original, há dificuldade em fazer a transcrição de alguns documentos por meio do micro-filme, pelo que em algumas partes nos foi moroso e difícil chegar a conclusões repetidas vezes. Procura-se seguir fielmente a ortografia do original, tanto quanto possível, relevando nos que comecei devido ao facto em que não se usam agora tipos e sinais de acentuação daquela época. De igual modo, às vezes, pode cair o acento em letra distinta daquela que seria a indicada, por não se concluir, com segurança, qual delas é a destinatária efectiva.

Para elucidação do exposto, achamos pertinente a reprodução de alguns manuscritos, o que acontece nas páginas finais deste artigo. Tal é possível devido à gentileza do funcionário do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, José António Silva, pela excelente microfilmagem dos textos, e ao repórter fotográfico D. Ferreira Coelho pela sua passagem a positivo, artistas a quem deixo expresso o sentimento de profunda gratidão. Por isto, diremos que é um trabalho de trabalho de outros, como tantos, que nos ocupou incalculáveis horas de labor, mas que reputamos muito oportuno para a futura Monografia do Concelho de Penafiel, a fazer-se um dia!

É a primeira vez que se procede à publicação sistemática das "Memórias Paroquiais" de Penafiel, já que algumas delas, embora de forma dispersa, foram dadas ao prelo, assim: *Abreção* - no boletim cultural "PENAFIEL", nº. 1, 2ª. série, 1979, pp. 113-120, por António Gomes de Sousa; *Arifana de Sousa* (hoje Penafiel) - no boletim "PENAFIDEL", nºs. 4/5, 2ª. série, 1966/1967, pp. 88-90, por Dr. Moreira da Rocha; *Boavista* - no boletim municipal de cultura "PENAFIDEL", nº. 2, 2ª. série, 1981, pp. 149-150, por Manuel Ferreira Coelho, incluídas em artigos anteriores.

**O CONCELHO DE PENAFIEL
NAS "MEMÓRIAS PAROQUIAIS" DE 1758**

por Manuel Ferreira Coelho
da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Para os menos versados na matéria, se informa que as comumente chamadas «Memórias Paroquiais da Torre do Tombo de 1758» são as respostas dos párocos a um «Inquérito» elaborado pelo padre Luís Cardoso e enviado aos mesmos após permissão obtida do Marquês de Pombal, em 1756. É certo que aquele mesmo sacerdote já havia elaborado dois «Inquéritos» antes, em 1721 e 1732, os quais foram mandados distribuir pela Academia Real de História Portuguesa, chegando às paróquias através das Secretarias dos Bispados.

Com o terramoto ocorrido no dia 1 de Novembro de 1755, com a destruição do Convento onde vivia o autor ficaram sepultados, senão mesmo queimados, a maior parte dos manuscritos resultantes dos ditos «Inquéritos». Escaparam apenas as letras A, B e C, do primeiro e segundo volumes, por estarem já impressas e distribuídas.

Por tal, recomeçou o organizador, de princípio, baseando-se nos inquéritos anteriores e introduzindo perguntas sobre os efeitos provocados pelo megassismo nos recantos do país.

O padre Luís Cardoso faleceu a 3 de Julho de 1769, no Convento de Nossa Senhora das Necessidades, com 70 anos de idade, sendo natural de Pernes, no concelho de Santarém.

A obra manteve-se nos armários do Convento de Nossa Senhora das Necessidades até à extinção das Congregações, no ano de 1832, sendo depois a livraria oratoriana integrada na Biblioteca Real da Ajuda. O guarda-mor da mesma, António Nunes de Carvalho, deliberou enviar os 44 volumes (então já com índice) das MEMÓRIAS PAROQUIAIS para o Depósito Geral das Livrarias, então no extinto Convento de São Francisco da Cidade, havendo daí transitado para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em 1834, com o título de: "Diccionario Geográfico de Portugal existente na Biblioteca da Senhora das Necessidades - 1832". O historiador Alexandre Herculano, ao tempo bibliotecário da Ajuda, bem reclamou a obra visto constar dos ficheiros da Biblioteca Real, mas fê-lo em vão dado a Procuradoria Geral da Coroa entender que os documentos eram públicos e, por tal, pertencentes ao Estado e não à Coroa.

Em Vila Nova de Gaia, as respostas anteriores da respectiva pergunta, o que se elimina.

O "questionário" vai reproduzido no início do texto de forma a evitar que tal houvesse de se fazer para cada freguesia, assim se poupando grande espaço.

Actualmente, devido ao facto de não ser autorizada a consulta do original, há dificuldade em fazer a transcrição de alguns documentos por meio do micro-filme, pelo que em algumas partes nos foi moroso e difícil chegar a conclusões reputadas certas. Procura-se seguir fielmente a ortografia do original, tanto quanto possível, relevando uma que outra dúvida ou casos em que não se usam agora tipos e sinais de acentuação daquela época. De igual modo, às vezes, pode cair o acento em letra distinta daquela que seria a indicada, por não se concluir, com segurança, qual delas é a destinatária efectiva.

Para elucidação do exposto, achamos pertinente a reprodução de alguns manuscritos, o que acontece nas páginas finais deste artigo. Tal é possível devido à gentileza do funcionário do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, José António Silva, pela excelente microfilmagem dos textos, e ao repórter fotográfico D. Ferreira Coelho pela sua passagem a positivo, artistas a quem deixo expresso o sentimento de profunda gratidão.

Posto isto, diremos que é um trabalho de trabalho de outros, como tantos, que nos ocupou incalculáveis horas de labor, mas que reputamos muito oportuno para a futura Monografia do Concelho de Penafiel, a fazer-se um dia!

É a primeira vez que se procede à publicação sistemática das "*Memórias Paroquiais*" de Penafiel, já que algumas delas, embora de forma dispersa, foram dadas ao prelo, assim: *Abragão* - no boletim cultural "*PENAFIEL*", n.º 1, 2.ª série, 1979, pp. 111-120, por António Gomes de Sousa; *Arrifana de Sousa* (hoje Penafiel) - no boletim "*PENAFIDEL*", n.ºs. 4/5, 2.ª série, 1966/1967, pp. 86-90, por Dr. Moreira da Rocha; *Boavista* - no boletim municipal de cultura "*PENAFIEL*", n.º 2, 2.ª série, 1981, pp. 149-150, por Manuel Ferreira Coelho, incluídas em artigo assinado por José Fernando Coelho Ferreira intitulado "*Apontamentos sobre S. Salvador de Galegos*". [A velha freguesia de S. Pedro da Boavista chamou-se até 1620 São Pedro de Caifás e esta teria sua origem em São Mamede de Fafiães que lhe foi incorporada. Boavista foi extinta por decreto de 6 de Agosto de 1853 e incorporada na de Galegos da qual ficou a ser lugar]; *Boelhe* - em "*TEMAS PENAFIDELENSES*", vol. II, 1987, pp. 13-23, por Manuel Ferreira Coelho, com notas de António Gomes de Sousa; *Canas* - em "*TEMAS PENAFIDELENSES*", vol. II, 1987, pp. 145-149, por Manuel Ferreira Coelho, com anotações de António Gomes de Sousa. [Freguesia extinta pelo decreto de 6 de Agosto de 1853 e incorporada na de Rans de que ficou a ser lugar]; *Oldrões* - no opúsculo "*SANTO ESTEVÃO DE OLDRÕES*", 1973, por António Gomes de Sousa; *Paço de Sousa* - no boletim cultural "*CONFLUÊNCIA*", n.º 1, 1984, pp. 104-124, por Manuel Ferreira Coelho, com anotações; *Portela* - no boletim de cultura "*PENAFIEL*", n.º 1, 1972, pp. 67-80, por A. M. R. (António Moreira da Rocha), com anotações; *Rande* - em "*TEMAS PENAFIDELENSES*", vol. I, 1985, pp. 80-83, por António Gomes de Sousa, com anotações. [Freguesia extinta pelo decreto de 6 de Agosto de 1853. Várias vezes anexa a Duas Igrejas, acabou por ser incorporada na freguesia de Milhundos de que é lugar]; *Rans* - em "*TEMAS PENAFIDELENSES*", vol. II, 1987, pp. 113-115, por António Gomes de Sousa, com anotações; *Valpedre* - no opúsculo "*SÃO TIAGO DE VALPEDRE*", 1968, pp. 9-11, pelo P.e Darlindo de Sousa, com anotações.

Além da extinção das freguesias de Boavista, Canas e Rande, foram ainda extintas, pelo decreto de 6 de Agosto de 1853, as freguesias de Coreixas, de Entre-os-Rios e de Pacinhos, incorporadas respectivamente nas freguesias de Erivo, Eja e Boelhe, de que ficaram a ser simples lugares. A freguesia de Pacinhos aparece referida na "*Chancelaria de D. Dinis*", em 1280, como "*Sam miguel de Paaços*".

Para as freguesias de Paredes (S. Miguel) e Urrô, não aparecem "*Memórias*", mas tão só alguns elementos postos pelo organizador, pelo que, ou as respostas se extraviaram ou não foram dadas ao "*Inquérito*", o que lamentamos.

Como é sabido, Arrifana se Sousa foi, no ano de 1770, elevada a cidade com o nome de Penafiel.

A freguesia de Sebolido não aparece nas "*Memórias*", por àquela data ser meramente um lugar da freguesia de Canelas. Foi elevada a freguesia somente nos princípios do século XIX, tendo-se-lhe juntado o lugar de Rio Mau, desmembrado de Pedorido. Aliás, Rio Mau é freguesia criada pela Lei n.º 42/84, desmembrada então de Sebolido.

Ao contrário do que é corrente, em anos recentes *Erivo* vai assim grafado, não só por ser desta forma que vem no texto, mas também porque tal consideramos derivado de *Eirigus*.

No tocante a Recezinhos, invocamo-las pelos respectivos padroeiros e vão, portanto, nessa ordem, São Mamede e São Martinho.

Em Vila Cova aparecem as respostas antecedidas da respectiva pergunta, o que se elimina.

QUESTIONÁRIO

O questionário utilizado para a elaboração das memórias encontra-se no "Índice/Geographico/das/Cidades, villas & parochias/de/Portugal/nos 43 volumes manuscriptos/do/Diccionario Geographico/existente/na Biblioteca da/Senhora das Necessidades/Lx.^a 1832", e divide-se em três partes: descrição geral da freguesia, descrição da serra e descrição do rio.

§ 1

O que se procura saber dessa terra, he o seguinte: (venha tudo escrito em letra bem legível, e sem breves).

1 - Em que Província fica? a que Bispado, Comarca, Termo e Freguezia pertence?

2 - Se he del-Rei, ou de Donatário, e quem o he ao presente?

3 - Quantos vizinhos tem, e o numero das pessoas. em 1758

4 - Se esta situada em campina, valle ou monte de que povoações se descobrem della e quanto dista?

5 - Se tem termo seo: que lugares ou aldeas comprehende: como se chamão e quantos vizinhos tem?

6 - Se a paroquia esta fora do lugar, ou dentro delle? e quantos lugares ou aldeas tem a freguezia e todos pelos seus nomes?

7 - Qual he o seo orago - quantos altares tem, e de que sanctos, quantas naves tem? Se tem Irmandades, quantas e de que sanctos?

8 - Se o parcho he cura, vigario ou reitor, ou prior ou abbade e de que apresentação he e que renda tem?

9 - Se tem beneficiados: que renda tem e quem os apresenta?

10 - Se tem conventos e de que religiosos ou religiosas e quem são os seus padroeiros?

11 - Se tem hospital: quem o administra e que renda tem?

12 - Se tem casa de misericordia, e qual a sua origem, e que renda tem? e o que houver de natural em qualquer destas coisas.

13 - Se tem algumas hermidas, e de que sanctos e se estão dentro, ou fora do lugar e a quem pertencem?

14 - Se acodem a ellas romagem sempre, ou

em alguns dias do anno e quaes são estes?

15 - Quaes são os fructos da terra que os moradores recolhem com mais abundancia?

16 - Se tem juiz ordinario e camara ou se esta sujeita ao governo das justissas de outra terra e qual he esta?

17 - Se he couto, cabeça de concelho, honra ou behetria?

18 - Se ha memoria de que florescessem ou dela sahisses alguns homens insignes por virtude letras ou armas?

19 - Se tem feira e em que dias e quantos dura e se he frânca ou captiva?

20 - Se tem correio e em que dias de semana chega e parte? e se o não tem de que correio se serve, e quanto dista a terra aonde elle chega?

21 - Quanto dista da cidade capital do Bispado e quanto de Lisboa capital do Reino?

22 - Se tem alguns privilegios, antiguidades ou outras cousas dignas de memoria?

23 - Se ha na terra, ou perto della, alguma fonte ou lagoa celebre, e se as suas aguas tem alguma especial virtude?

24 - Se for porto de mar descreva-se o sitio, que tem por arte, ou por natureza; as embarcações que o frequentam, e que pode admittir?

25 - Se a terra for murada, diga-se a qualidade destes muros, se for praça d'armas descreva-se a fortificação, se ha nella ou no seu destrito algum castello ou torre antiga em que estado se acha ao presente?

26 - Se padeceu alguma ruina no Terramoto de 1755 e em que: e se esta ja reparada?

27 - E tudo mais que houver digno de memoria de que não faça menção o presente interrogatorio.

§ 2

O que se procura saber dessa serra he o seguinte:

1 - Como se chama?

2 - Quantas leguas tem de comprido e quantas de largura, aonde principia e acaba?

3 - Os nomes dos principais braços della?

4 - Que rios nascem dentro do seo sitio, e algumas propriedades mais notaveis delles, as partes para onde correm e onde fenecem?

5 - Que villas e lugares estão assim na serra, como ao longo della?

6 - Se ha no seo destrito algumas fontes de

propriedades raras?

7 - Se ha na serra minas de metaes ou canteiras de pedra ou de outros materiaes de estimação.

8 - De que plantas, ou hervas medicinaes he a serra povoada e se se cultiva em algumas partes, e de que genero de fructos he mais abundante?

9 - Se ha na serra alguns mosteiros Igrejas de romagem ou imagens milagrosas?

10 - A qualidade do seu temperamento?

11 - Se ha nella creações de gados ou de outros animaes de caça?

12 - Se tem alguma lagoa ou fojos notaveis?

13 - E tudo o mais digno de memoria.

§ 3

O que se procura saber do rio dessa terra he o seguinte:

1 - Como se chama assim o rio, como o sitio onde nasce?

2 - Se nasce logo caudaloso, e se corre todo o ano?

3 - Que outros rios entrão nelle e em que sitio?

4 - Se he navegavel e de que embarcações he capas?

5 - Se he de curso arrebatado ou quieto em sua distancia ou em alguma parte della?

6 - Se corre de Norte a Sul ou de Poente a Nascente, se de Sul ao Norte ou de Nascente a Poente?

7 - Se cria peixes e de que especie são os que

tras em maior abundancia?

8 - Se ha nelle pescarias e em que tempo do anno?

9 - Se as pescarias são livres ou de algum senhor particular em todo o rio ou em alguma parte delle?

10 - Se se cultivão as suas margens e se tem muito arvoredo de fructo ou silvestres?

11 - Se tem alguma virtude particular as suas aguas?

12 - Se conserva sempre o mesmo nome, ou se começa a ter diferente em algumas partes; e como se chamam estas ou se ha memoria, de que, em outro tempo, tivesse outro nome?

13 - Se morre no mar, ou em outro rio e como se chama este, e o sitio em que entra nelle?

14 - Se tem alguma cachoeira, repreza, levada ou açudes que lhe embarassem o ser navegável?

15 - Se tem pontes de cantaria ou de pao; quantas e em que sitio?

16 - Se tem moinhos, lagares de azeite pizoes noras, ou outro algum engenho?

17 - Se em algum tempo, ou no presente se tirou ou tira ouro das suas areas?

18 - Se os povos usão livremente das suas aguas para a cultura dos campos ou de alguma pensão?

19 - Quantas leguas tem o rio e as povoações por onde passa desde o seo nascimento ate onde acaba?

20 - E qualquer outra cousa notavel que não va neste interrogatorio?

21 - Dista esta freygueria da Cidade do Porto capital do Reyno sete leguas e da cidade, e corte de Lisboa capital do Reyno ocenta leguas.

22 - Nam tem privilegios, antiguidades ou outras cousas dignas de memoria.

23 - Nam ha fonte alguma ou lagoa celebre, que suas aguas tenham especial qualidade.

24 - Nam tem Porto de Mar nem embarcações.

25 - Nam he terra murada nem ha alguma praça de armas nem tem castello, nem torre alguma.

26 - No terçario de mil oete centos e sincoenta e cinco se ha De. beneditto nam suadeo nua alguma nesta freygueria nem nos seus arredores.

27 - E nam ha mais cousa alguma de que possa dar parte-pertinente a este interrogatorio.

Como esta terra nem he serra nem tem como

ABRAGÃO

Reposta aos emterrogatorios emcluzos q. recebi em cete de Março de 1758 de hordem do Ex m^o e Rev.^o Snr. Bispo da cid.e e Bispado do Porto.

1 - Freyguezia de Abregão seu Padroeyro he Sam Pedro Apostollo fica na Provinsia de entre Douro e Minho Bispado do Porto Comarca de Pena fiel termo da mesma cidade do Porto.

2 - He de ápresentar do Rial padroado de Sua Real Magestade q. D.os goarde.

3 - Tem duzentos e treze vezinhos, Pessoas maiores quinhentas e oitenta, e coatro e menores de cete annos para sima cento e dois.

4 - Esta situada entre montes tem algumas ribeiras e campos em que se fabricam os milhos vinho, azeyte, e alguma fruta avistace della e descobrece so a poboaçã da villa de Canavezes cujo espaço de huma a outra he huma legoa e se avistam mumtas mais freyguezias situadas entre montes.

5 - Seu termo he da cidade do Porto como fica dito seus lugares são catorze como bem a ser Igreyia, Pombal, Aldeya de Sima, Atam, Mira-Gaya, Cabril, Villar, Agrella, Ribaçais, Louredo, Outeyro, Ribeyro, Quintam, Vezdavis.

6 - Tem esta Igreyia tam somente dois vezinhos Aldeyas, e lugares, os supraditos no capitullo quinto.

7 - Seu orago esta ditto ser Sam Pedro Apostolo tem tres Altares a saber o da Capella Maior que he do Santissimo Sacramento, e o Altar de nossa Senhora do Rozario, e o Altar do Santissimo nome de Jezus, não tem naves as irmandades, que tem primeyramente a do Santissimo Sacramento, segunda a de nossa Senhora do Rozario, terceyra a chamada do Socino, coarta a Irmandade das Almas.

8 - Seu Paroquo desta ditta Igreyia se acina por Abade suposto os rendimentos da dizimaria sam applicados para o feturo siminario da Patriacal de Lisboa e so dam ao ditto Paroquo cada anno cento e três mil Rs de congrua.

9 - Nam tem Beneficiados alguns.

10 - Nam tem conventos de Religiozos, nem de Religiozas alguns.

11 - Nam tem caza de hospital alguma (sic) em seu destrito.

12 - Nam tem caza nenhuma de Mezericordia suposto todos sam caritativos.

13 - Tem tres Ermidas a saber a de Nossa Senhora do Secorro, que he do Morgado Ignacio

Martinho de Magalhais Cirne, e a de Sam Joam Batista que he do Fidalgo Joam Monteyro Mouram e a de Sam Geraldo que he de Dona Angella Pinto de Meyrelles estas Ermidas todas estam situadas em poboaçam.

14 - Aos santos destas Ermidas nem aos mais desta Igreyia nam acode romage alguma.

15 - Os frutos que os labradores colhe nesta freyguezia, e colhem nas suas terras sam a saber milho groço, e miudo, centeyo, vinho, e alguma fruta de pera, e maçam mas munto pouca, e a maior abundancia he do milho groço, e vinho.

16 - Tem Juis ordinario, e este julga athe maior alçada, e destes bam as apelaçois p.^a a re-laçam da cidade do Porto, e também tem Camera subordi-nada ao mesmo Juis.

17 - He Concelho chamado de Porto Carreyro comprede sô a tres freyguezias; a saber esta de Abregam, Maurelles, e Villa boa de Quires, es-te Juis julga em todo o civel, crime, cizas e horfos, e na ditta freyguezia de Villa boa de Quires tem tambem hum couto, e este tem juis, que julga somente do civel e horfos.

18 - Nam ha noticia que nesta freyguezia flo-rocecem homens imsignes por virtudes letras, ou armas de que se faça memoria.

19 - Nam ha feyra alguma porque duas que havia neste Concelho como se faziam sem provizam de Sua Real Magestade se acabou o uzo del-las.

20 - Nam tem esta freyguezia em si correyo e servece do correyo da villa de Arrifana de Souza.

→ 21 - Dista esta freyguezia da Cidade do Porto capital do Bispado sete legoas e da cidade, e corte de Lisboa capital do Reyno cecenta legoas.

22 - Nam tem privilegios, anteguidades ou outras couzas dignas de memoria.

23 - Nam ha fonte alguma ou lagoua selebre, que suas agoas tenham especial qualidade.

24 - Nam tem Porto de Mar nem embarca-çois.

25 - Nam he terra murada nem tem praça de armas nam tem castello, nem torre alguma.

26 - No terremoto de mil cete centos e sin-coenta e cinco seja Ds. bemditto nam succedeo ruina alguma nesta freyguezia nem nos seus ara-baldes.

27 - E nam ha mais couza alguma de que po-ça dar parte pertensente a este emterogatorio.

15 - Nesta freyguezia nam tem pontas nem de pedra nem de pau mas sim barcoas de Navegem de. Como esta terra nam he serra mas sim como

16 - Nam tem nesta freyguezia lagoa 261
azeyte puros, de noras, mas sim em algumas das

ja esta dito terra citta entre montes direy o que se me oferece.

1 - He chamada esta a freyguezia de Abragam tem de comprimento meya legoa e de largura tera outra meya.

2 - Seu prinsipio he do barco da paçagem e finda ao sitio chamado a Crus do Carbalho.

3 - O nome esta ditto e como nam he serra nam tem braços.

4 - Nam nasce nesta freyguezia Rios alguns de notavel corrente so alguns regattos q. no emberno levam correntes de agoas e no bram secam quazi de todo e fenecem no Rio Tamega.

5 - No destrito de huma legoa em redondo so ha a villa de Arrifana de Souza, e a villa de Canavezes.

6 - Nam ha nesta freyguezia fontes algumas de propriidades raras como fica ditto.

7 - Nam ha minas de metais, nem de outros materiaes de estimaçam.

8 - Ha algumas erbas, e plantas de que os Boticairos se aproveytam para as boticas mas nam sey de alguma que tenha especial virtude para aqui fazer mençam della da cultura e frutos ja fica ditto.

9 - Nam ha Mosteyros nem Igreyas de Romagem como ia ficca ditto.

10 - Sua qualidade he ser fria de emberno, e quente de bram mas tudo em bom temperamento.

11 - A criaçam, que ha de gados he tam somente alguma, que nasce dos animais que os Labradoros tem pera cultivar suas terras, de cassa ha somente de coelhos e perdizes mas em pouca abundancia.

12 - Nam ha lagoa nem fojo notavel.

13 - Nam ha mais couza alguma digna de memoria pertencente a este tratado.

O que se pode dizer do Rio que passa por esta freyguesia he o seguinte.

1 - O Rio chamado Tamega que devida esta freyguezia de outras conforme tenho noticia nasce no Reyno de Castella.

2 - Tenho noticia que este Rio nasce assima de chaves des legoas aredado por Castella dentro e conforme a noticia que tenho, e conforme tenho lido me constante prinsipia em huma fonte de agoa quente ferbendo, e corre por esta freyguezia ja munta cauduloso e numca falto de agoas em tempo algum.

do Adro da Igreja de San Mamede, se descobre a Serra do Gerres, situada dentro do Arcebispado de Braga Primas: a qual dista, segundo me informam, desta Villa, cinco legoas.

3 - Nam entra neste Rio outros Rios alguns emquanto no sitio desta freyguezia nem nas vezinhansas della mas sim alguns regattos que de emverno correm caudulozos e de beram fenecem quazi de todo mas tenho noticia que em outras partes e setios se lhe ajuntam alguns Rios pique-nos que numca fenecem.

4 - Nam he navegavel athe entrar a Rua de Entre-ambos-os-Rios no Rio chamado Douro mas dahi pera sima tem varias barcas de paçagem de travez.

5 - He Rio de curso arebattado em partes e em partes corre quietto.

6 - He Rio que pellas boltas que da no seu curso em partes corre de norte ao sul, e em partes de nascente ao poente, entra no Mar junto com o mesmo Rio Douro em a Praya da cidade do Porto fazendo sua entrada de nascente ao poente.

7 - Queria variedade de peyxes como sam bogas scallos, e trutas tambem nelle corre lampreyas nos mezes de Março, Abril e Mayo e a maior abundancia de peyxes que ha neste Rio he de bogas, e scallos.

8 - Em todo o anno ha pescaria neste Rio mas he so de chumbeyra, pardelho, e anzol.

9 - Todas estas pescarias de chumbeyra pardelho e anzol sam livres no sitio desta freyguezia so em algum tempo como he no mes de Março Abril Mayo, e Junho tem algumas pessoas bogueyros no mesmo Rio, que nelles armam redes em que caçam peyxes, que sam seus particullares por estarem em suas testadas.

10 - Nesta freyguezia ha alguma cultura nas margens do ditto Rio mas mumto pouca porque quazi em toda a parte sam matos sem frutto.

11 - No mez de Setembro tem virtude digo no mes de Agosto tem virtude as suas agoas de dar saude tomando na corrente dellas banhos.

12 - Sempre este Rio me consta ter o nome do Tamega athe entrar no ditto Rio Douro e em parte alguma me nam consta ter outro nome.

13 - Junto este Rio com o Rio Douro seis legoas aredado do Mar ahi morrem ambos na fos chamada de Sam Joam.

14 - Tem este Rio pesqueyras em que se matam lampreyas, e toda a mais qualidade de peixe ja ditto, que lhe embaraçam o ser navegavel.

15 - Nesta freyguezia nam tem pontes nem de pedra nem de pao mas sim barquos de paçagem de traves.

16 - Nam tem nesta freyguezia lagares de azeyte pizois, ou noras, mas sim em algumas das

queyras ja dittas tem muinhos em que se moe
m.

17 - Nam me consta que em tempo algum se
irace ouro em suas areas nem outro qualquer ge-
ro de metal.

18 - No sitio desta freyguezia nem athe honde
tenho conhecimento deste Rio nam tenho noticia
hom levadas das agoas delle para regar milhos
nem para cultura de outros quaisquer frutos.

19 - Nam sey certamente quantas legoas tem
ditto Rio do seu nacimiento athe fenecer no Mar
mas julgo tera quarenta he sete pello que tenho
ouvido, a pessoas que rezam tem para o saberem
poboaçois por donde paça sam as que tenho
ditto na minha freyguezia que de outras nam posso
dar conta pois as nam sey.

20 - Nam sey de mais couza alguma especial
nem notavel que possa dizer deste ditto Rio.

Eu o Pe. Manoel de Aguiar Vr^a. Cura da Ig^a.
fr^a. de Sam de Abragam que he da Com^a. de
Penafiel Bdo. do Porto. Certifico que vi e exami-
ney os interrogatorios aqui incluzos e tudo o que
ay escrito aqui nestas sete meyas folhas de papel
he tudo verde. sem acrescetar nem deminuir
couza algua ao q̄. pude comprehender para dar
resposta aos ditos interrogatorios aqui escritos o
que tudo passa na verde. e sendo necess^o. o afirmo
n verbosacerdotis. Abragam e de Abril 19 de 1758

M.el de Aguiar Vra.

ARRIFANA DE SOUSA

Freguesia e Villa de S. Martinho de Arrifana
de Souza da commarca de pennafiel de Souza do
Bispado do Porto.

1 - Está esta dita Villa situada nesta Freguesia
de Sam Martinho de Arrifana de Souza; da Co-
marca de penafiel de Souza, deste Bispado; e co-
marca do Porto; e situada na Prouincia entre Dou-
ro, e Minho; =

2 - Sua Magestade Fedilissima, que Deos
goarde, o Senhor Dom Jose o Primeiro; he o Se-
nhor Donatario desta dita Villa;

3 - Tem esta Villa oito sentos e dous Fogos
Tem mil e sete sentas e sesenta e duas PESSO-
as Majores. Tem Pessoas Menores sento e nouen-
ta e noue

4 - Está situada em huma costa de Monte; e

do Adro da Irmida de Sam Mamede, se descobre
a Serra do Geres, cituada dentro do Arcebispado
de Braga Primas; a quoa dista, segundo me imfor-
mam, desta Villa, oito legoas;

e também desta Villa se descobrem as Fre-
guezias seguintes = A Freguezia de Santa Marinha
de Lodares; que dista desta Villa meja Legoa =

E a Freguesia do Saluador de Nouellas, e a
Freguezia de Sam Thome de Vitarains, que ambas
distam desta Villa, hum Coarto de Legoa =

Como também a Serra de Sam Thiago, e a
Freguezia de Louredo, que distam desta Villa, hu-
ma legoa grande; =

E a freguezia de Sam Miguel de Christello, e
a de Sam Cosme de Besteyros, que ambas, distam
desta Villa, para sima de legoa e meja =

e também se descobre a fraguezia de Santa
Maria Magdalena, e a freguezia do Saluador de
Castelloins da Sepeda, que ambas distam desta
Villa huma legoa =

e também a Serra, e freguezia de Baltar, que
dista desta Villa, duas Legoas =

Freguezia de fora Termo tambem desta Villa
5 - Tem esta Villa seu termo; o qual com-
priende os lugares da freguezia de fora = o Lugar
dos Pellames com hum morador

O Lugar de Crasto de bayxo, e o de sima,
com dous moradores

O Lugar de Leiras, com hum so morador

O Lugar da Cova; com sinco moradores

O Lugar de Louredo; com noue moradores

O Lugar do Ruibal de Sima; com hum mora-
dor

O Lugar do Outeyro, com dous moradores

O Lugar da Vinha, com hum morador

O Lugar do Ruibal de bayxo, com dous mora-
dores

O Lugar da Quinta, com dous moradores

O Lugar da Rapozeira, com hum morador

O Lugar da Vinha uelha, com sete morado-
res

O Lugar da Auelleda de Sima, com dous mo-
radores

O Lugar da Auelleda de bayxo, com trinta
moradores

O Lugar da Sepeda, com onze moradores

O Lugar da Agrella, com tres moradores

O Lugar da Perrella, com doze moradores

O Lugar de Cazal Gracia, com treze morado-
res

O Lugar de Beco com tres moradores



ALCANTARA PRINCIPAL
A vista em direção superior ao alpendre da estrada
da Casa dos Oficiais da Praça 5ª de Junho

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO LOCAL DE IMPLANTAÇÃO

ALÇADO LATERAL, DIREITO

ALÇADO LATERAL, DIREITO



ALÇADO PRINCIPAL

O arco em pedra assente no alpendre da entrada da Casa das Ofertas da Nossa S^a da Saúde



ALÇADO LATERAL DIREITO

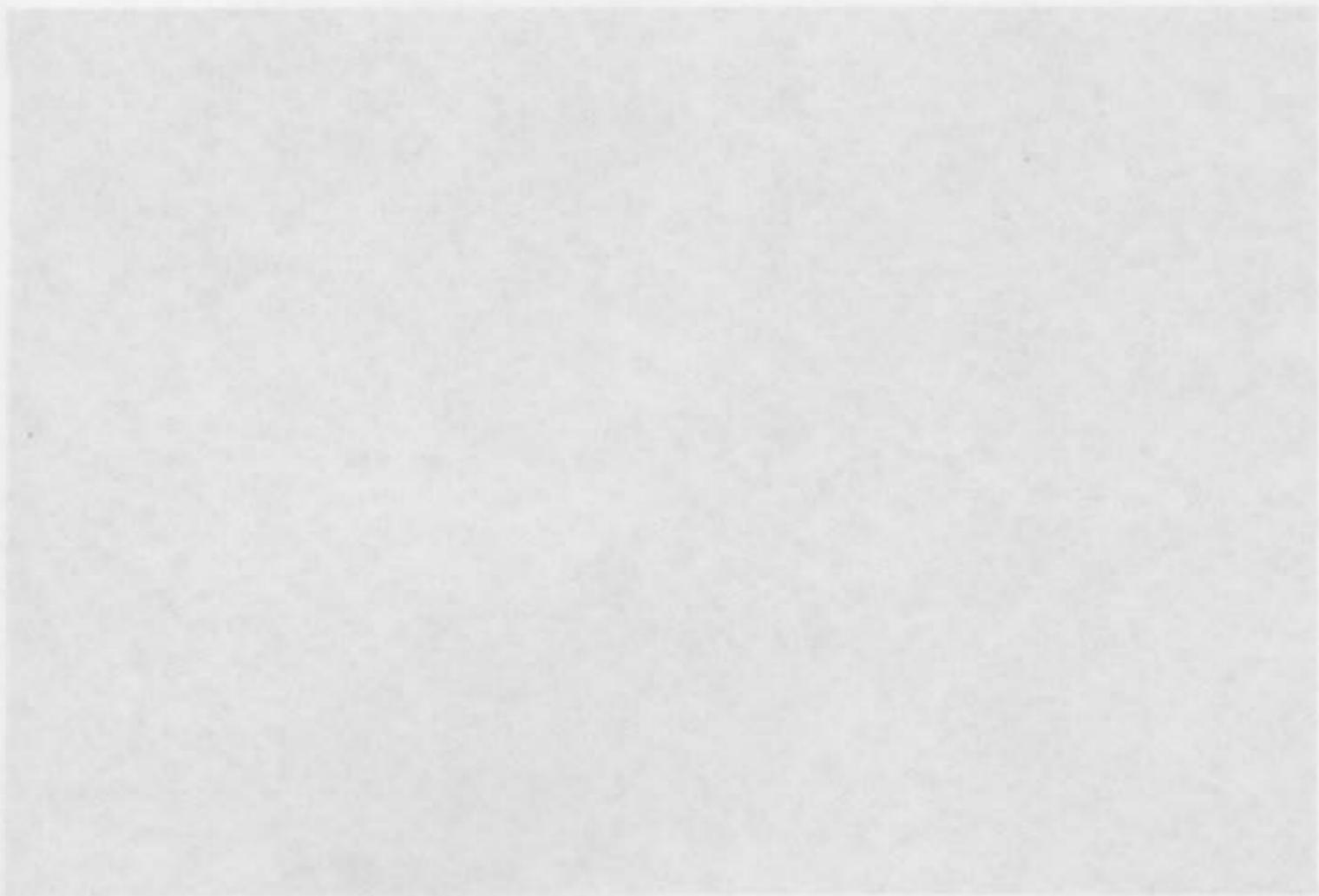
. Desnivel, aproximadamente de 3 metros

*Atenas de piedra de los de propósitos diversos
(Investigación de una antigua (brecha))*

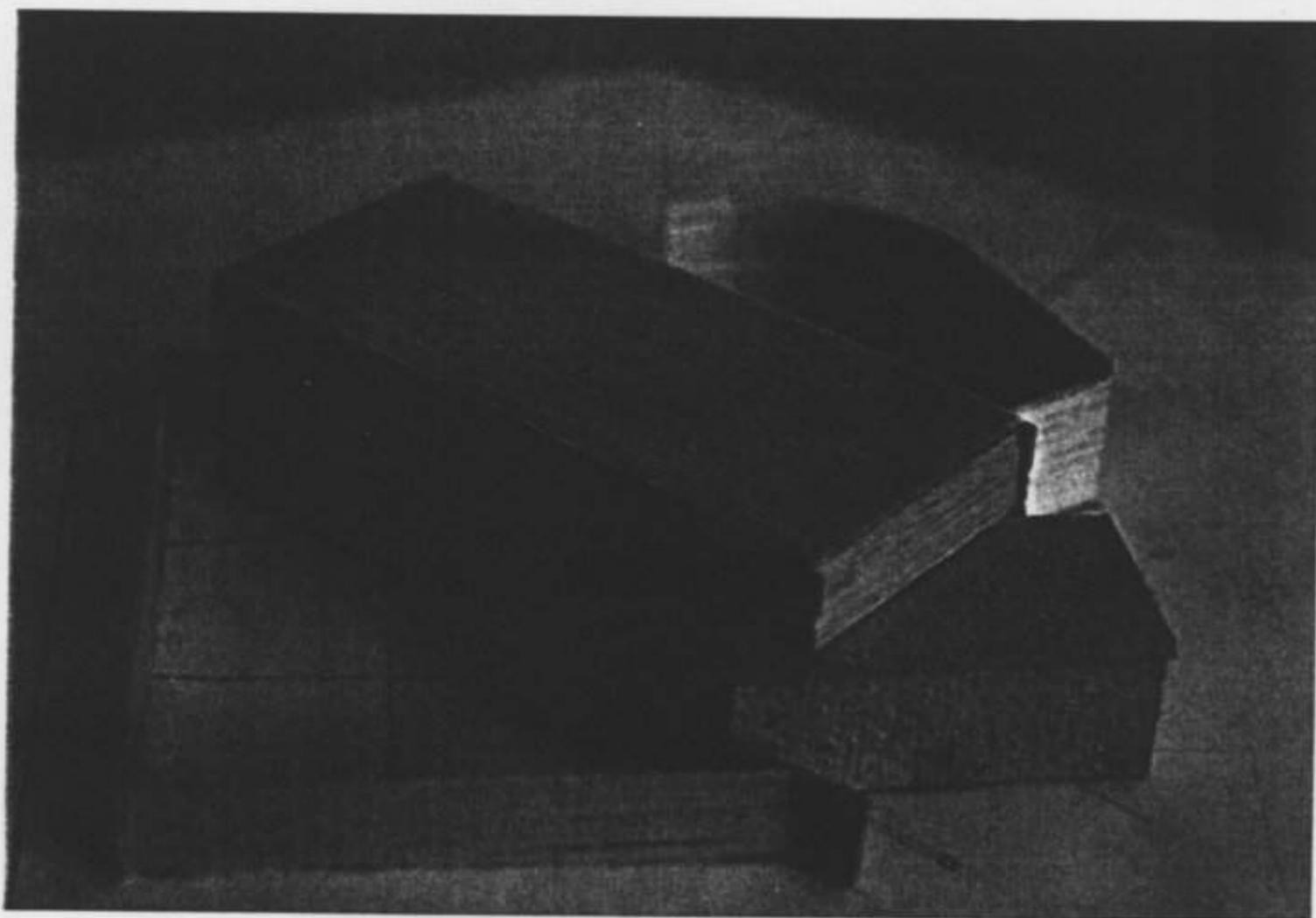


ALÇADO POSTERIOR

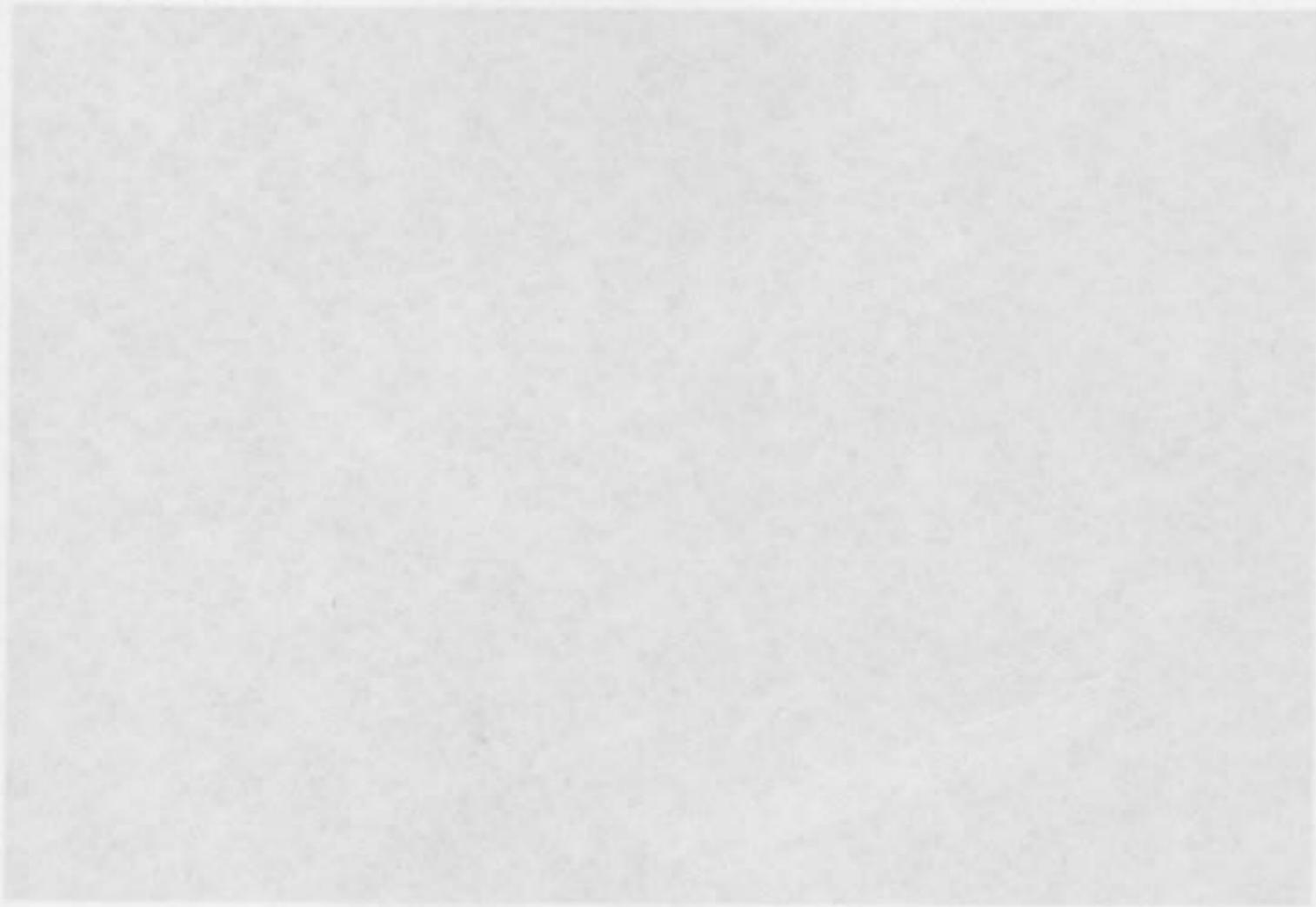
*Muro de pedra dotado de pequenas aberturas
(vestígios de uma antiga função)*



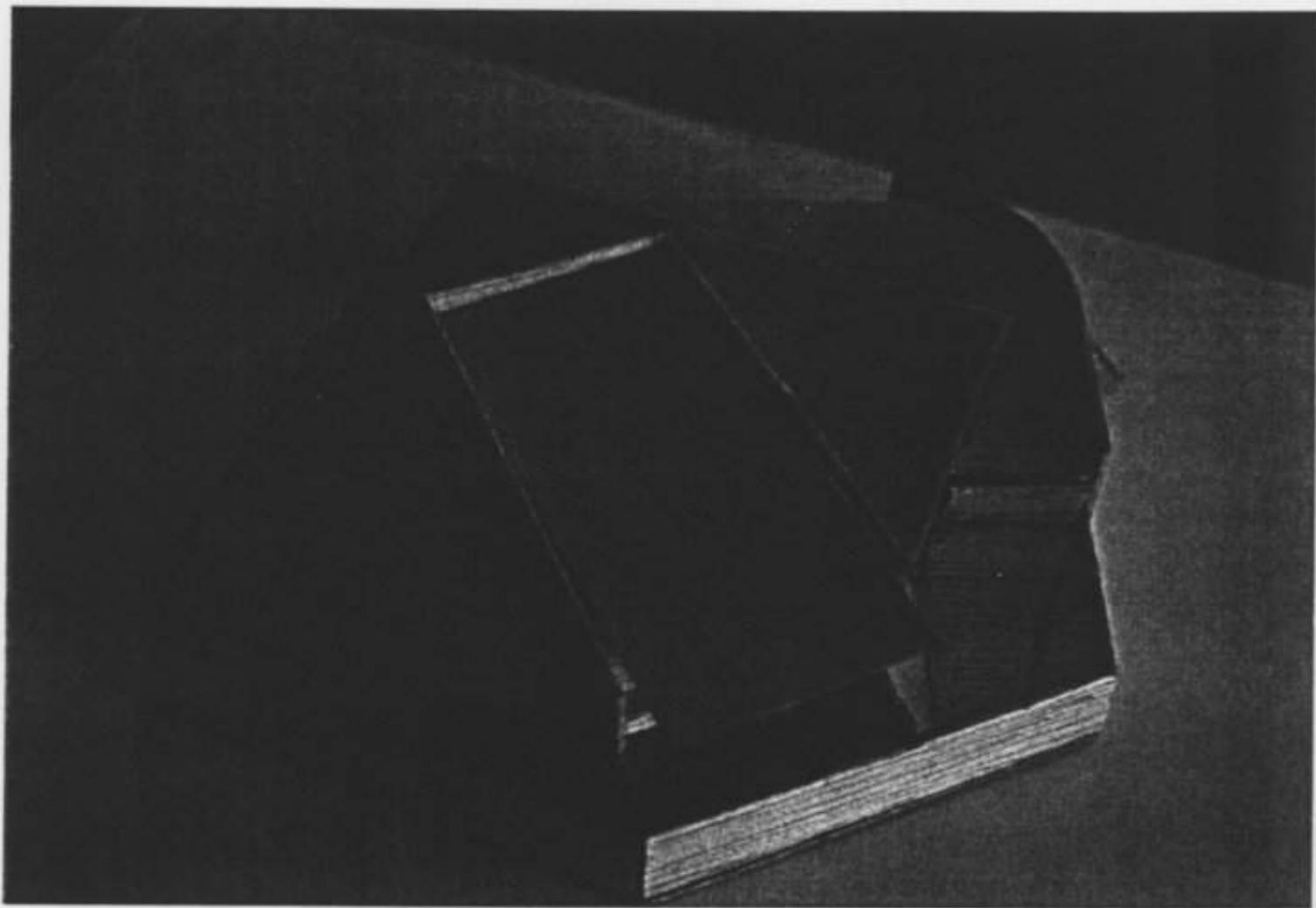
1ª MAQUETE



1^{re} MAQUETE



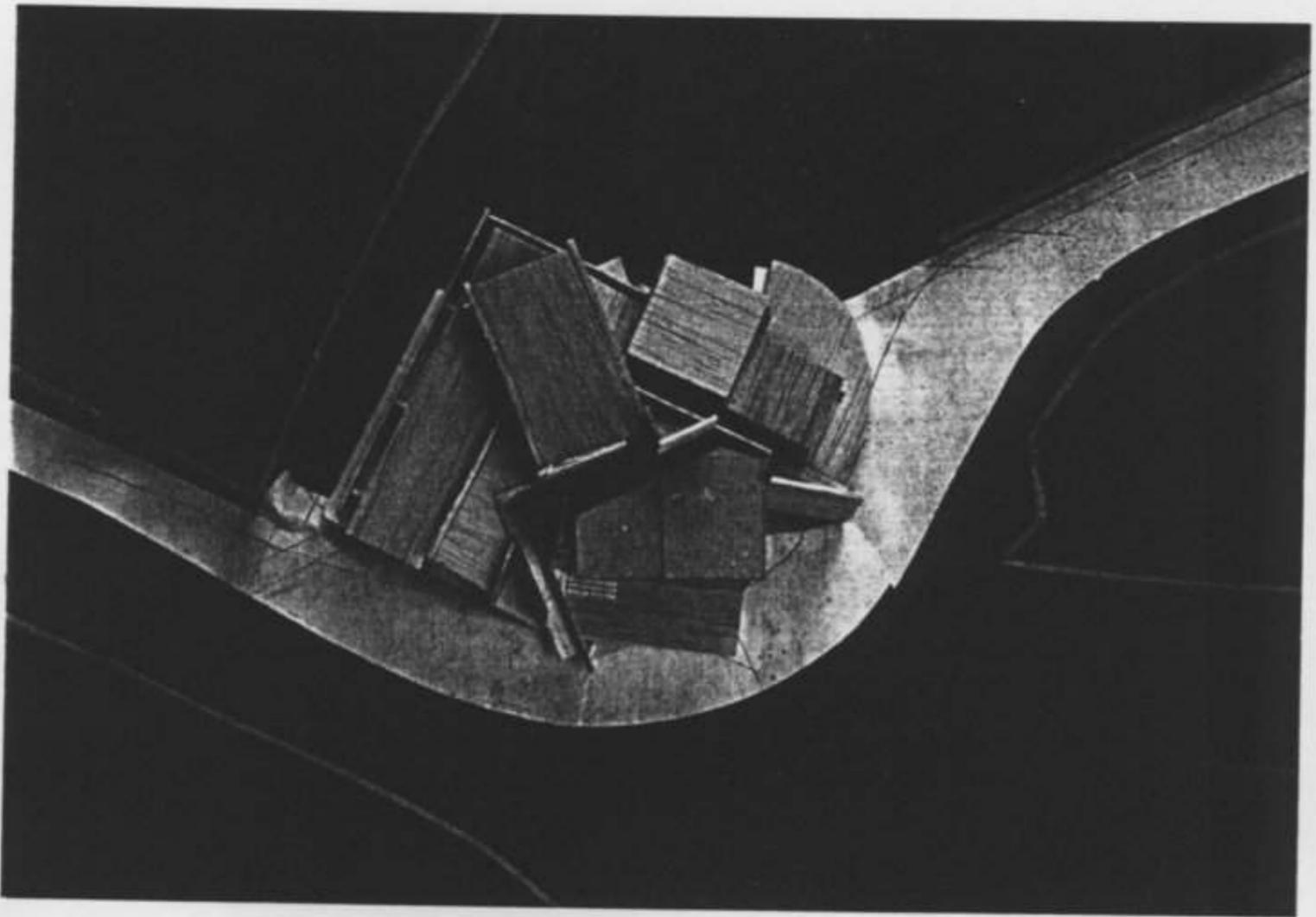
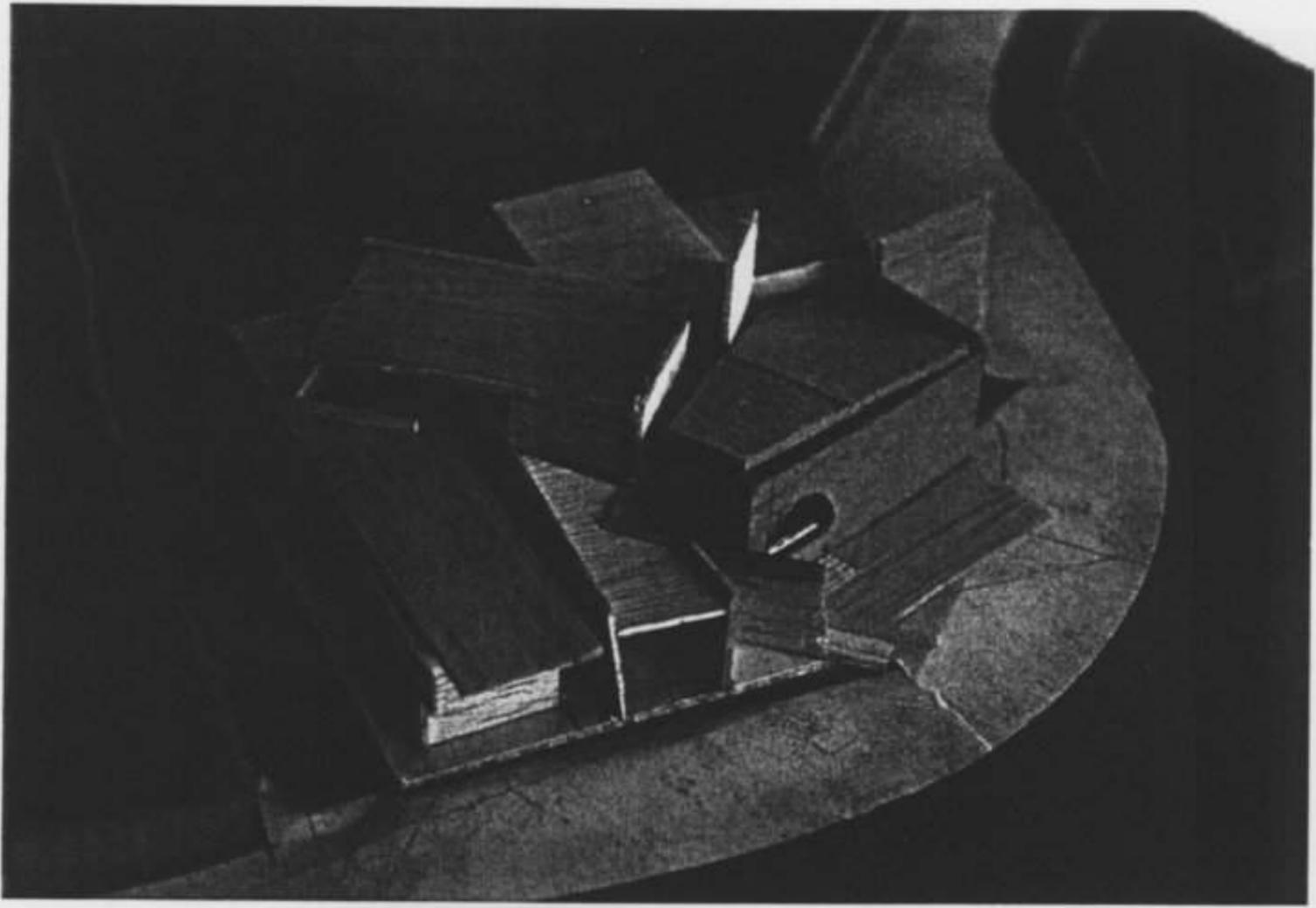
2ª MAQUETE



3^e MAQUETE



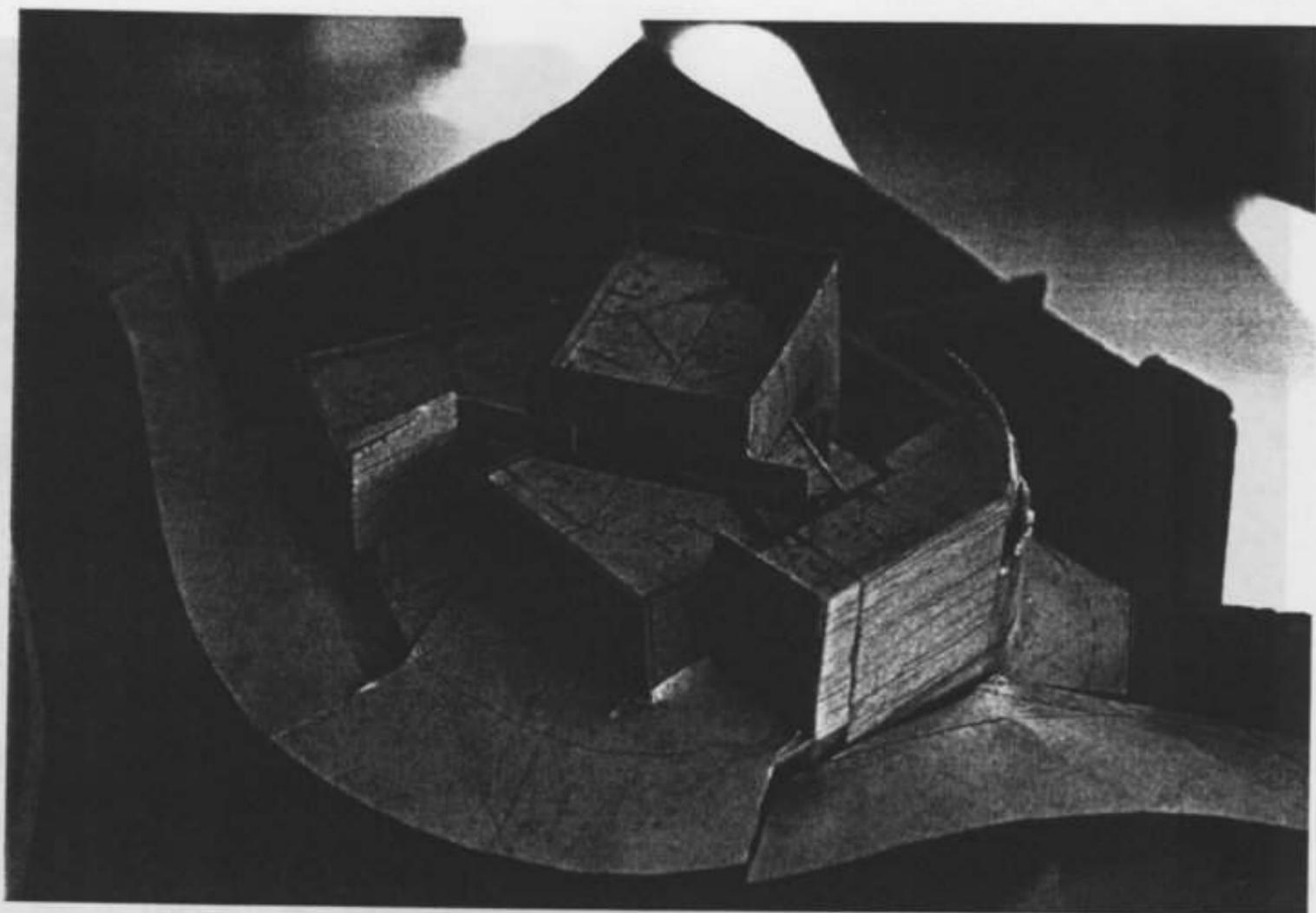
3ª MAQUETE

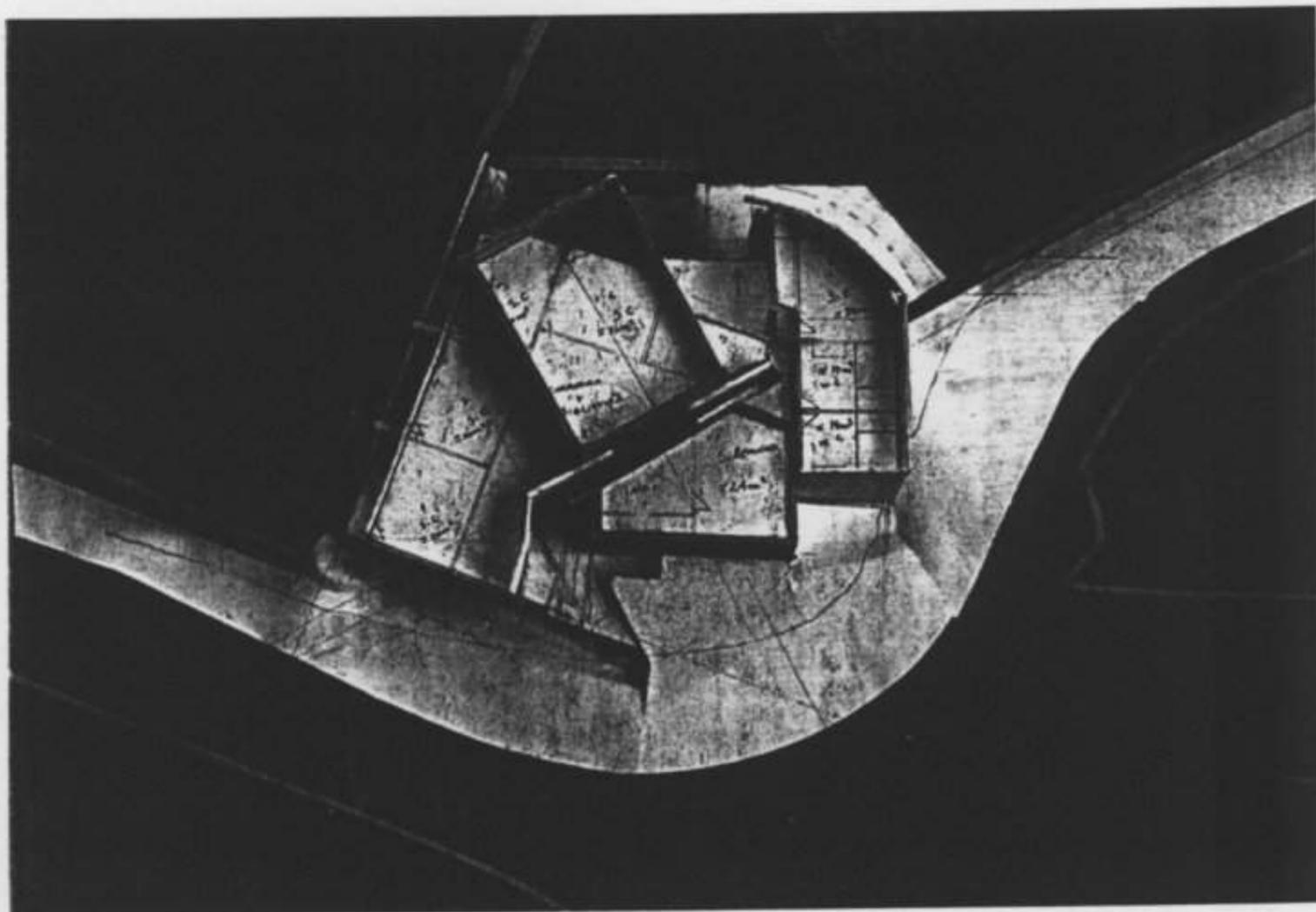
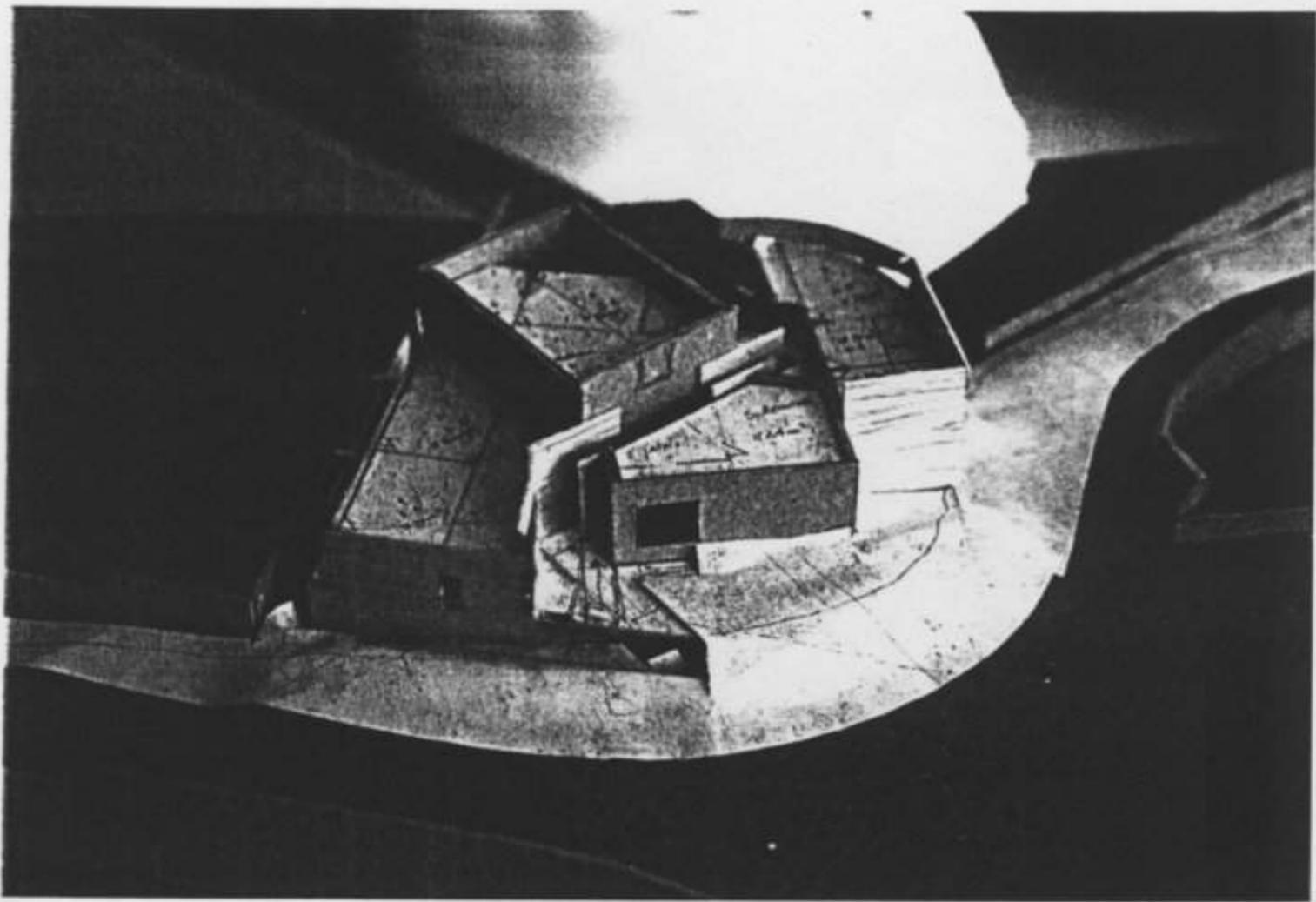


MAQUETE



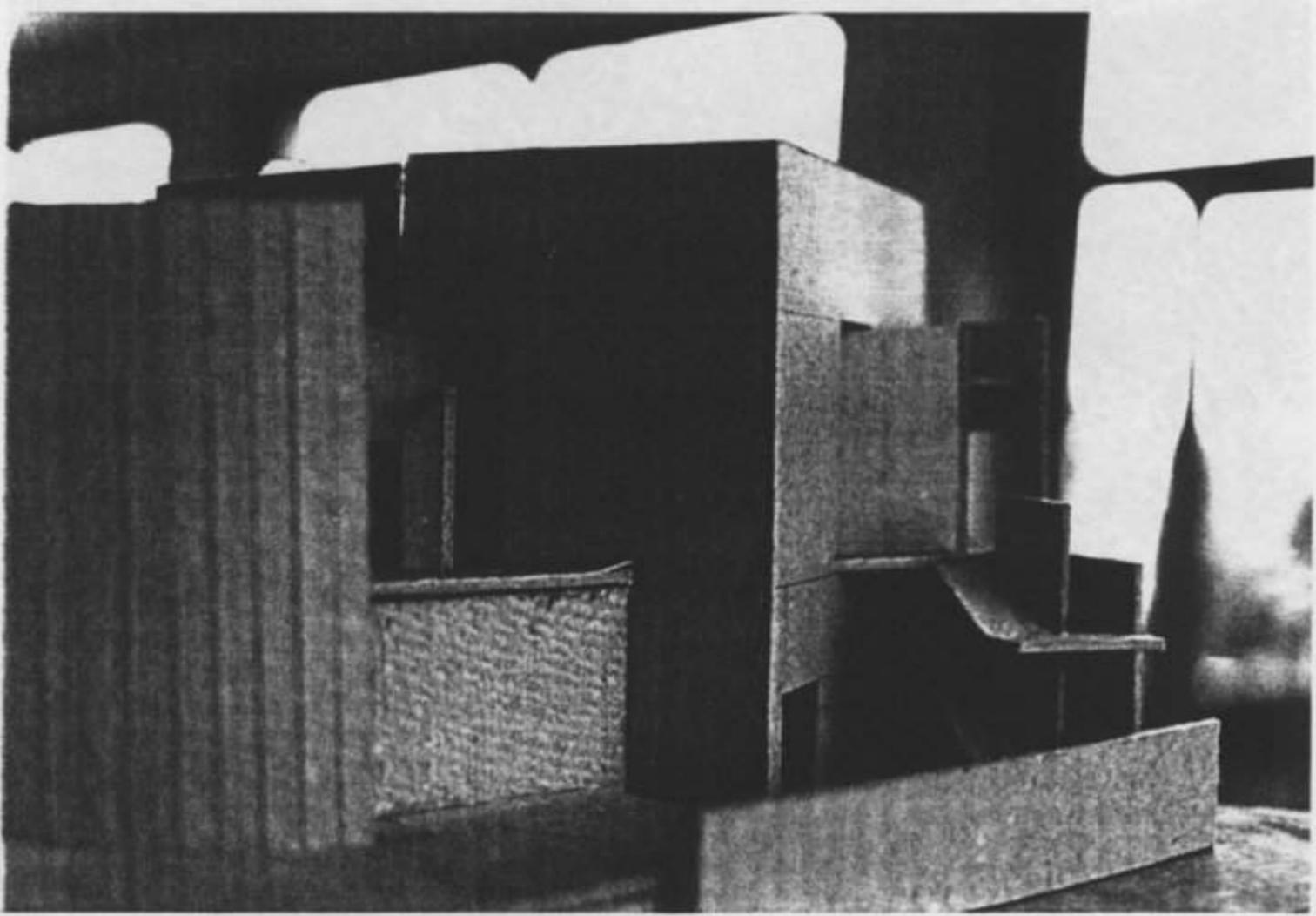
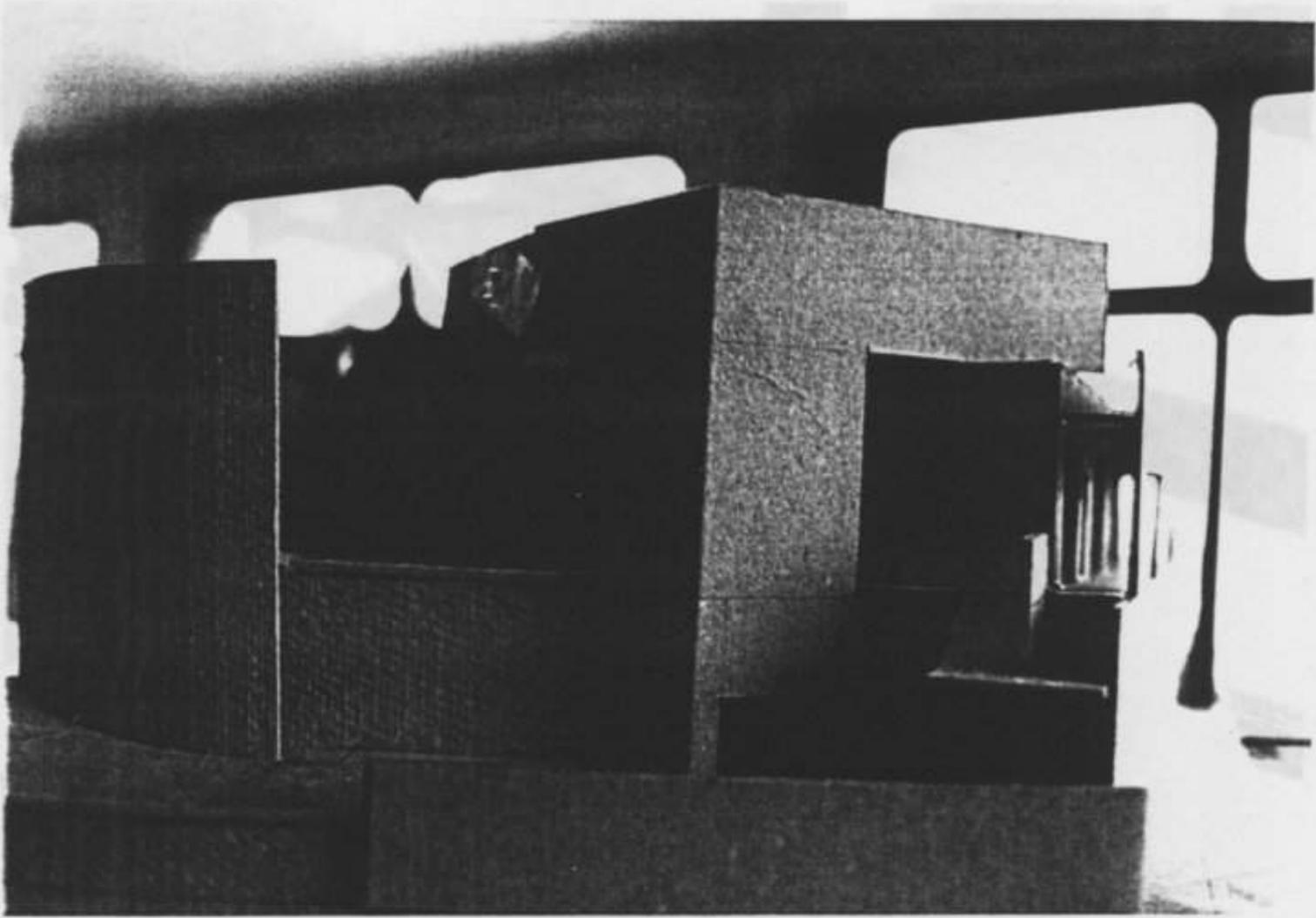
4ª MAQUETE

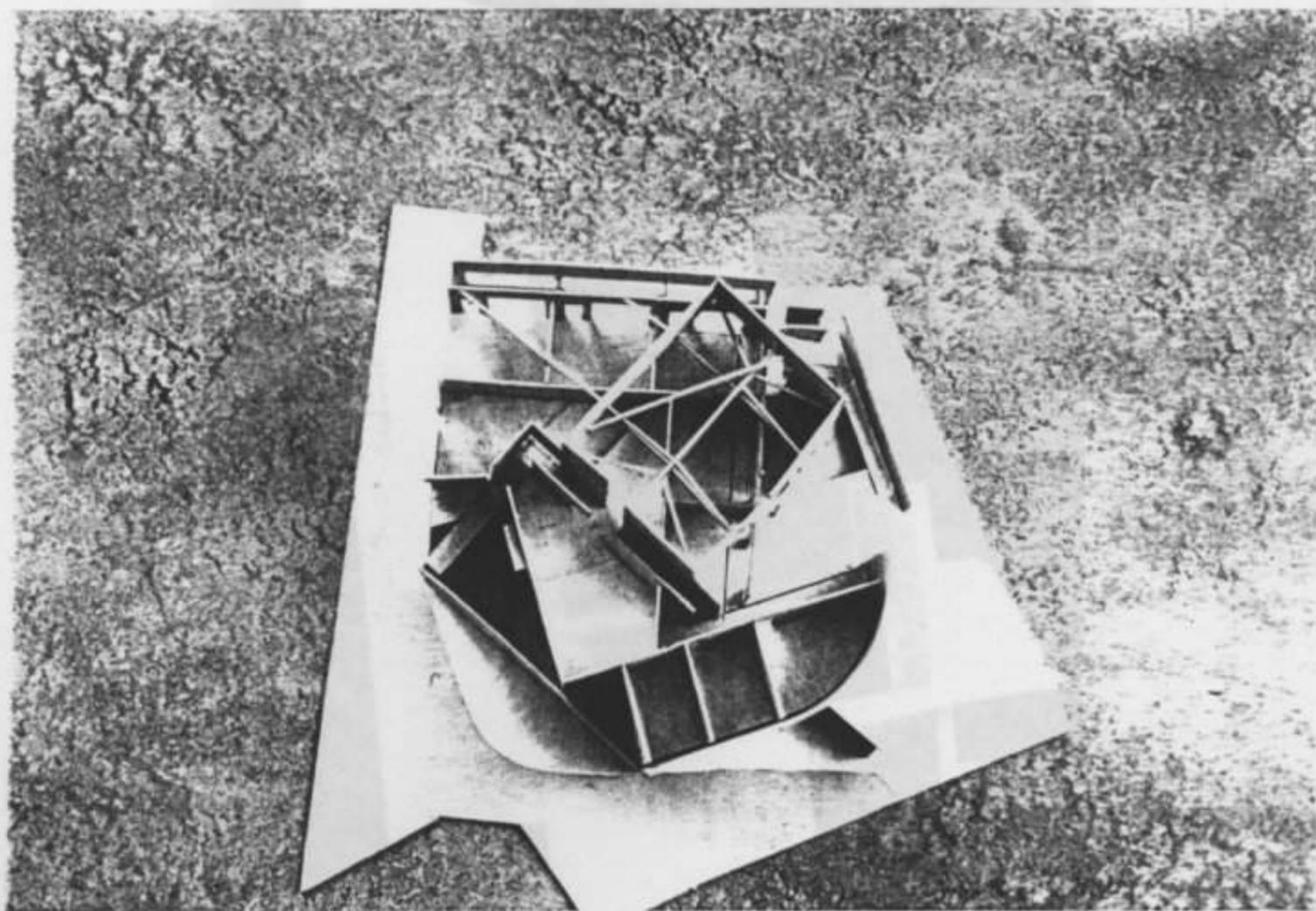
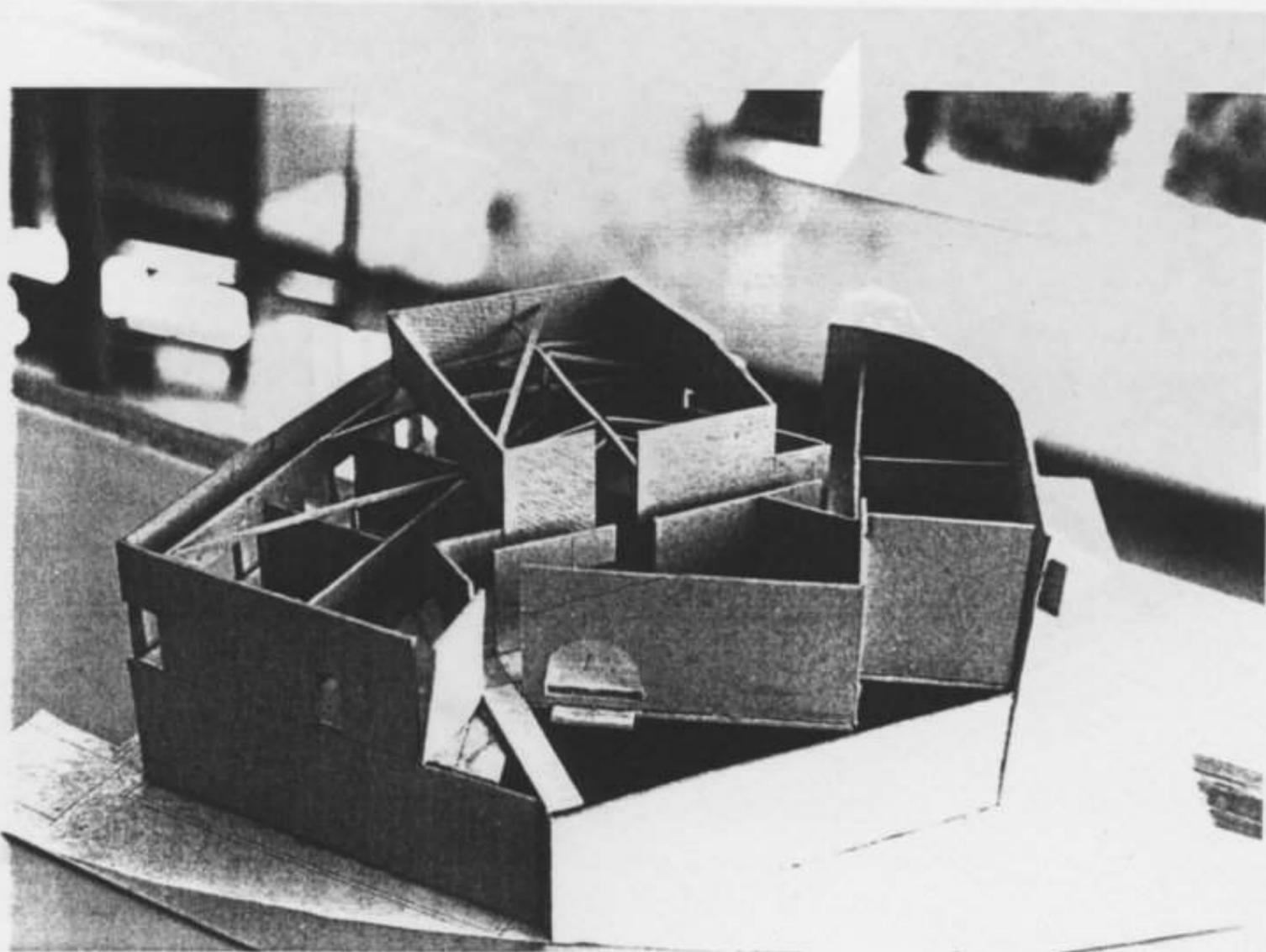


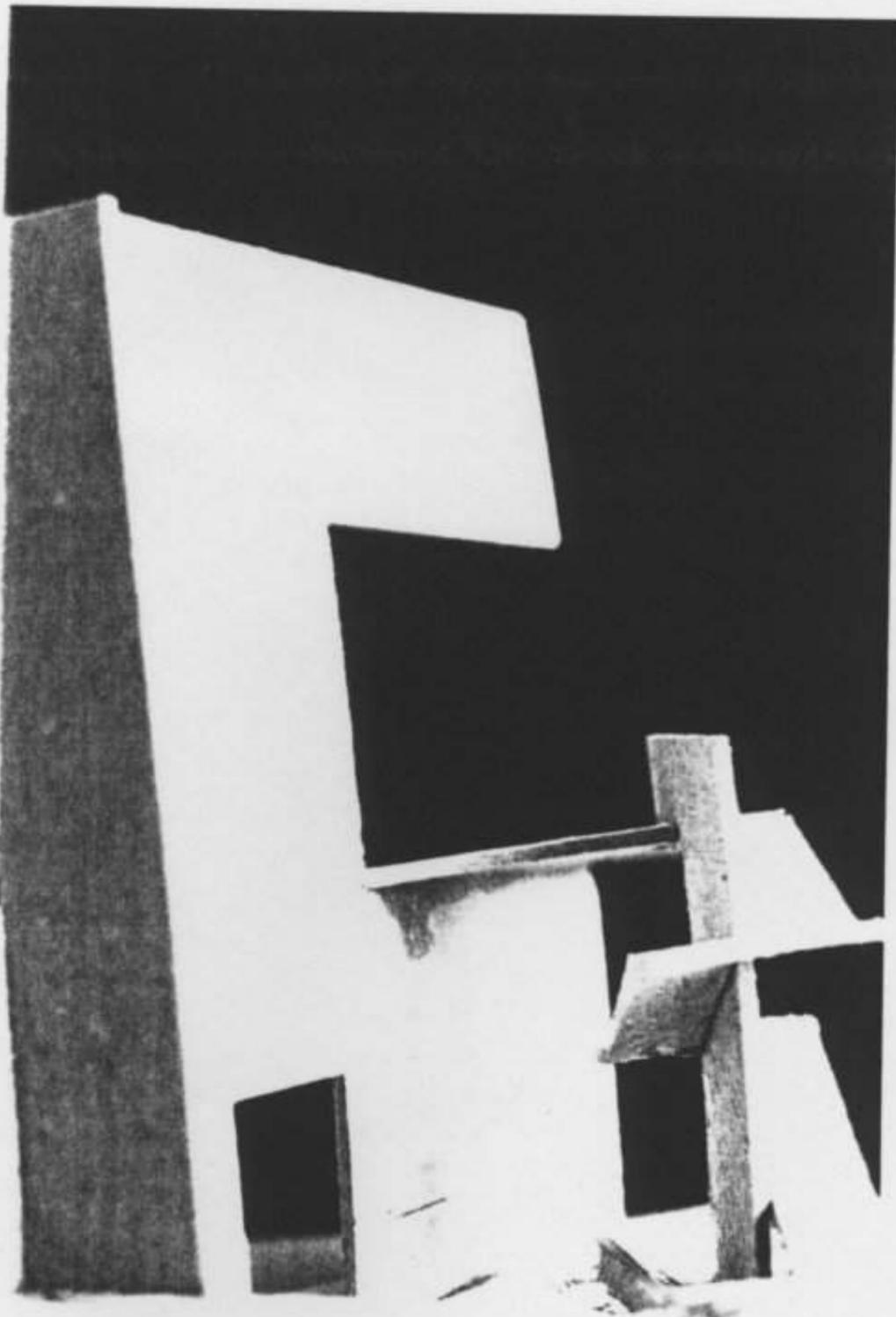
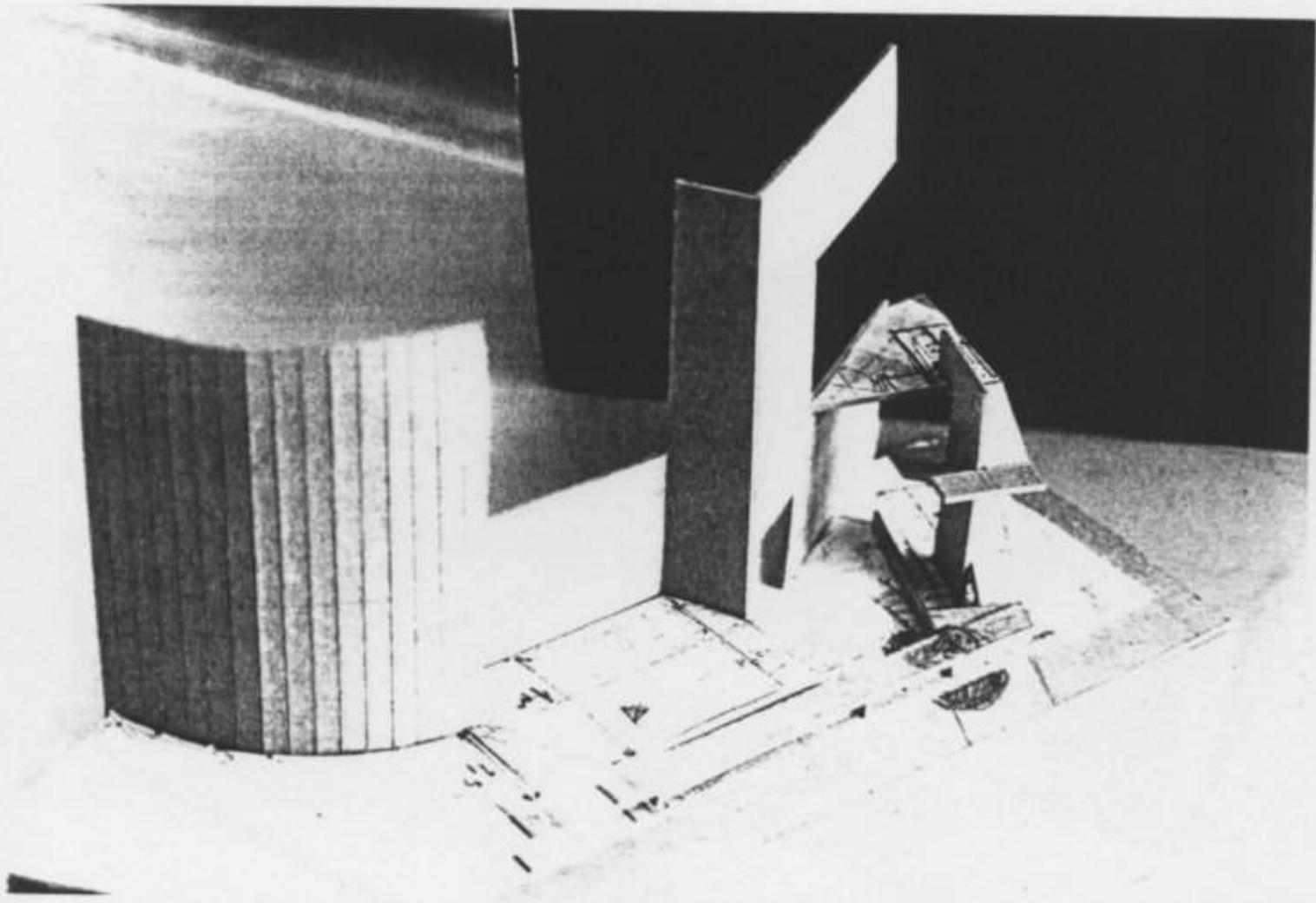




5ª MAQUETE



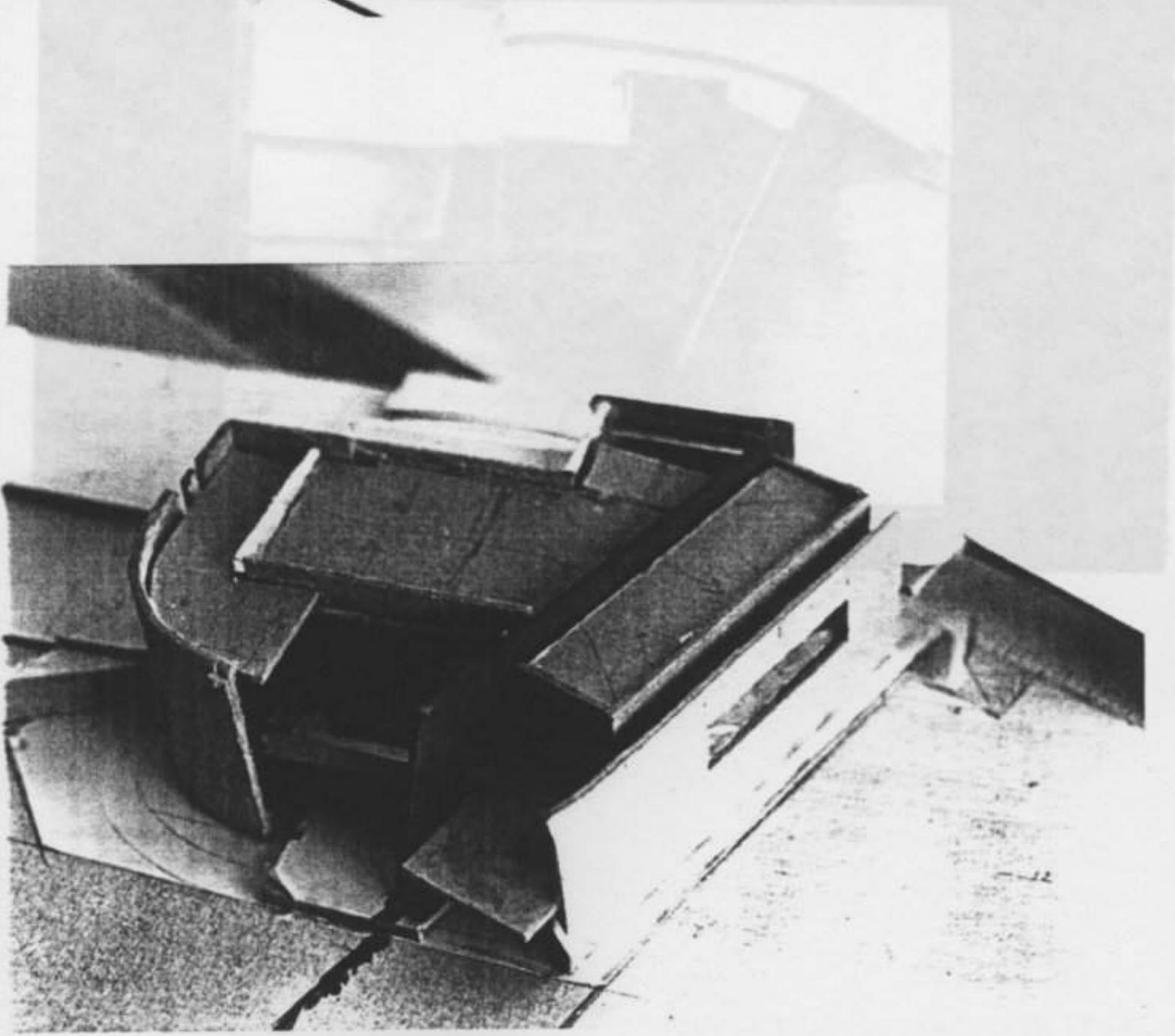
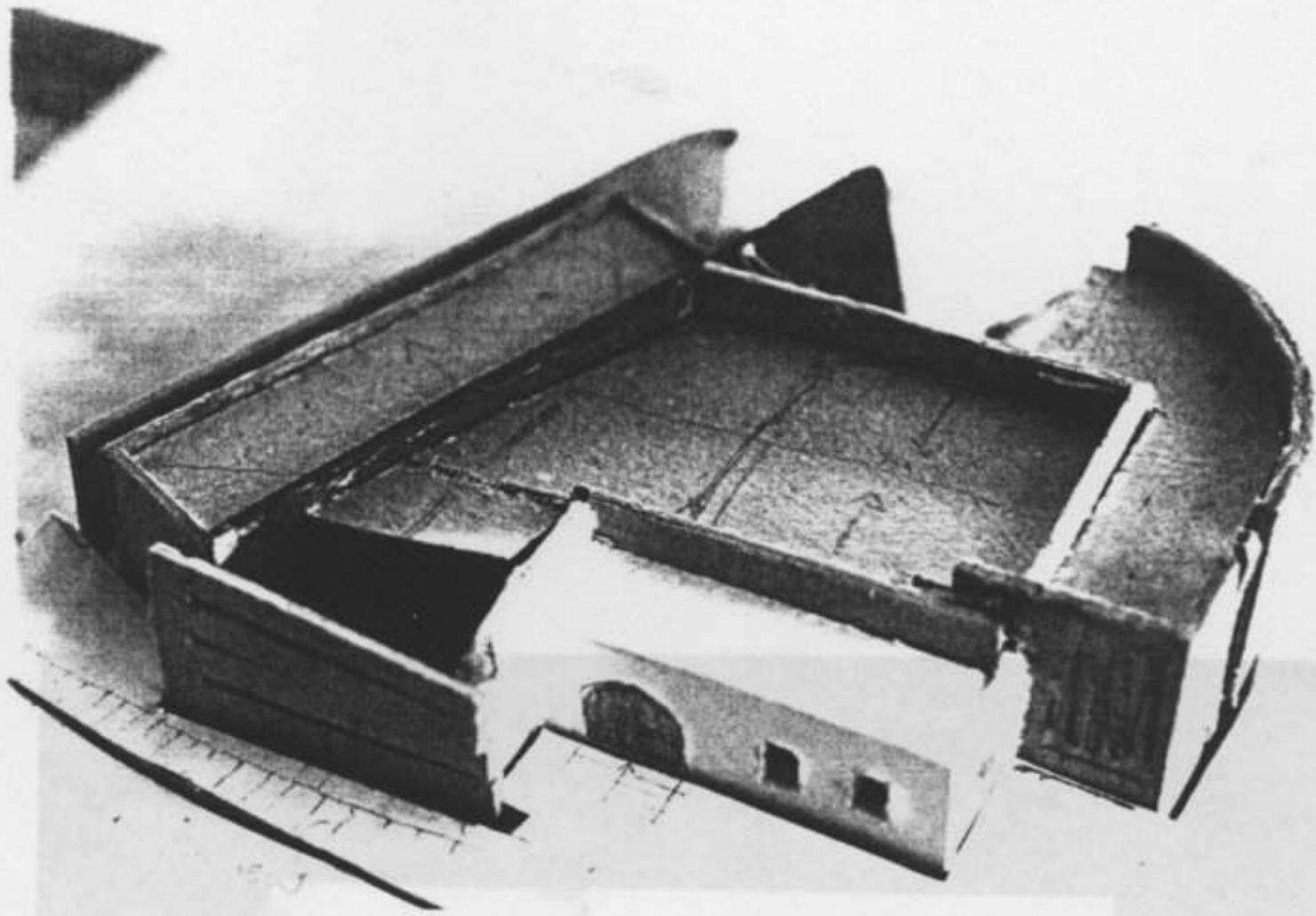


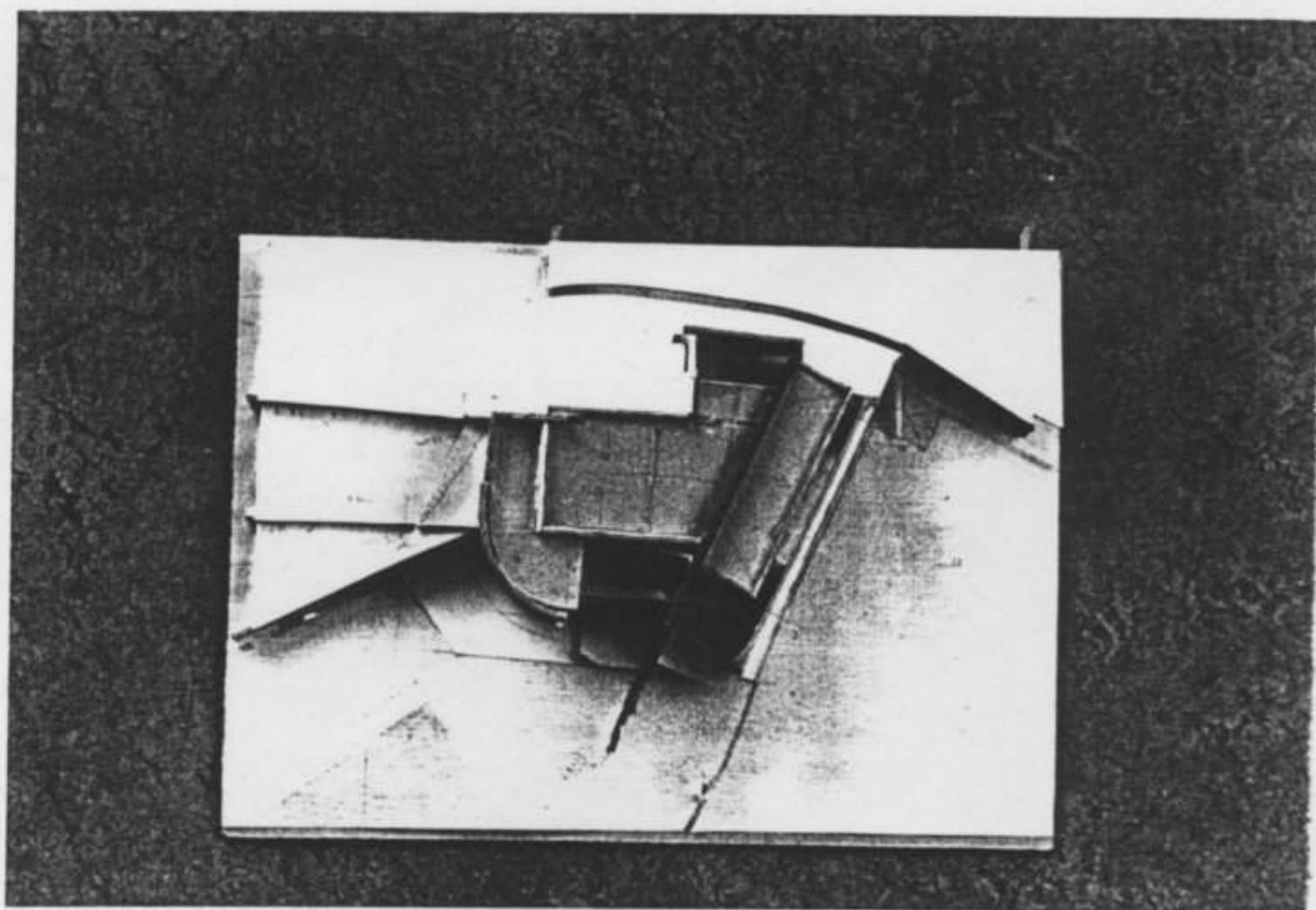


6^e MAQUETE

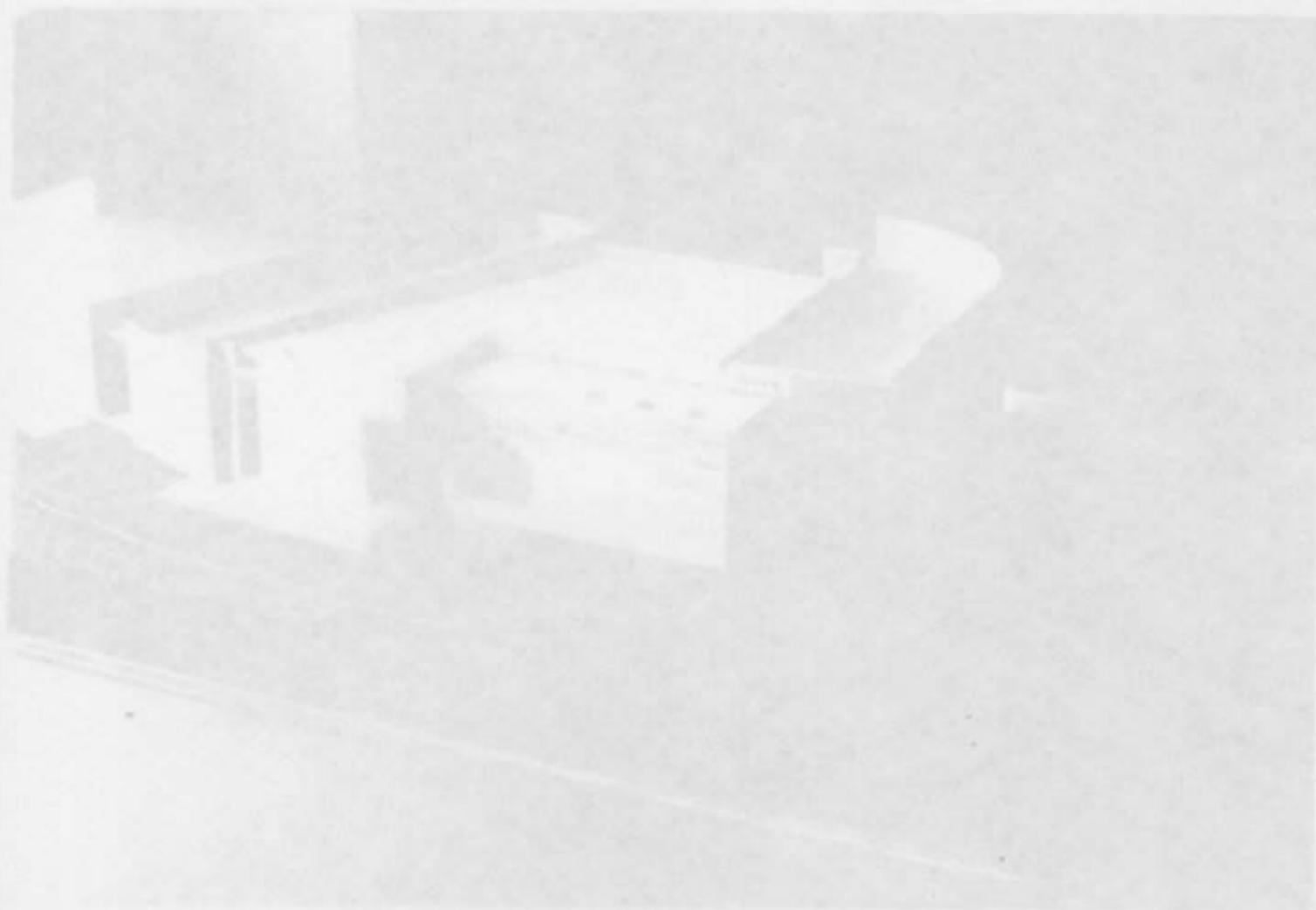


6ª MAQUETE



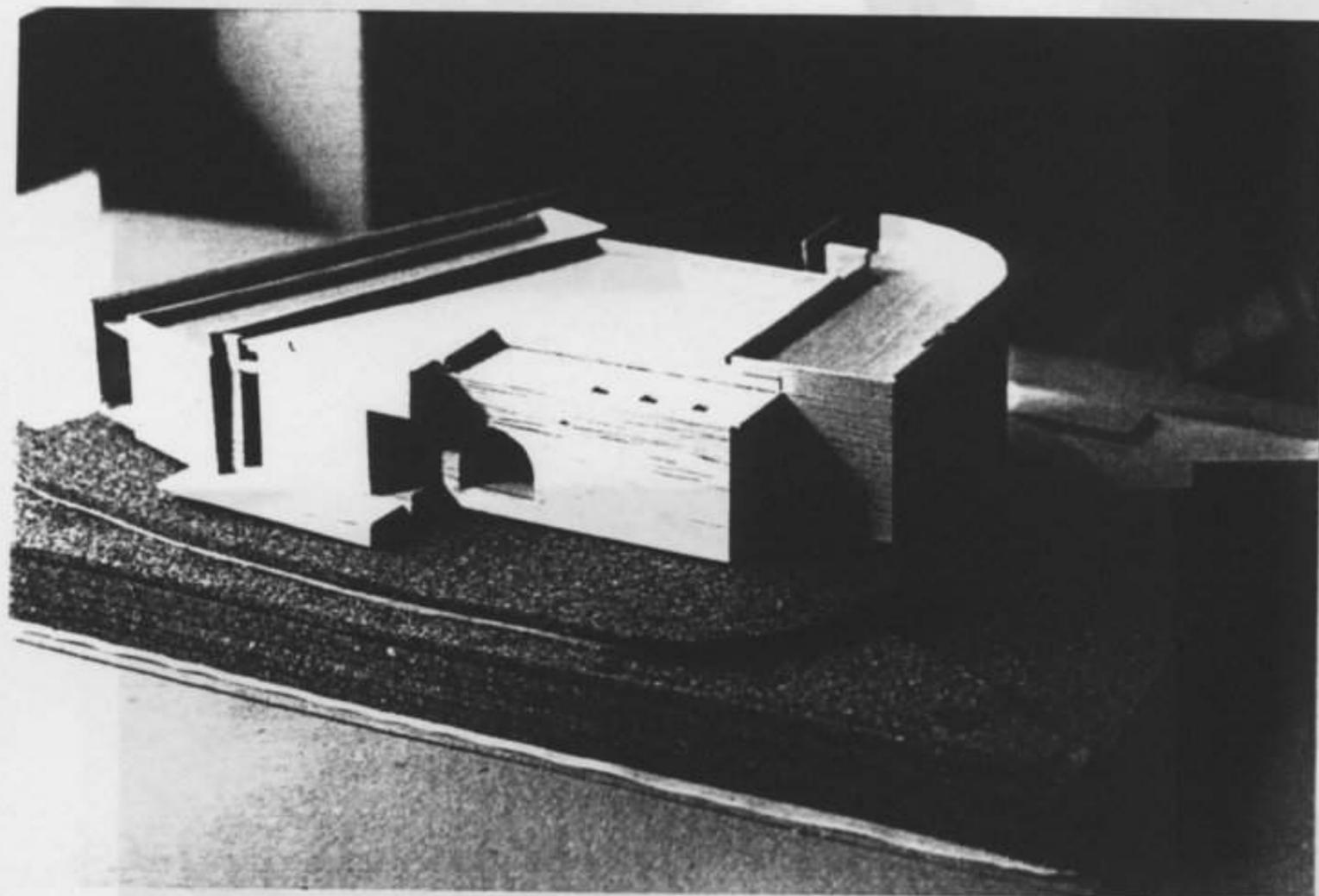


FOTOGRAFIAS DA MAQUETE FINAL

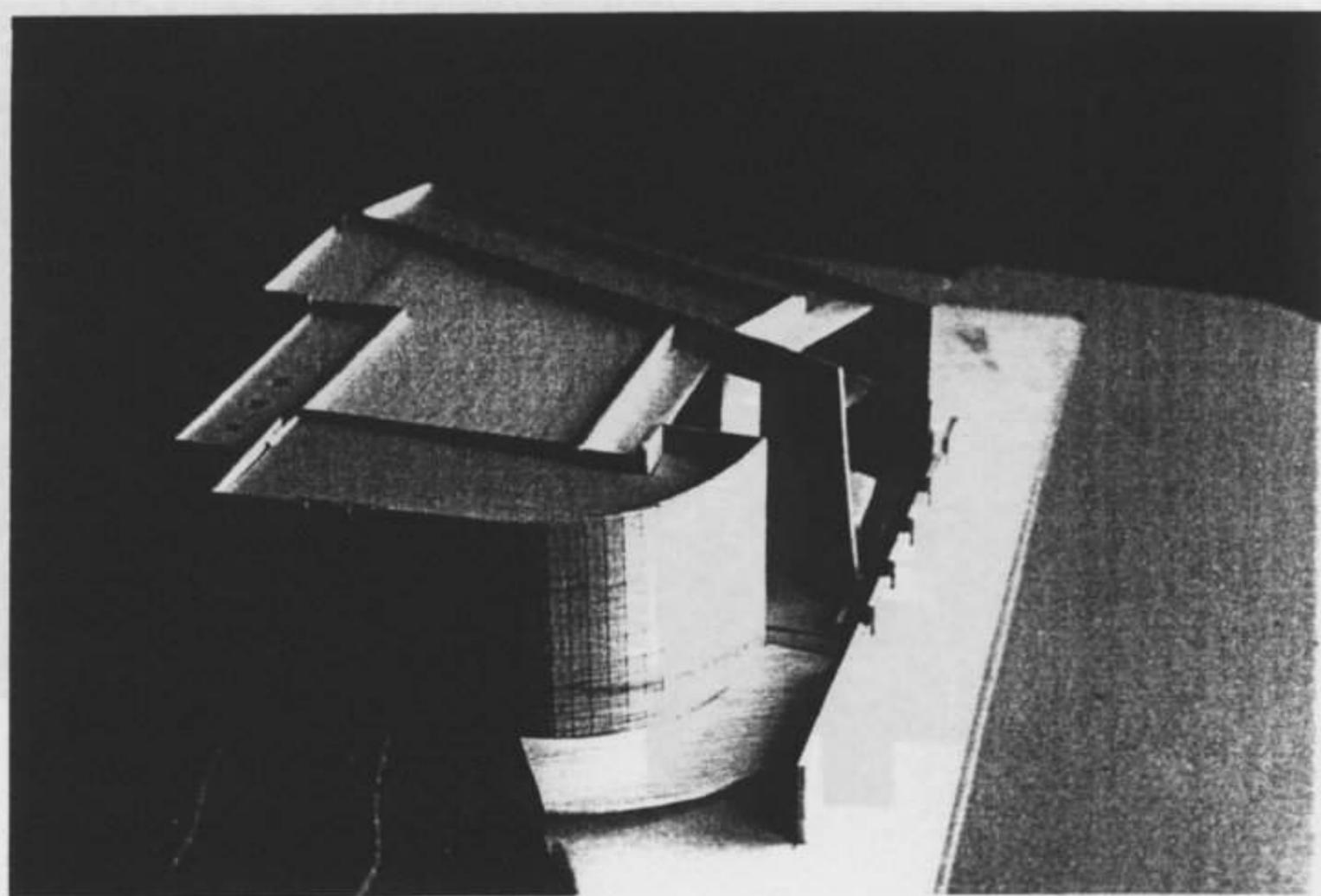


FACHADA PRINCIPAL
(reconstituição da obra de pedra)

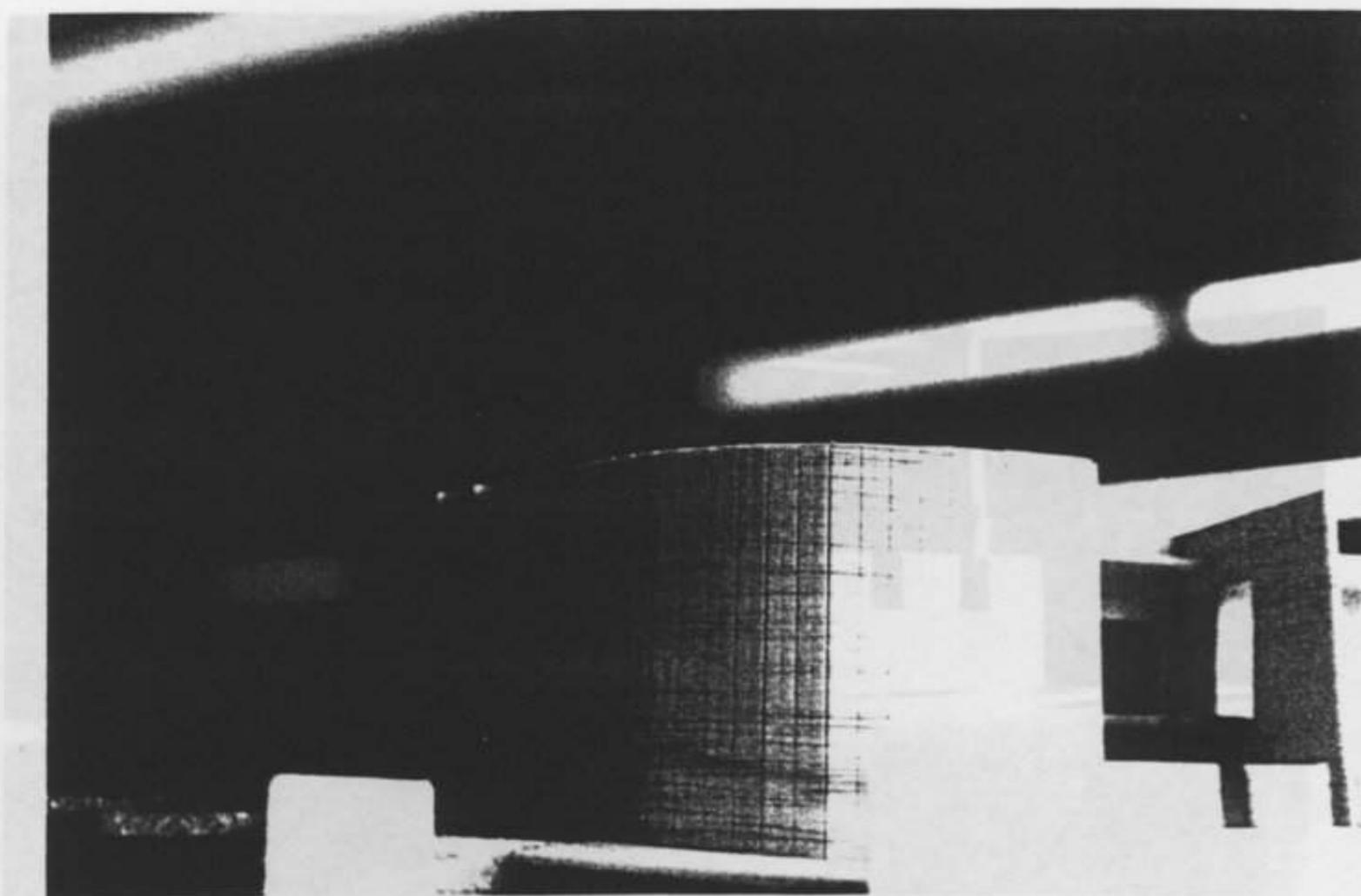
FOTOGRAFIAS DA MAQUETE FINAL



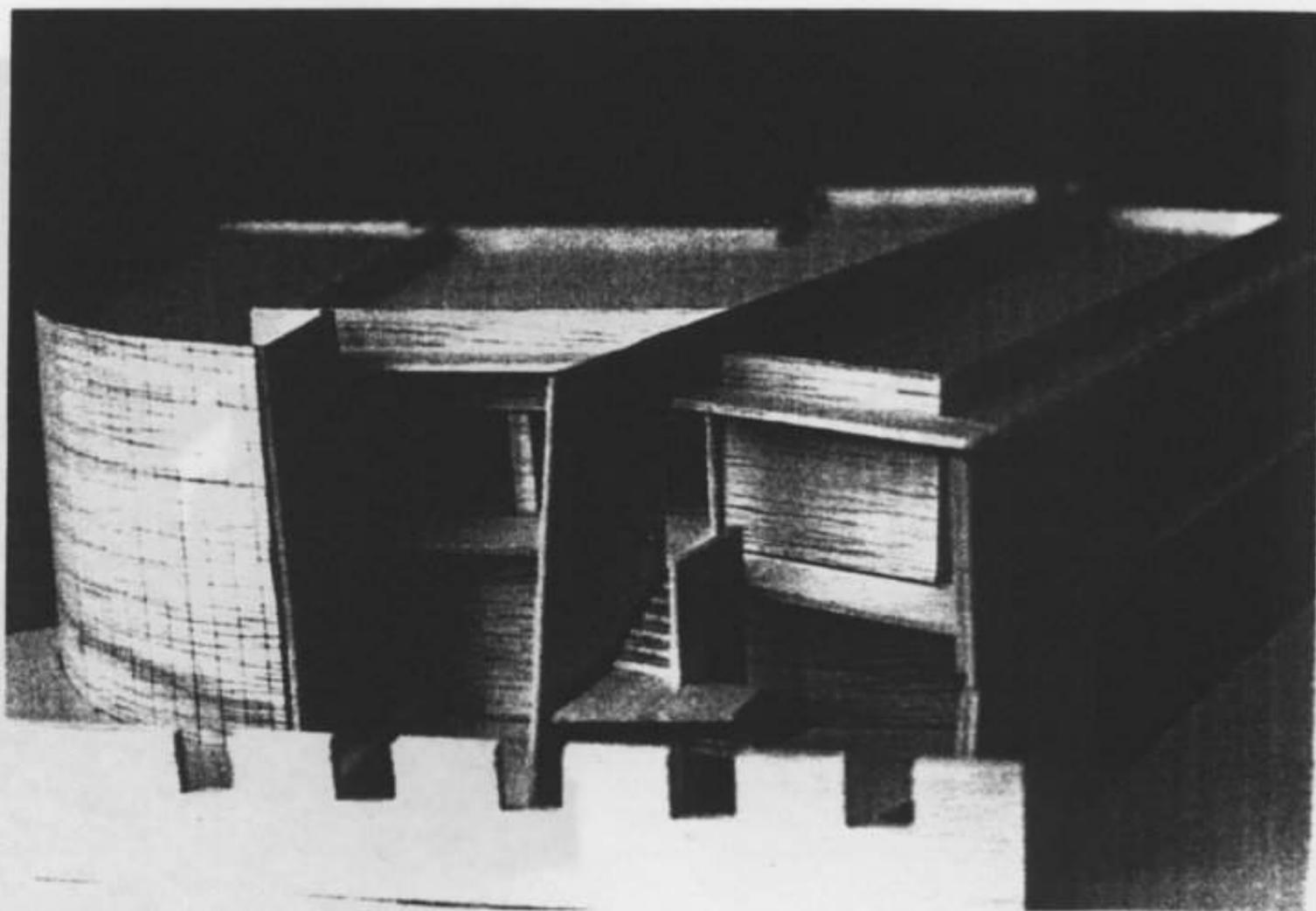
FACHADA PRINCIPAL
(manutenção do arco de pedra)



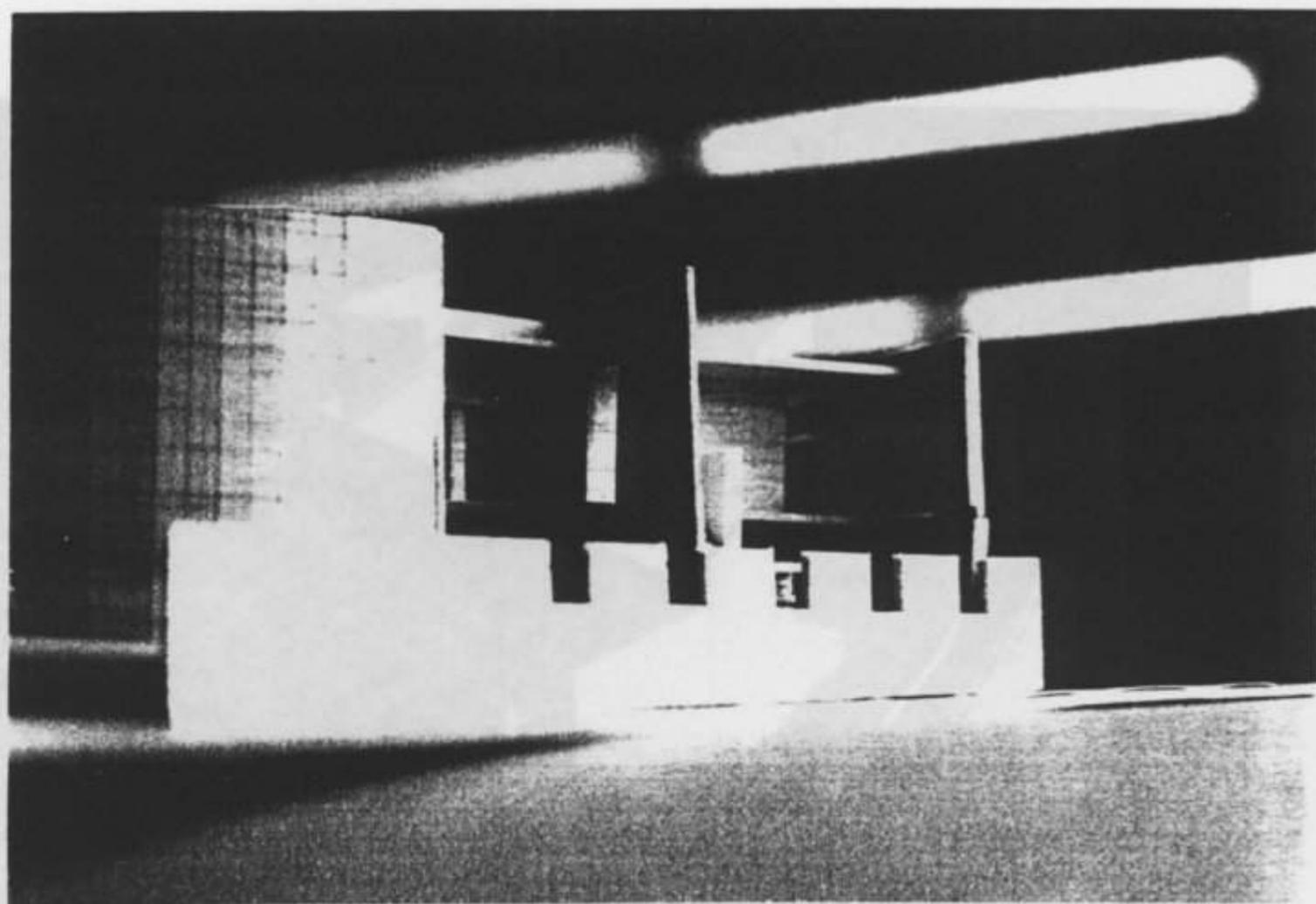
FACHADA LATERAL
(rampa de acesso ao piso inferior)



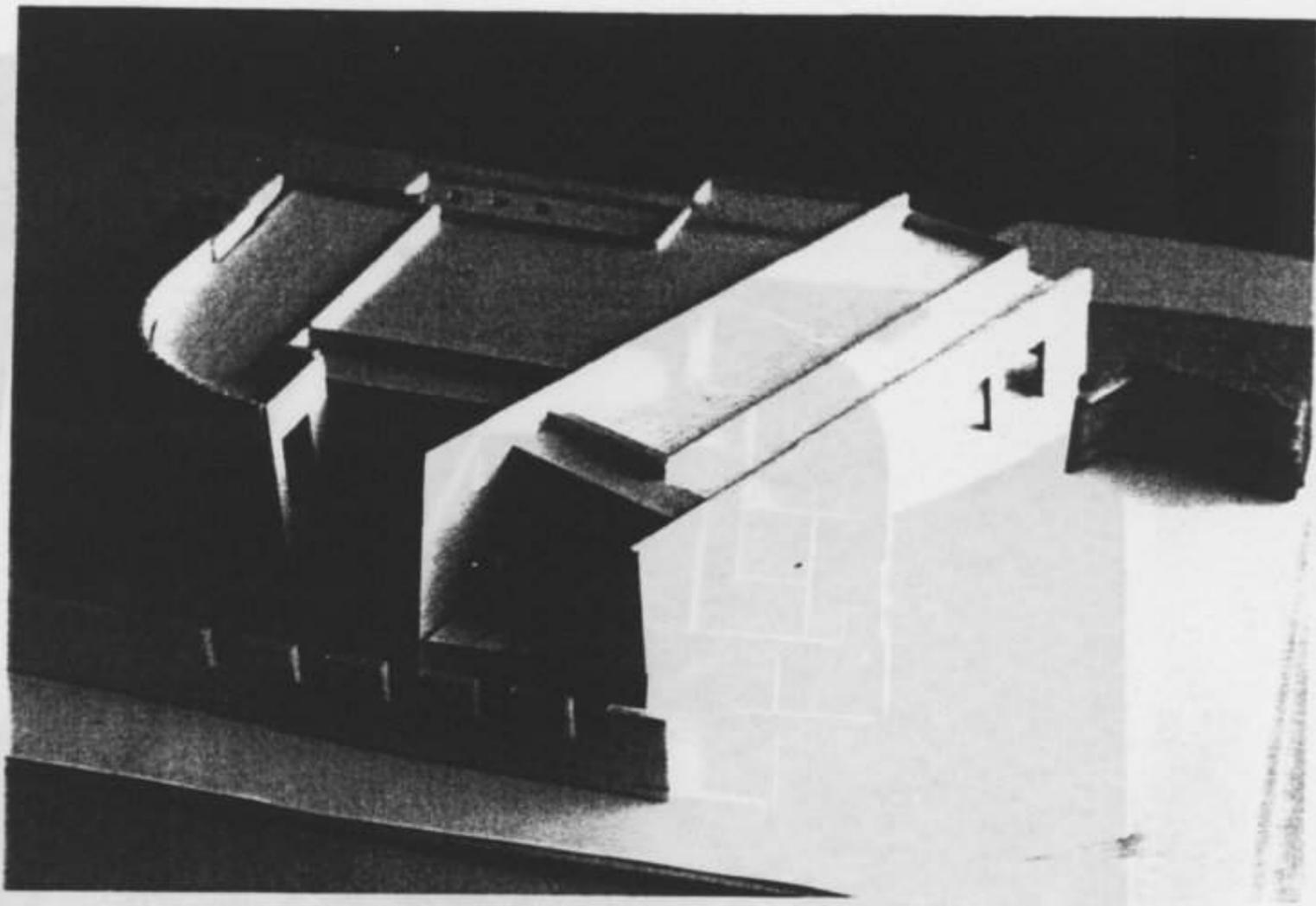
aberturas verticais das instalações sanitárias



FACHADA POENTE
(*muro de pedra - limite da área de intervenção*)

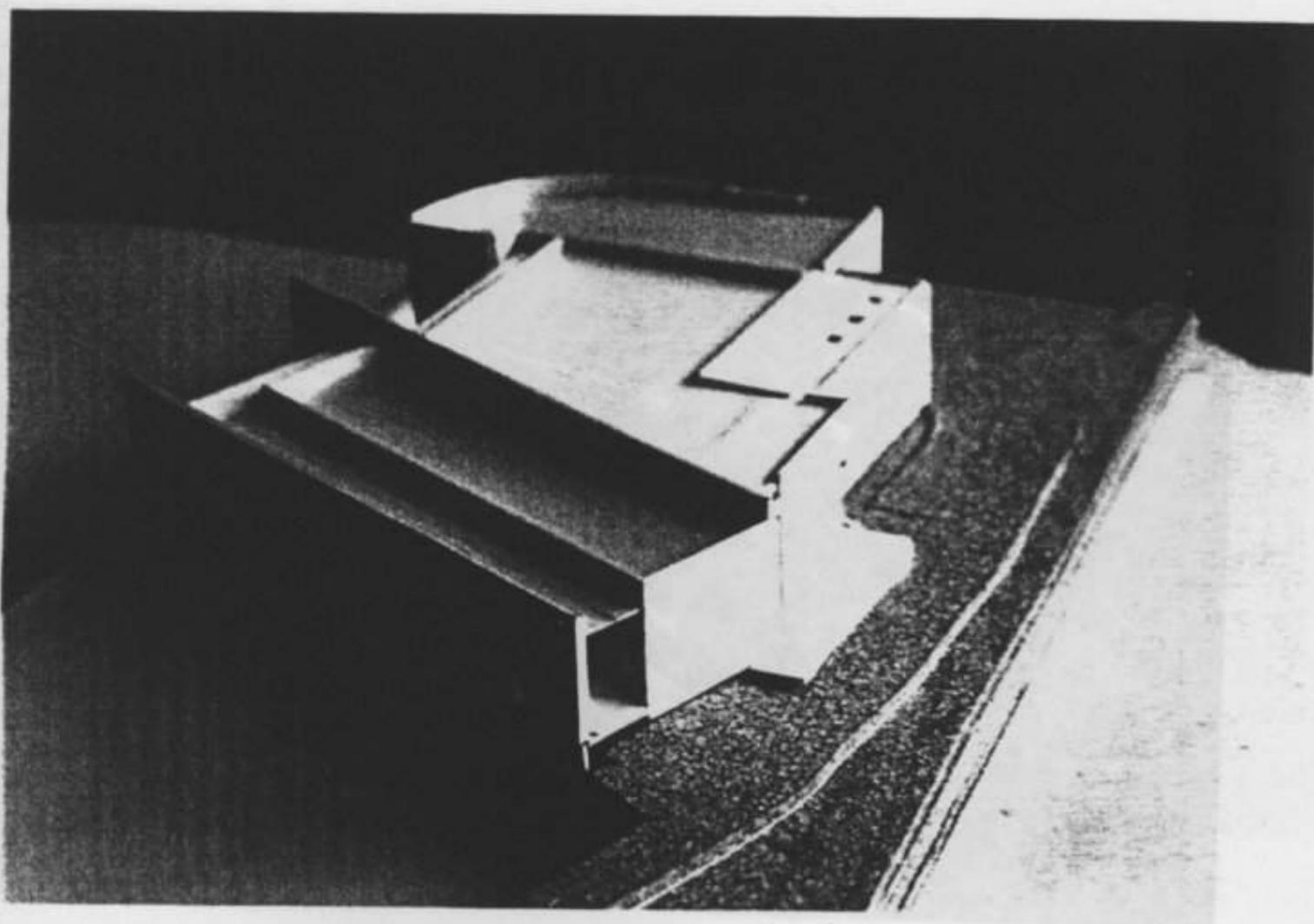


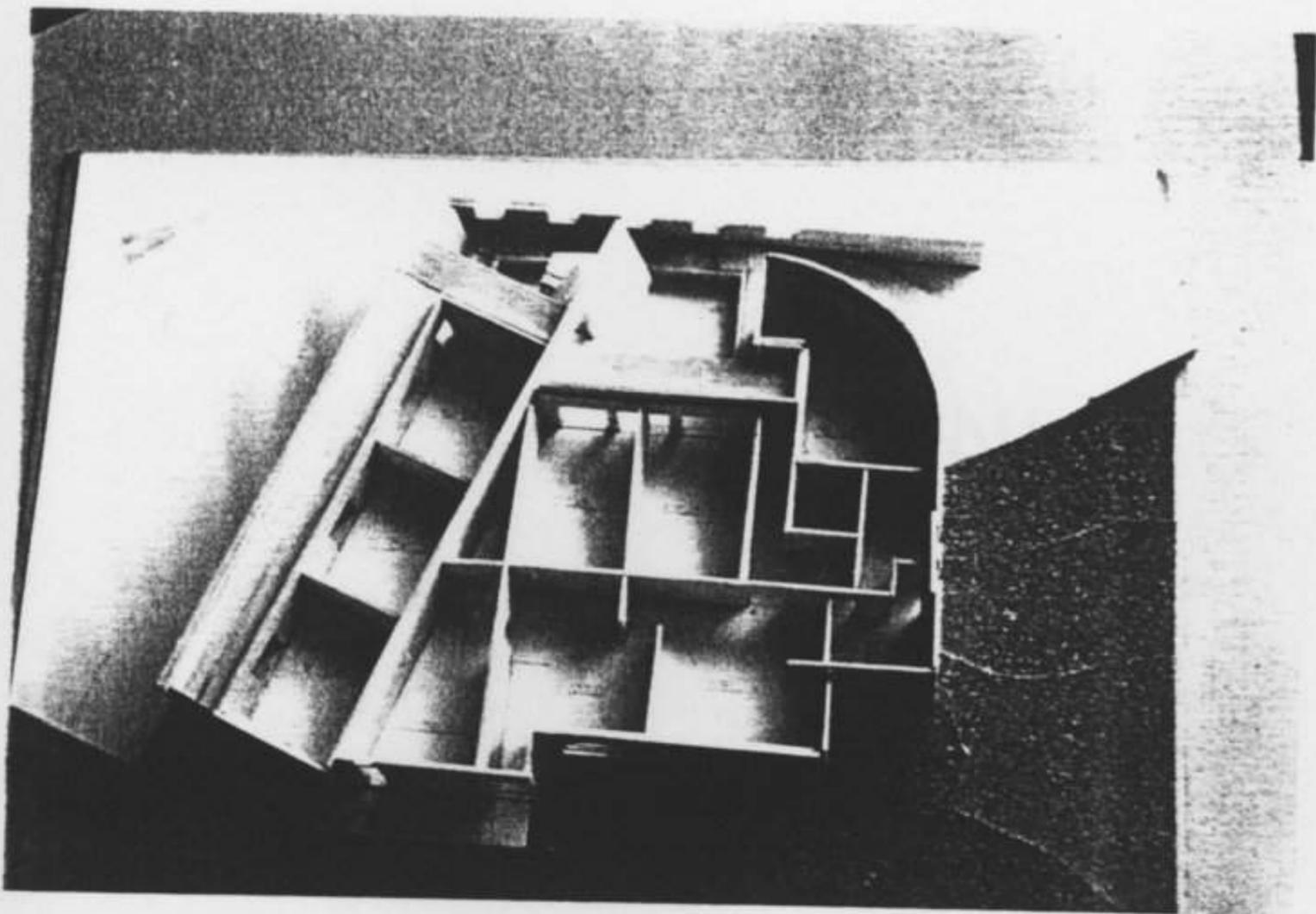
escadas - acesso vertical dos dois pisos



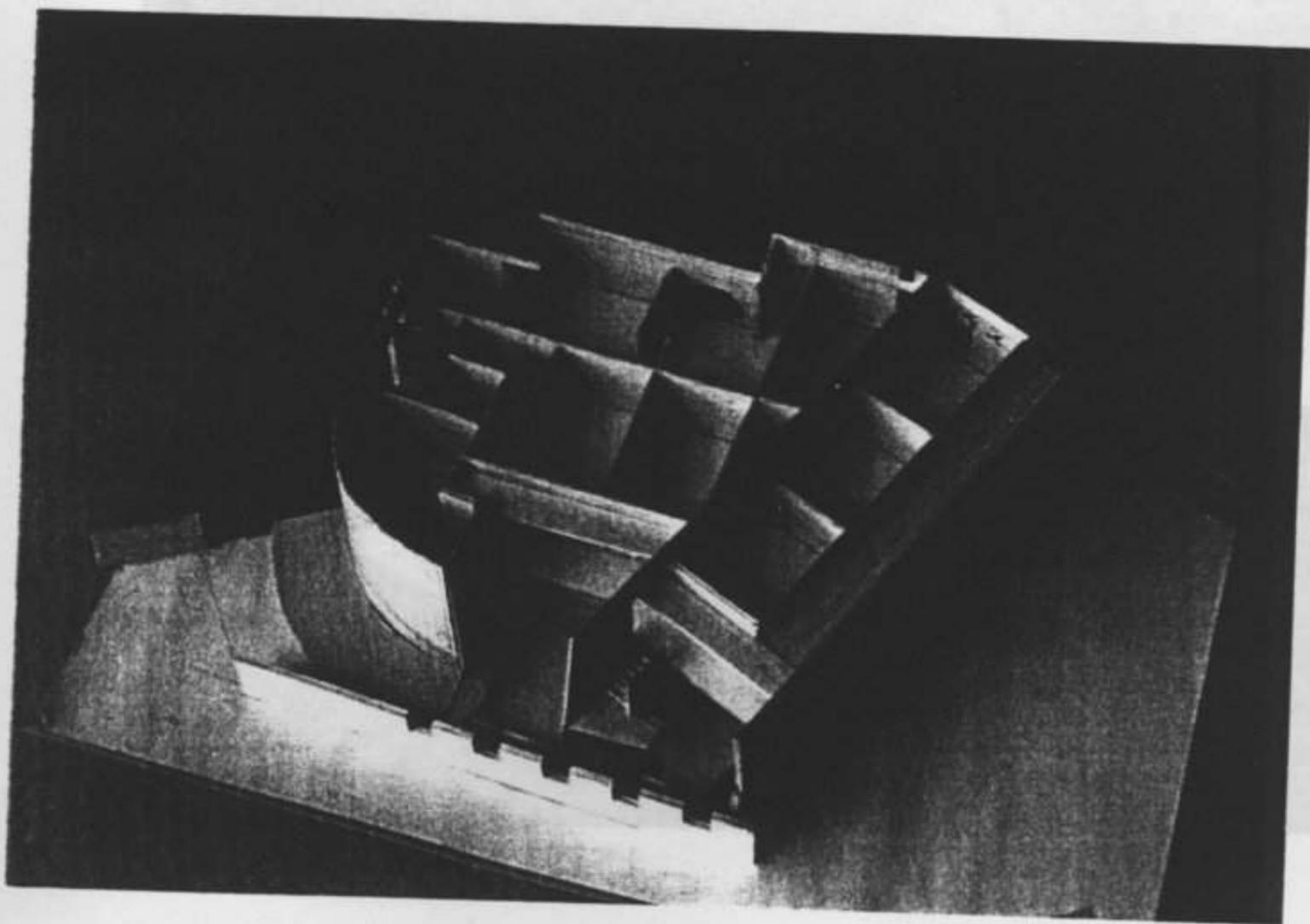
A COBERTURA

ORGANIZACAO ESPACIAL 1956



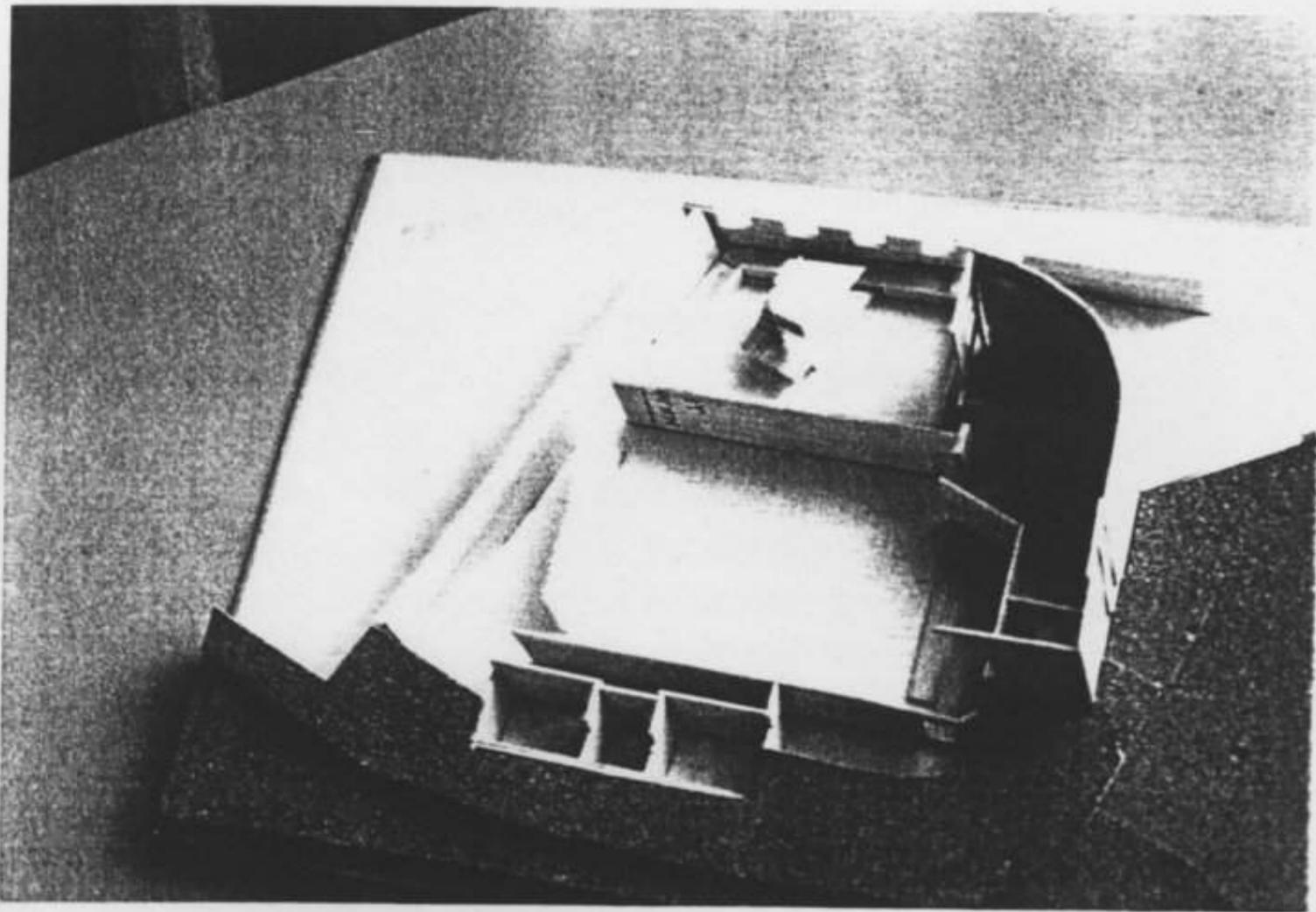


ORGANIZAÇÃO ESPACIAL (PISO 01)



NORMAS TÉCNICAS SOBRE ACESSIBILIDADE

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL (PISO -1)



NORMAS TÉCNICAS PARA MELHORIA DA ACESSIBILIDADE DOS
CIDADÃOS COM MOBILIDADE CONDICIONADA AOS EDIFÍCIOS,
ESTABELECIMENTOS QUE RECEBEM PÚBLICO E VIA PÚBLICA

CAPÍTULO I

NORMAS TÉCNICAS

1 - Passeios e vias de **SOBRE**

ACESSIBILIDADE

1.1 - A inclinação dos passeios e vias de acesso condicionada aos edifícios e de 0,7% e, no sentido transversal, de 2%.

1.2 - A altura dos lancis, nas imediações das passagens de pedestres, é de 0,12 m, com forma a facilitar o rebaixamento até 0,02 m.

1.3 - A largura mínima dos passeios e vias de acesso é de 2,25 m.

1.4 - Os pavimentos dos passeios e vias de acesso devem ser compactos e as suas superfícies revestidas de material cuja textura proporcione uma boa aderência.

1.5 - A abertura máxima das grelhas das tampas dos esgotos de águas pluviais é de 0,02 m de lado ou de diâmetro.

1.6 - O espaço mínimo entre os postes de suporte dos sistemas de sinalização vertical é de 1,20 m no sentido da largura do passeio ou via de acesso. As faixas publicitárias, as cabinas telefónicas, os postes de sinalização rodoviária vertical ou outro tipo de mobiliário urbano não deverão condicionar a largura mínima livre do passeio de 1,20 m.

1.7 - A altura mínima de colocação das placas de sinalização fixadas em postes, nas paredes ou em outro tipo de suportes, bem como dos toldos ou similares, quando abertos, é de 2 m.

SECRETARIADO NACIONAL PARA A REABILITAÇÃO E INTEGRAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA



Anexo I

NORMAS TÉCNICAS PARA MELHORIA DA ACESSIBILIDADE DOS CIDADÃOS COM MOBILIDADE CONDICIONADA AOS EDIFÍCIOS, ESTABELECIMENTOS QUE RECEBEM PÚBLICO E VIA PÚBLICA

2 - Passagens de peões:

2.1 - De superfície:

CAPÍTULO I

Urbanismo

2.1.1 - O comprimento mínimo com as placas centrais das rodovias é de 1,50 m, não podendo a sua largura ser inferior à largura da passagem de peões.

1 - Passeios e vias de acesso:

2.1.2 - Os passeios devem ser rebaixados a toda a largura das zebra pelo menos até 0,50 m das bordas das calçadas.

1.1 - A inclinação máxima, no sentido longitudinal, dos passeios e vias de acesso circundante aos edifícios é de 6% e, no sentido transversal, de 2%.

2.1.3 - A altura dos lancis, nas imediações das passagens de peões, é de 0,12 m, por forma a facilitar o rebaixamento até 0,02 m.

2.1.4 - A largura mínima dos passeios e vias de acesso é de 2,25 m.

1.4 - Os pavimentos dos passeios e vias de acesso devem ser compactos e as suas superfícies revestidas de material cuja textura proporcione uma boa aderência.

2.1.5 - Devem existir grelhas e outros acessórios complementares nos semáforos e outros pontos de trânsito.

1.5 - A abertura máxima das grelhas das tampas dos esgotos de águas pluviais é de 0,02 m de lado ou de diâmetro.

2.2 - De sinalização:

2.2.1 - O espaço mínimo entre os postes de suporte dos sistemas de sinalização vertical é de 1,20 m no sentido da largura do passeio ou via de acesso. As raquetas publicitárias, as cabinas telefónicas, os postes de sinalização rodoviária vertical ou outro tipo de mobiliário urbano não deverão condicionar a largura mínima livre do passeio de 1,20 m.

2.2.1 - A altura mínima de colocação das placas de sinalização fixadas em postes, nas paredes ou em outro tipo de suportes, bem como dos toldos ou similares, quando abertos, é de 2 m.

1.8 – O equipamento / mobiliário urbano deverá ter características adequadas, de modo a permitir a sua correcta identificação ao nível do solo pelas pessoas com deficiência visual.

2 – Passagens de peões:

2.1 – De superfície:

2.1.1 – O comprimento mínimo da zona de intercepção das zebras com as placas centrais das rodovias é de 1,50 m, não podendo a sua largura ser inferior à largura da passagem de peões.

2.1.2 – Os lancis dos passeios devem ser rebaixados a toda a largura das zebras pelo menos até 0,02 m da superfície das mesmas, por forma a que a superfície do passeio que lhe fica adjacente proporcione uma inclinação suave.

2.1.3 – A textura do pavimento das passagens de peões deve ser diferente da utilizada no passeio e na via e prolongar-se pela zona contígua do passeio.

2.1.4 – O sinal verde para os peões, nos semáforos, deve estar aberto o tempo suficiente para permitir a travessia com segurança, a uma velocidade de 2 m / 5 s.

2.1.5 – Devem existir sinais acústicos complementares nos semáforos, para orientação das pessoas com deficiência visual.

2.2 – Desniveladas:

2.2.1 – Por rampas:

2.2.1.1 – A inclinação máxima das rampas é de 6% e a extensão máxima, de um só lanço, é de 6 m. A cada lanço seguir-se-á uma plataforma de nível para descanso com a mesma largura da rampa e um comprimento de 1,50 m.

2.2.1.2 – A largura mínima das rampas é de 1,50 m, devendo ambos os lados ser ladeados por cortinas com duplo corrimão, um a 0,90 m e outro a 0,75 m, respectivamente, da superfície da rampa. Os

6.4 – Todas as instalações sanitárias adaptadas deverão ser apetrechadas com equipamento de alarme adequado, ligado ao sistema de alerta (luminoso e sonoro) para o exterior ou outro.

CAPÍTULO IV

Áreas de intervenção específica

1 – Para além das normas específicas deste capítulo são aplicadas as normas gerais dos capítulos anteriores.

2 – Recintos e instalações desportivas:

2.1 – Balneários

O espaço mínimo de pelo menos uma das cabinas de duche, com W.C. e lavatório, é de 2,20 m x 2,20 m, sendo colocadas barras para apoio bilateral a 0,70 m do solo. A altura máxima dos comandos da água é de 1,20 m da superfície do pavimento.

2.2 – Vestiários

Nos vestiários, a área livre para circulação é de 2 m x 2 m e a altura superior de alguns dos cabides fixos é de 1,30 m da superfície do pavimento.

2.3 – Piscinas:

2.3.1 – A entrada das piscinas deve ser feita por rampa e escada no sentido do comprimento ou da largura ou ainda através de meios mecânicos não eléctricos.

2.3.2 – As escadas e rampas devem ter corrimãos duplos, bilaterais, situados respectivamente, a 0,75 m e 0,90 m de altura da superfície do pavimento.

2.3.3 – Os acessos circundantes das piscinas devem ter revestimento antiderrapante.

3 – Edifícios e instalações escolares e de formação:

3.1 – As passagens exteriores entre edifícios são niveladas e cobertas.

3.2 – A largura mínima dos corredores é de 1,80 m.

3.3 – Nos edifícios de vários andares é obrigatório o acesso alternativo às escadas, por ascensores e ou rampas.

4 – Salas de espectáculos e outras instalações para actividades sócio-culturais:

4.1 – A largura mínima das coxias e dos corredores é, respectivamente, de 0,90 m e de 1,50 m.

4.2 – Neste tipo de instalações, o espaço mínimo livre a salvaguardar para cada espectador em cadeira de rodas é de 1 m x 1,50 m.

4.3 – O número de espaços especialmente destinados para pessoas em cadeiras de rodas é o constante da tabela seguinte, ficando, porém, a sua ocupação dependente da vontade do espectador:

Capacidade de lugares das salas ou recintos	Número mínimo de lugares para cadeiras de rodas
Até 300	3
De 301 a 1000	5
Acima de 1000	5 mais um por cada 1000

5 – Parques de estacionamento:

5.1 – Os acessos aos parques de estacionamento, quando implantados em pisos situados acima ou abaixo do nível do pavimento das ruas, serão garantidos por rampas e ou ascensores.



1) Espaço de viragem de curva
 Espiral, $v = 40$ e 60 km/h



2) Espaço de curva



3) Espaço de curva



4) Posição de curva



5) Espaço de curva de curva



6) Posição de curva de curva



7) Posição de curva de curva



8)



9)



10)



11)

Dimensões mínimas de espaço de curva para curva de curva



12) Espaço de curva de curva



13) Espaço de curva de curva



14) Espaço de curva de curva



15) Espaço de curva de curva



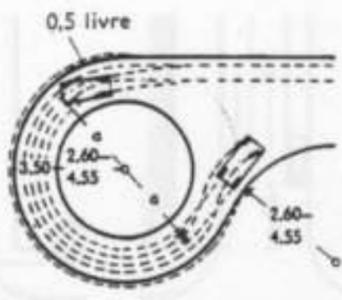
16) Espaço de curva de curva

Dimensões mínimas de espaço de curva para curva de curva

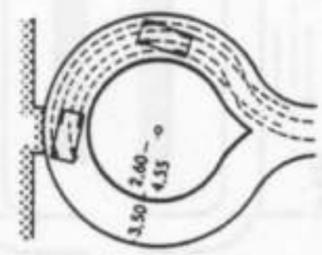
Velocidade de veículo (km/h)	Comprimento do veículo (m)	Dimensão mínima (m)
40	2,50	14,25
	3,00	14,75
	3,50	15,25
60	2,50	16,25
	3,00	16,75
	3,50	17,25

AUTOMÓVEIS

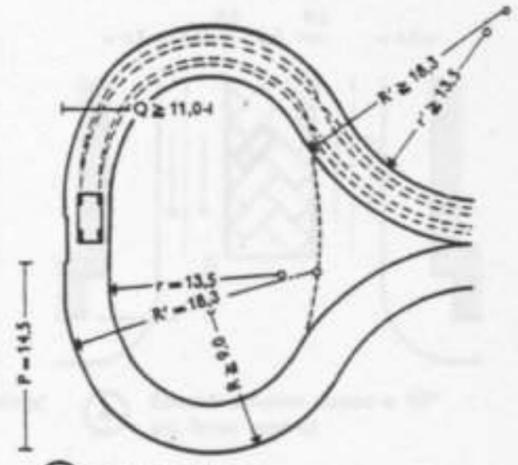
ESPAÇO PARA VIRAGEM E MANOBRA



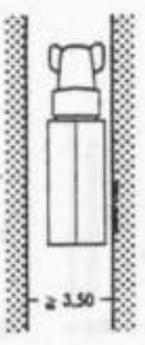
1 Raio de viragem de carros ligeiros, $a = 4,35$ a $6,30$ m



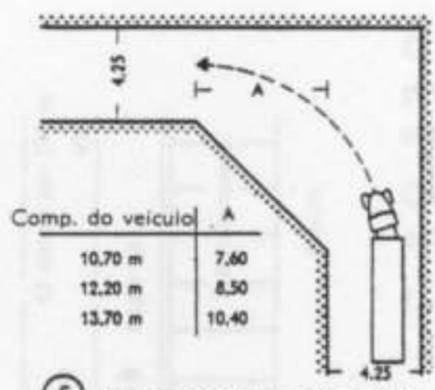
2 Acesso circular



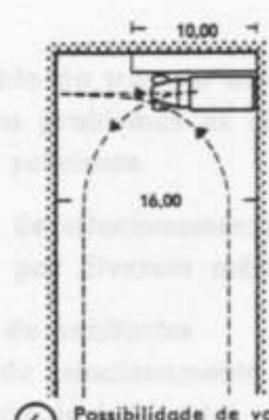
3 Acesso elíptico



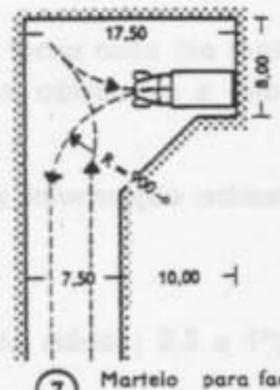
4 Passagem de carros



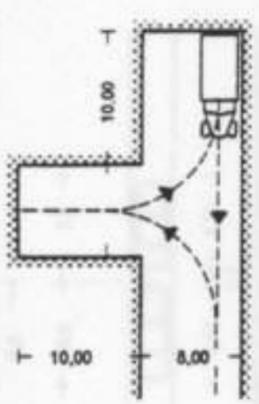
5 Espaço necessário nas esquinas



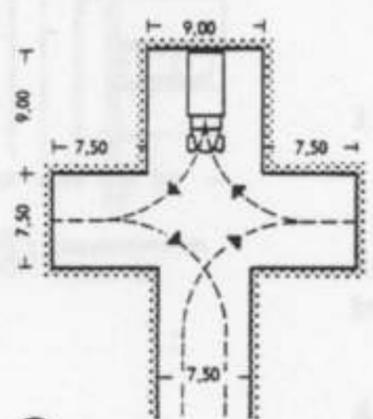
6 Possibilidade de voltar numa rua



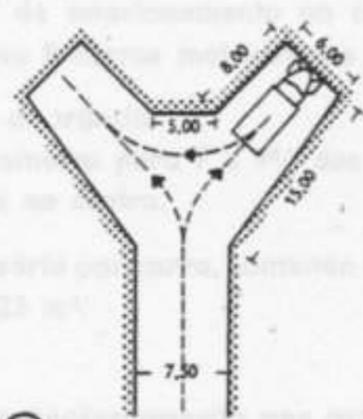
7 Martelo para facilitar a volta em rua estreita



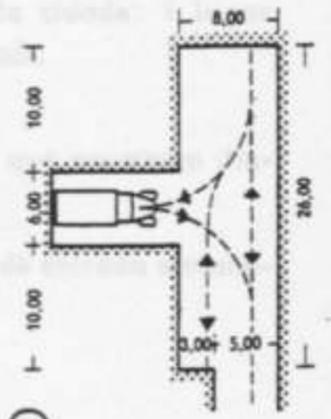
8



9

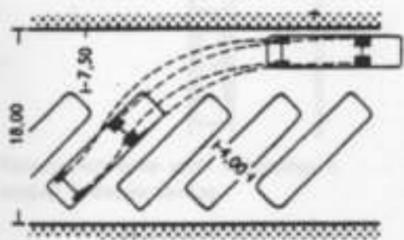


10

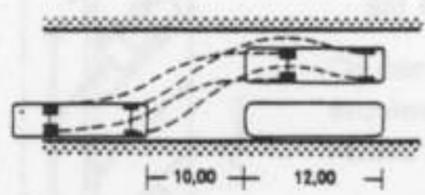


11

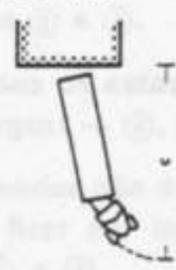
Outras possibilidades de voltar em ruas e pátios estreitos



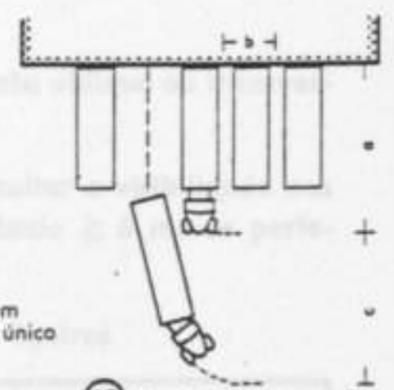
12 Estacionamento a 45°



13 Espaço perdido em estacionamento longitudinal

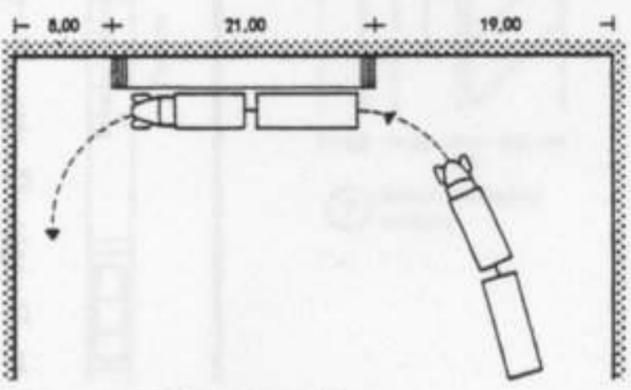


14 Estacionamento isolado



15 Estacionamento em fila

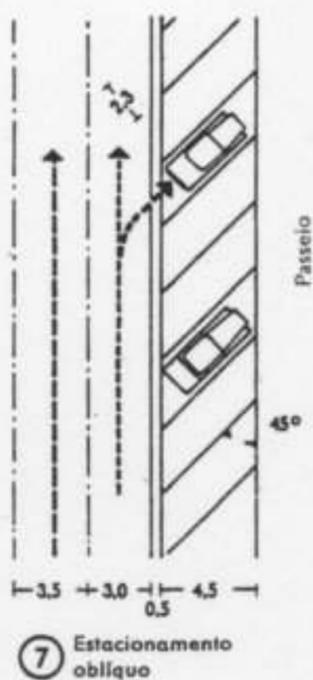
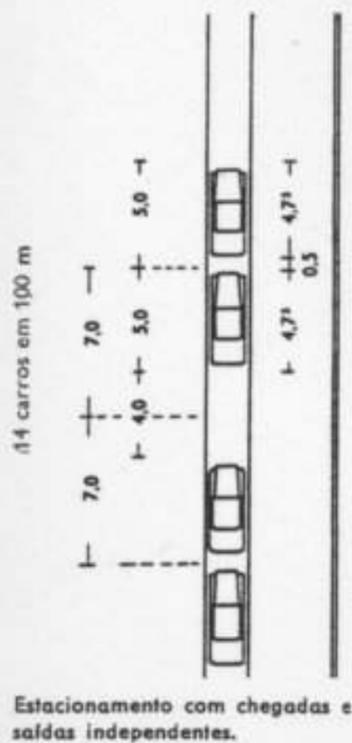
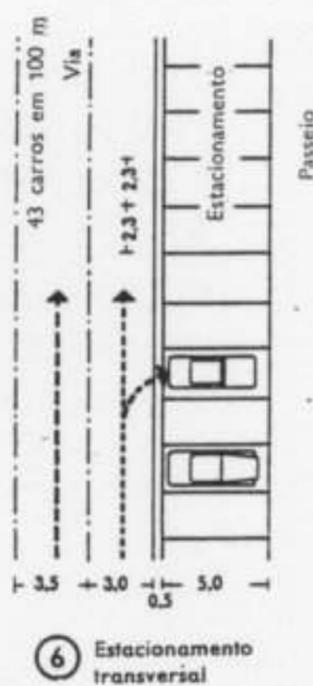
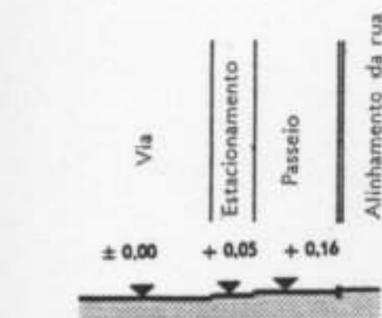
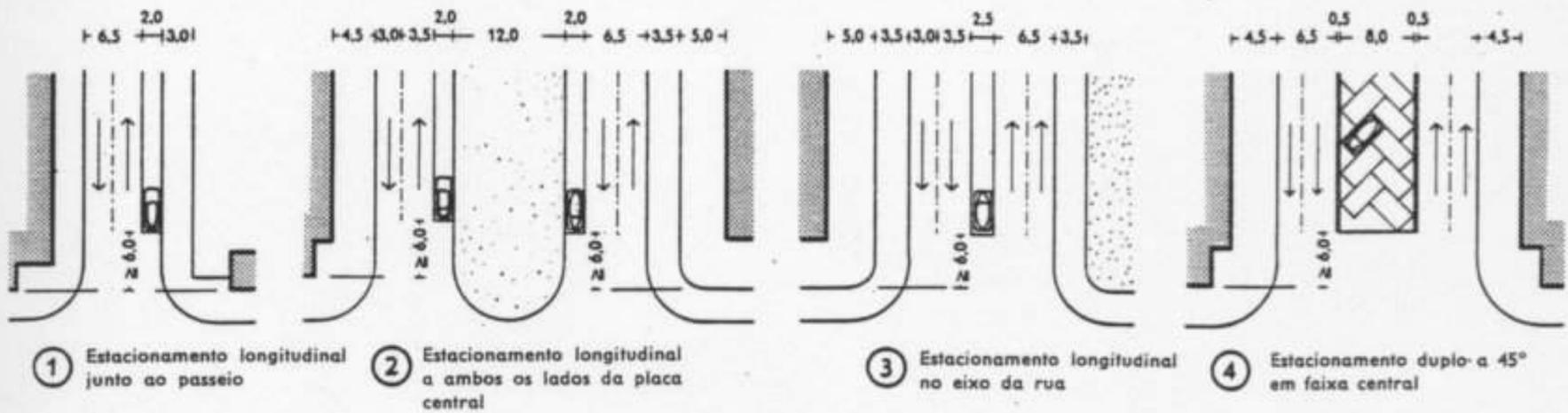
Camião trator com reboque de eixo único



17 Cais de carga em pátio para camiões com reboque, com comprimento total ≤ 20 m

Zona livre para entrada e saída de camiões com reboque de eixo único		
Comprimento do veículo a	Largura por lugar b	Zona livre c
10,70	3,00	14,00
	3,65	13,10
	4,25	11,90
12,20	3,00	14,65
	3,65	13,50
	4,25	12,80
13,75	3,00	17,35
	3,65	15,00
	4,25	14,65

16 Tabela para 14 y 15



5 Estacionamento com saída por ordem de chegada (junto a teatros, em paradas de taxis, etc.)

O crescimento do trânsito automobilístico torna cada dia mais prementes os problemas de circulação sem obstáculos e estacionamento suficiente.

Os parques de estacionamento (segundo a informação acima) calculam-se por diversos métodos:

1. Número de habitantes
Parques de estacionamento no centro da cidade; 0,5 a 1% do número de habitantes.
2. Parque automóvel
Parques de estacionamento no centro da cidade: 1 lugar para 5 ou 8 carros matriculados na cidade.
3. Volume de trânsito
Estacionamento para 7 a 9% dos carros que penetram diariamente no centro.

Área necessária por carro, contando as vias de entrada e manobra, 20 a 25 m².

Áreas de estacionamento nas ruas

1. Estacionamento longitudinal junto aos passeios ou em fila central: → 1 a 3 e 5.
2. Faixas ou zonas de estacionamento oblíquo ou transversal em ruas largas: → 4, 6 e 7.

Os carros estacionados não devem dificultar a visibilidade nas esquinas. Devem ficar por isso a distância ≥ 6 m, de preferência 10 m → 1 a 4.

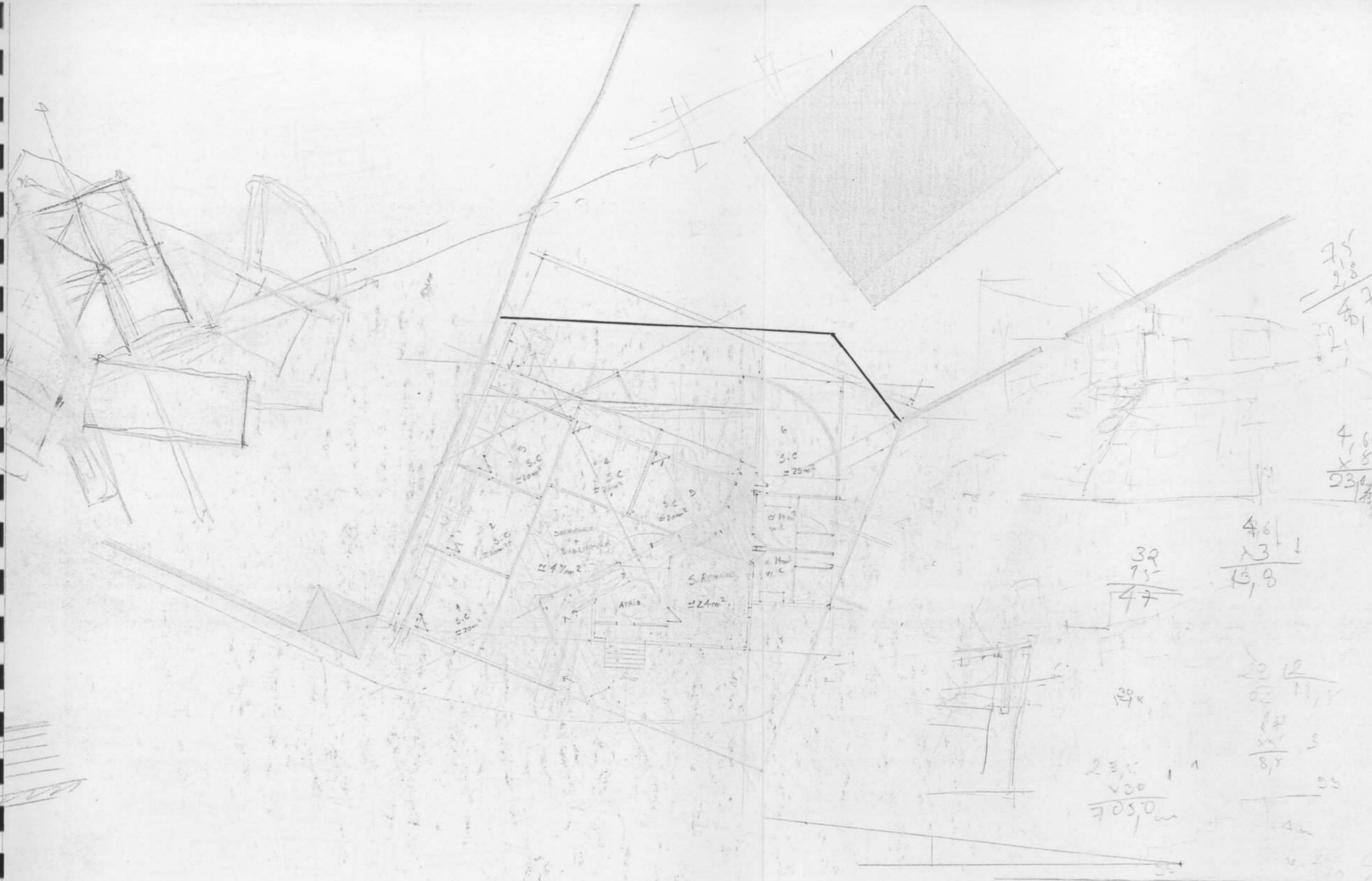
Faixas de estacionamento para carros ligeiros

Angulo com o eixo da rua	45°	60°	90°
Largura em m	5,00	5,40	5,50
Área por lugar em m ²	18,00	16,00	13,00
Número de carros estacionados por 100 m de faixa	31	38	43

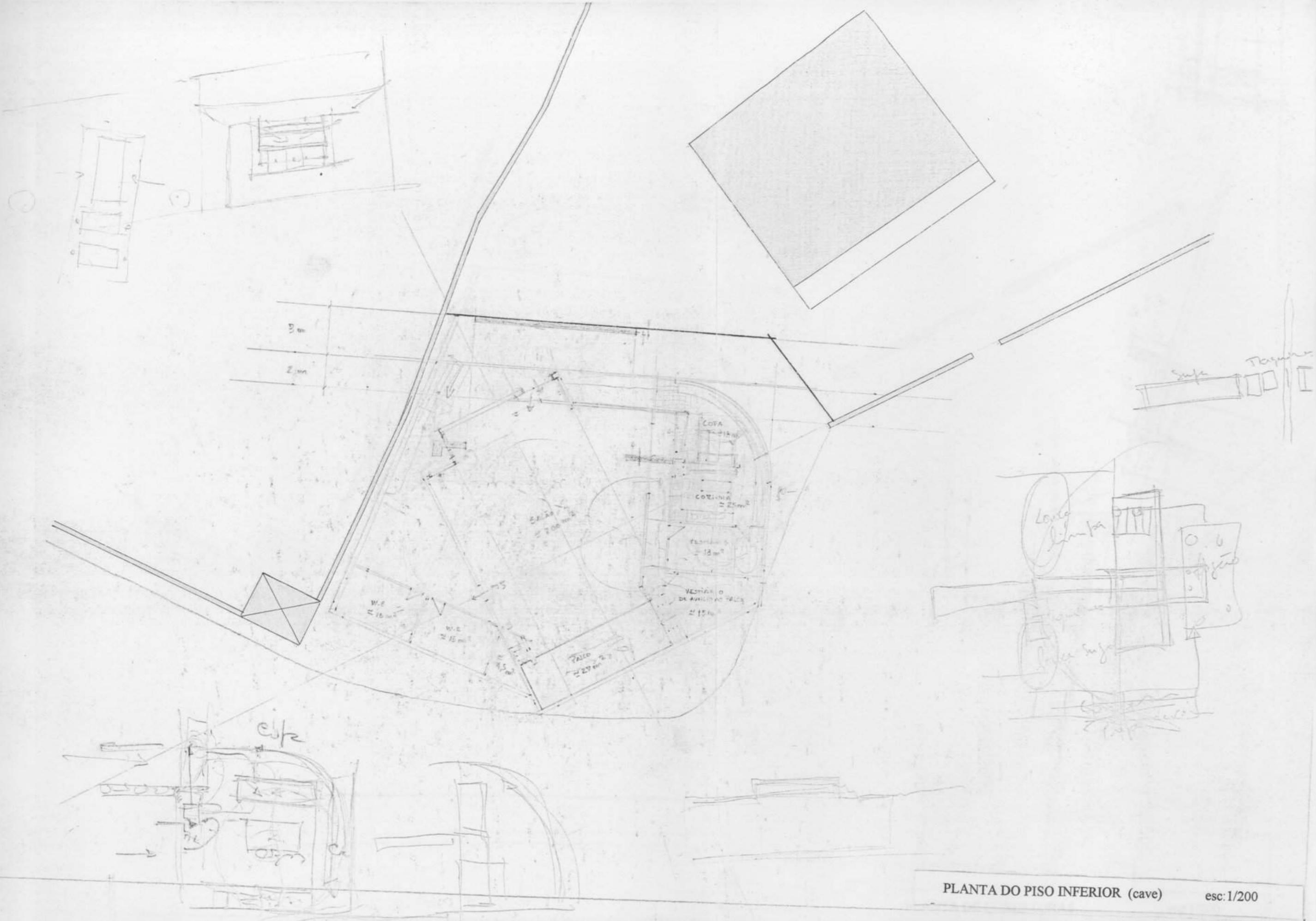
Deve-se evitar o estacionamento transversal (a manobra prejudica a circulação da via).

Entre a faixa de estacionamento e a de circulação deve-se criar um ressalto de proteção com pavimento diferenciado e 0,5 m de largura.

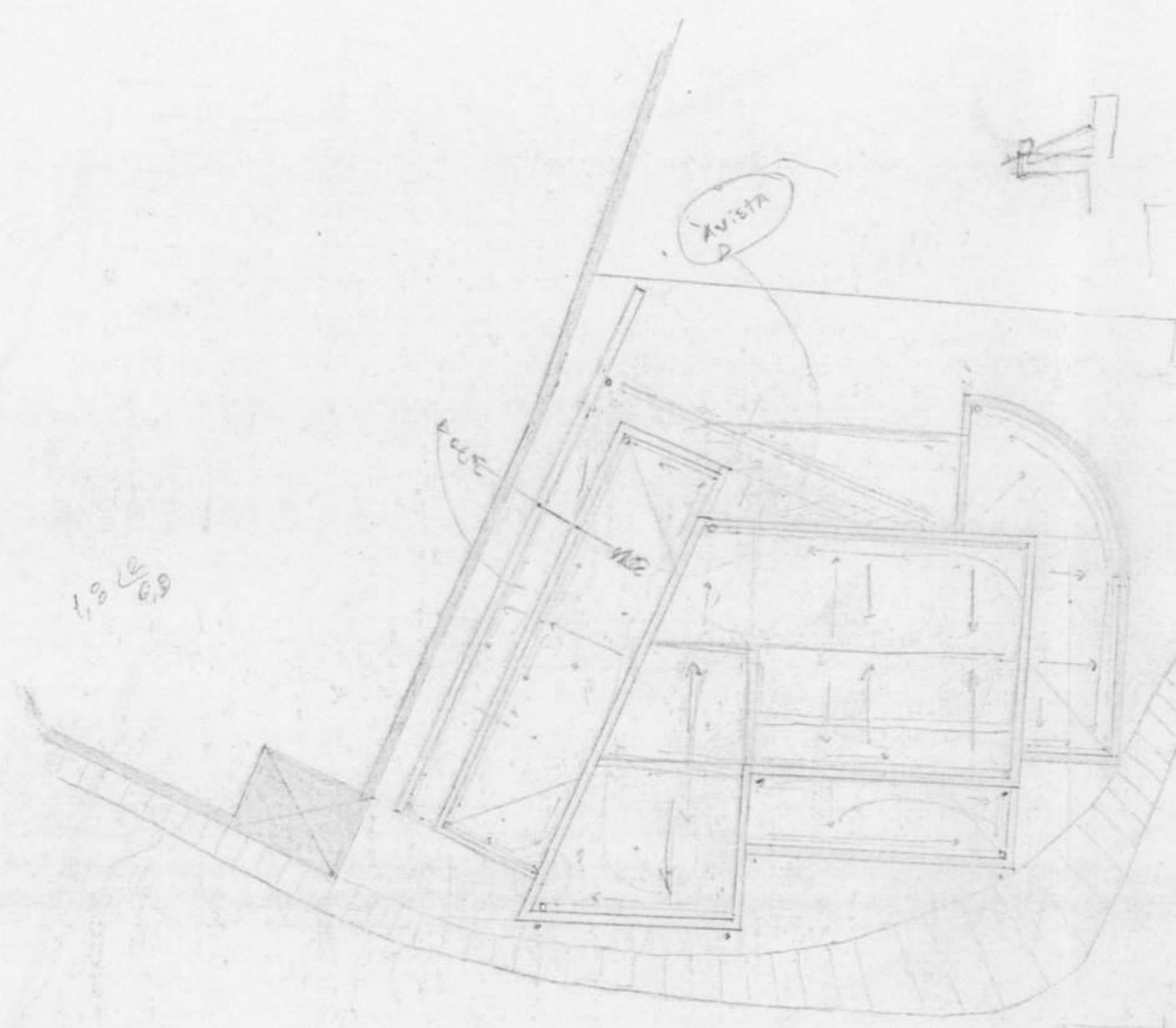
DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO
SALÃO PAROQUIAL DE ABRAGÃO - PENAFIEL



PLANTA DO PISO SUPERIOR (rés do chão) esc: 1/200



PLANTA DO PISO INFERIOR (cave) esc: 1/200



1,80 / 6,9

VISTA

4,40

1,80

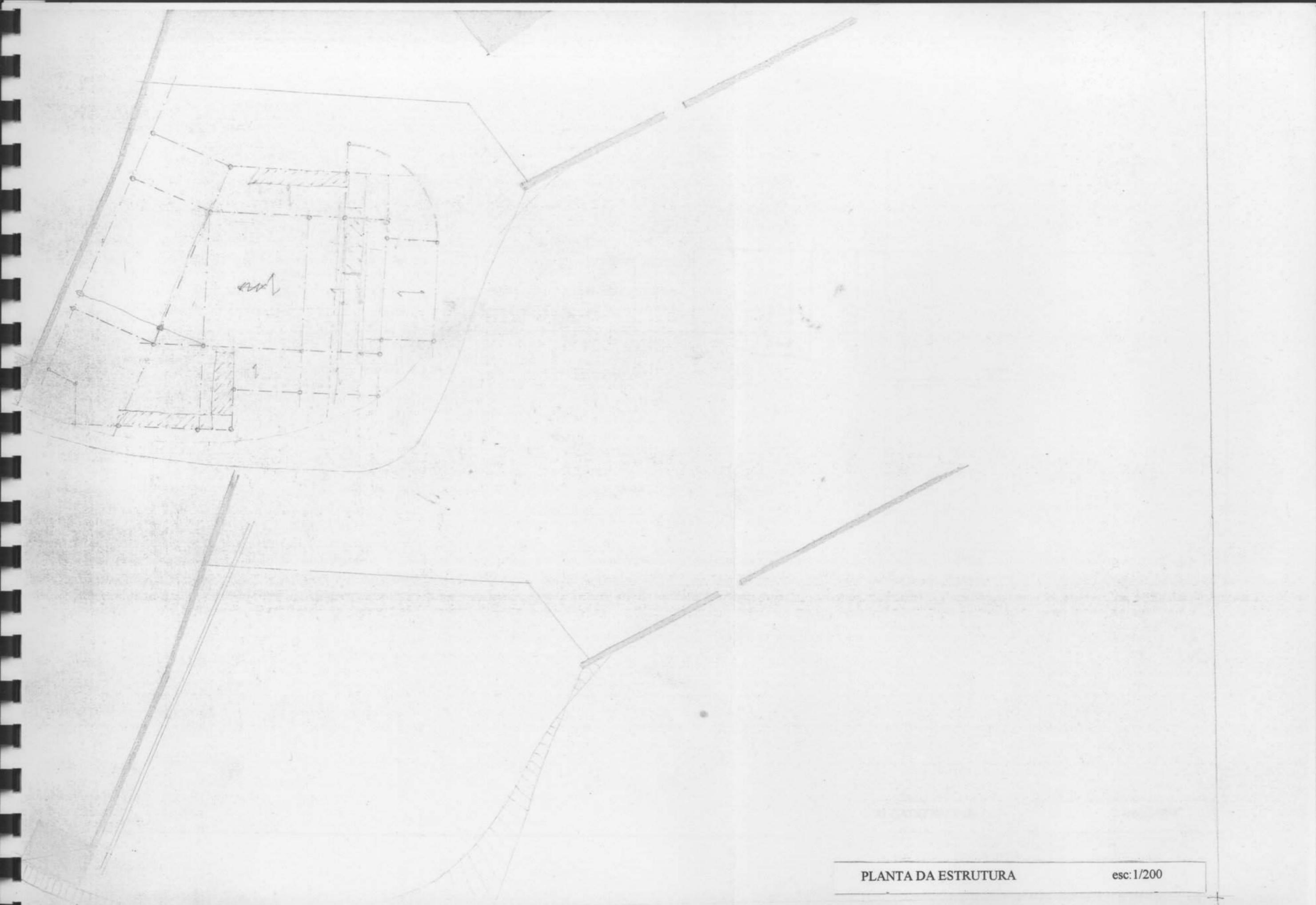
5,20
2,70
2,50

9,20
5,20
2,10

3,10
2,20
0,90

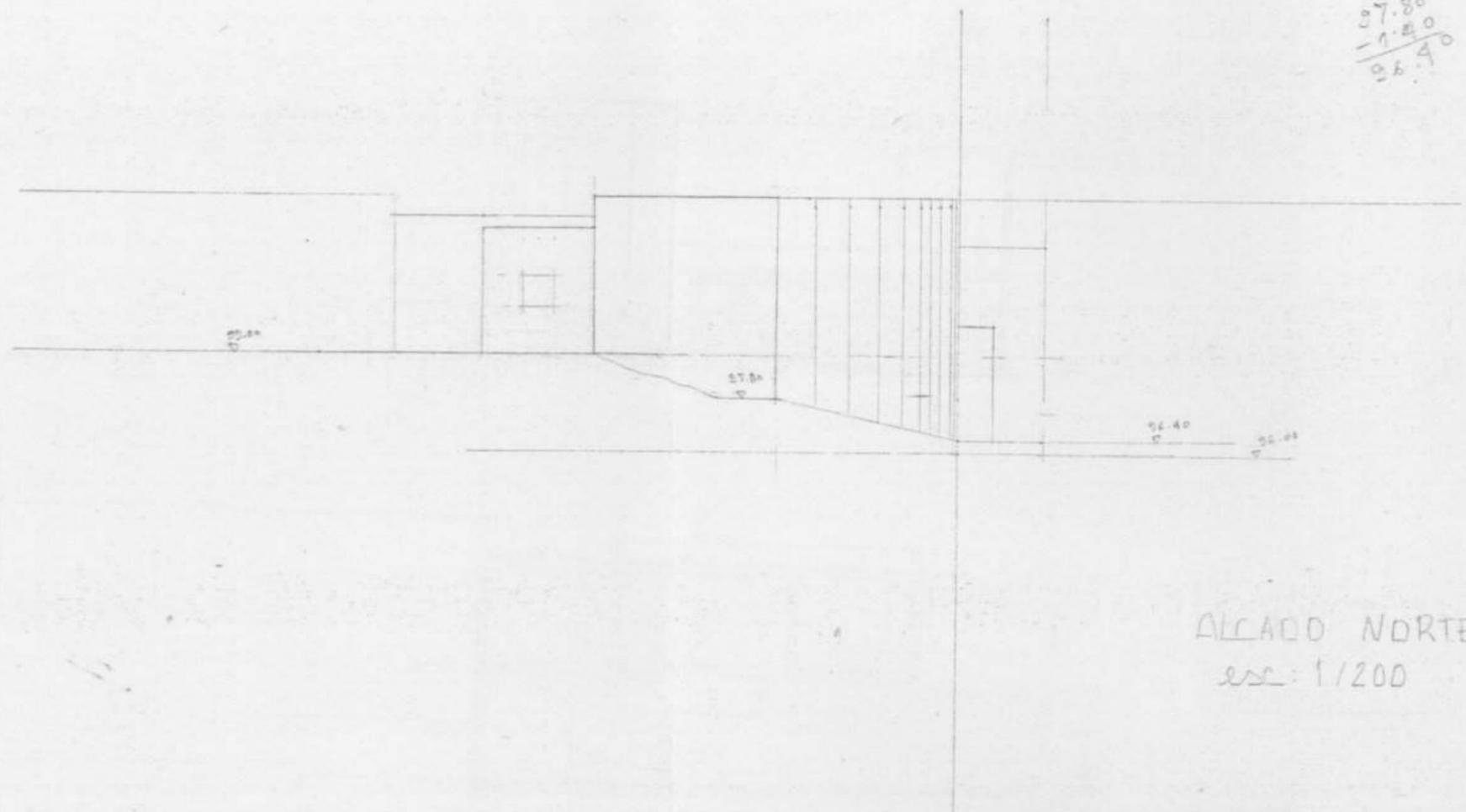
60
120
30
2,70

5,10

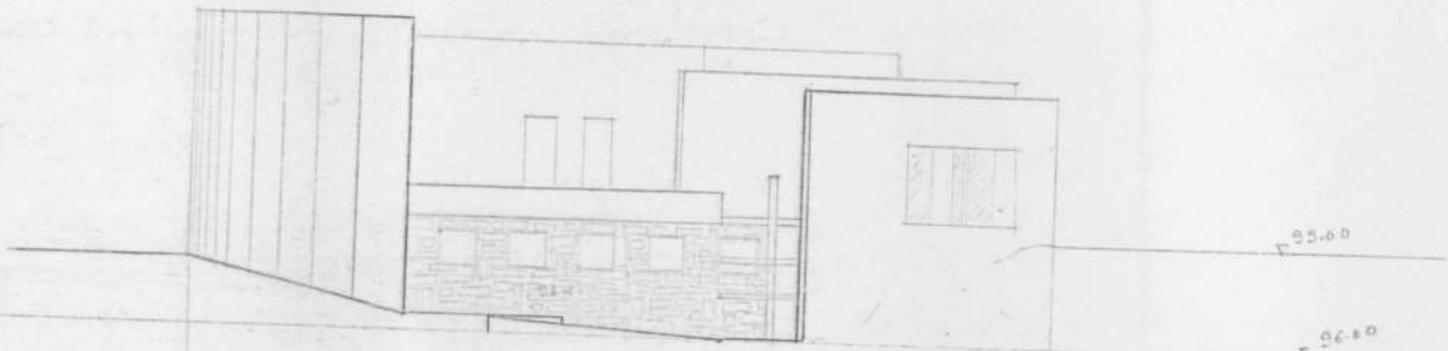


37.80
- 1.40

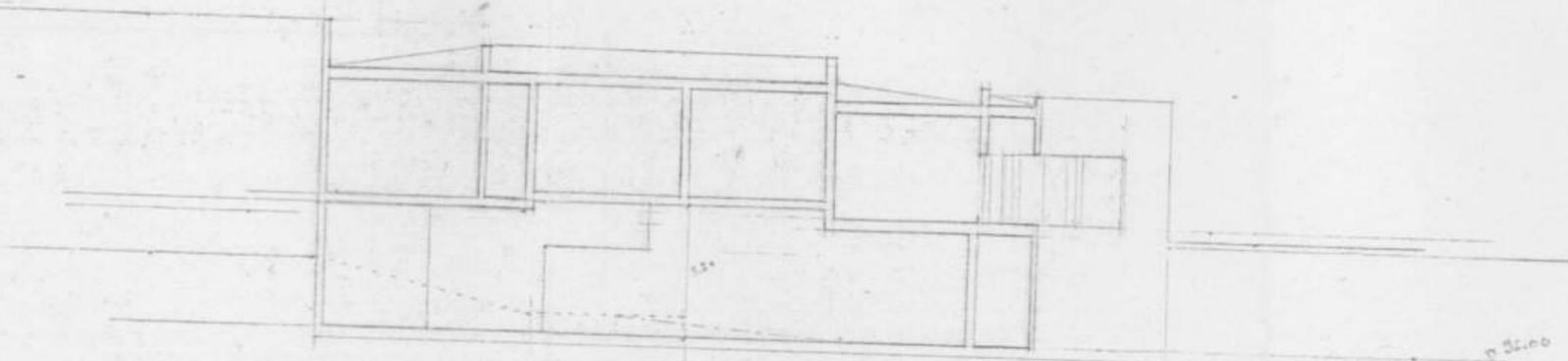
36.40



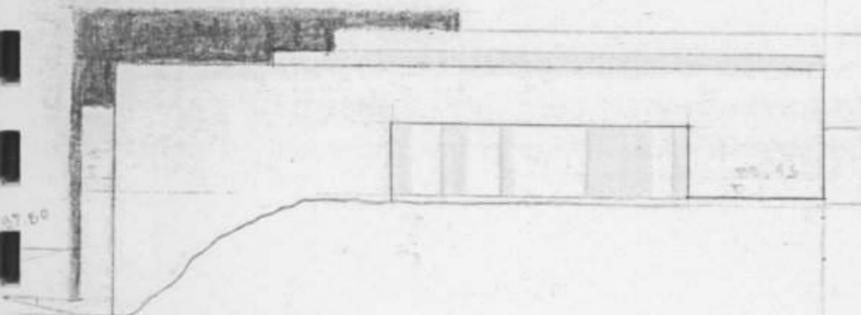
ALÇADO NORTE
esc: 1/200



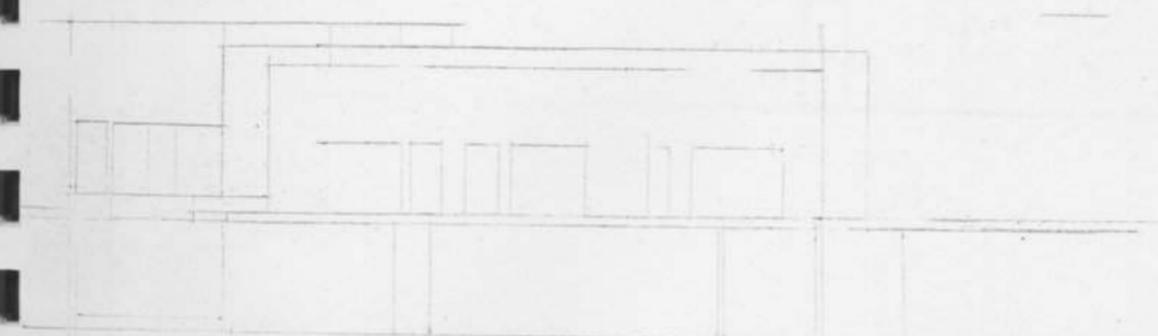
ALÇADO POE
ESCALA 1/



CORTE 1
ESCALA



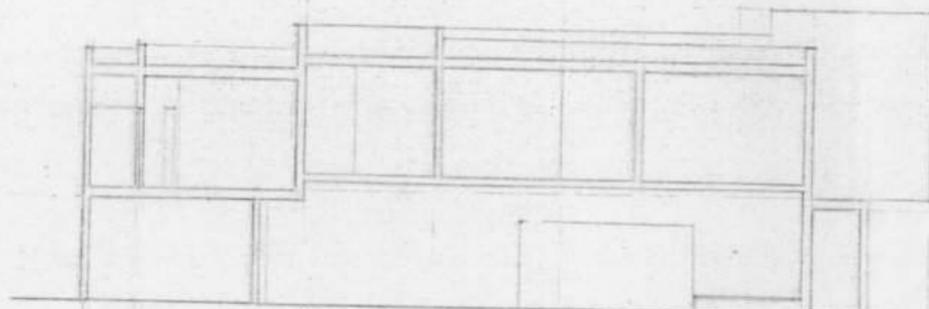
ALÇADO SUL
ESCALA 1/200



1 00 45

ALÇADO SUL - POENTE
CORTE 1 - 2

esc: 1/200
esc: 1/200



CORTE

esc: 1/200



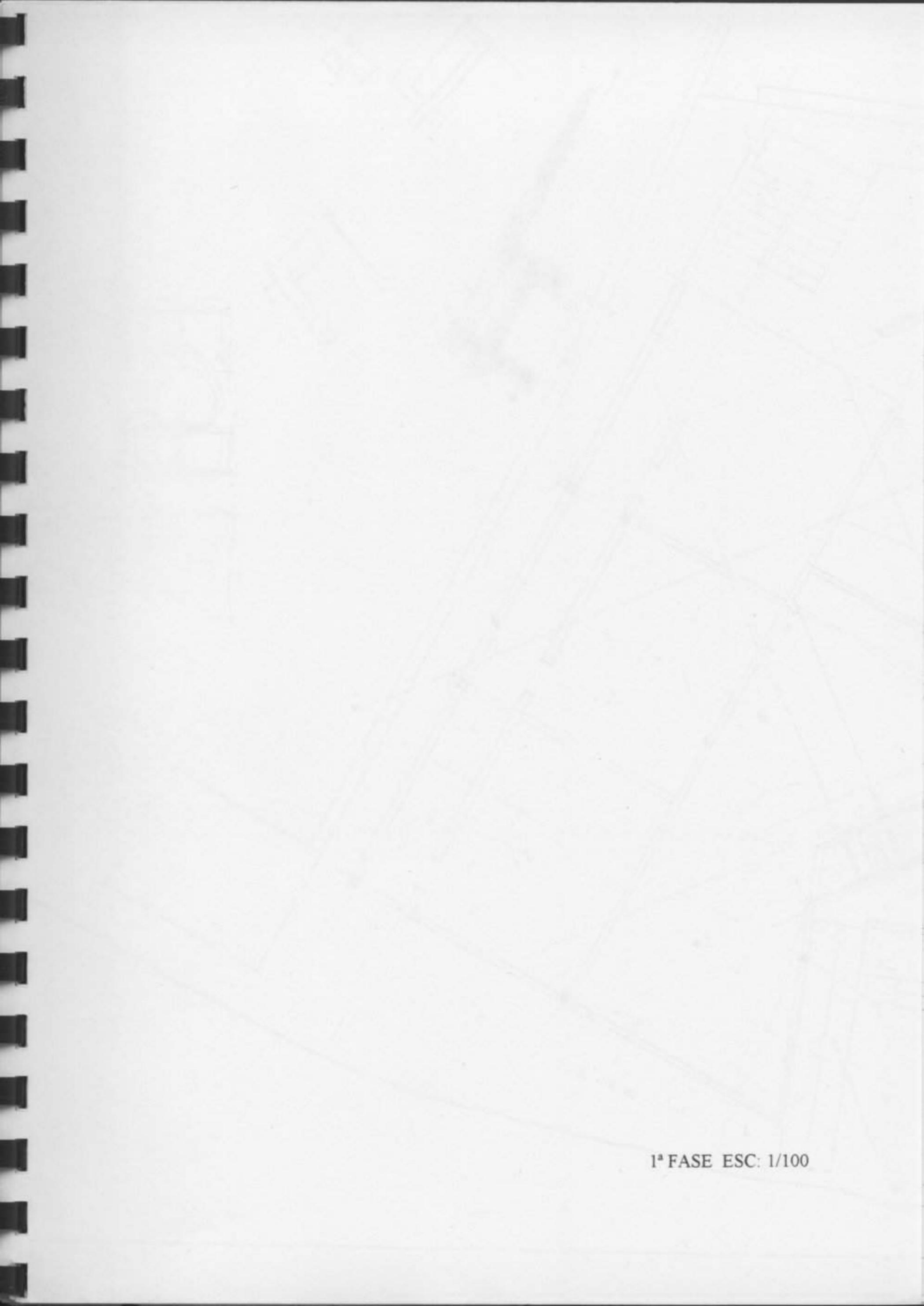
ALÇADO NASCENTE

esc: 1/200

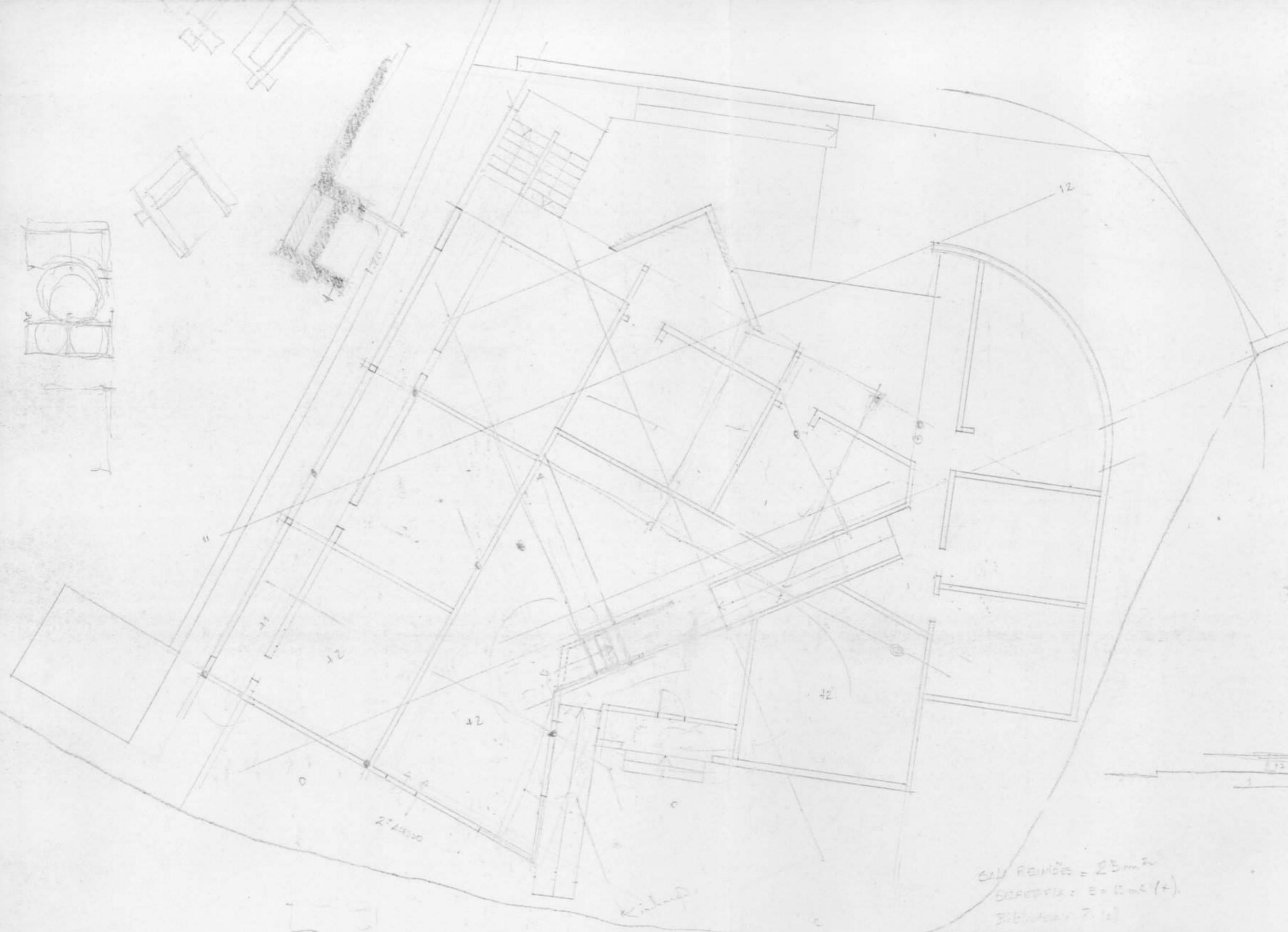
PLANE FUNDADO

ALÇADO NASCENTE
CORTE 3-4

esc: 1/200
esc: 1/200

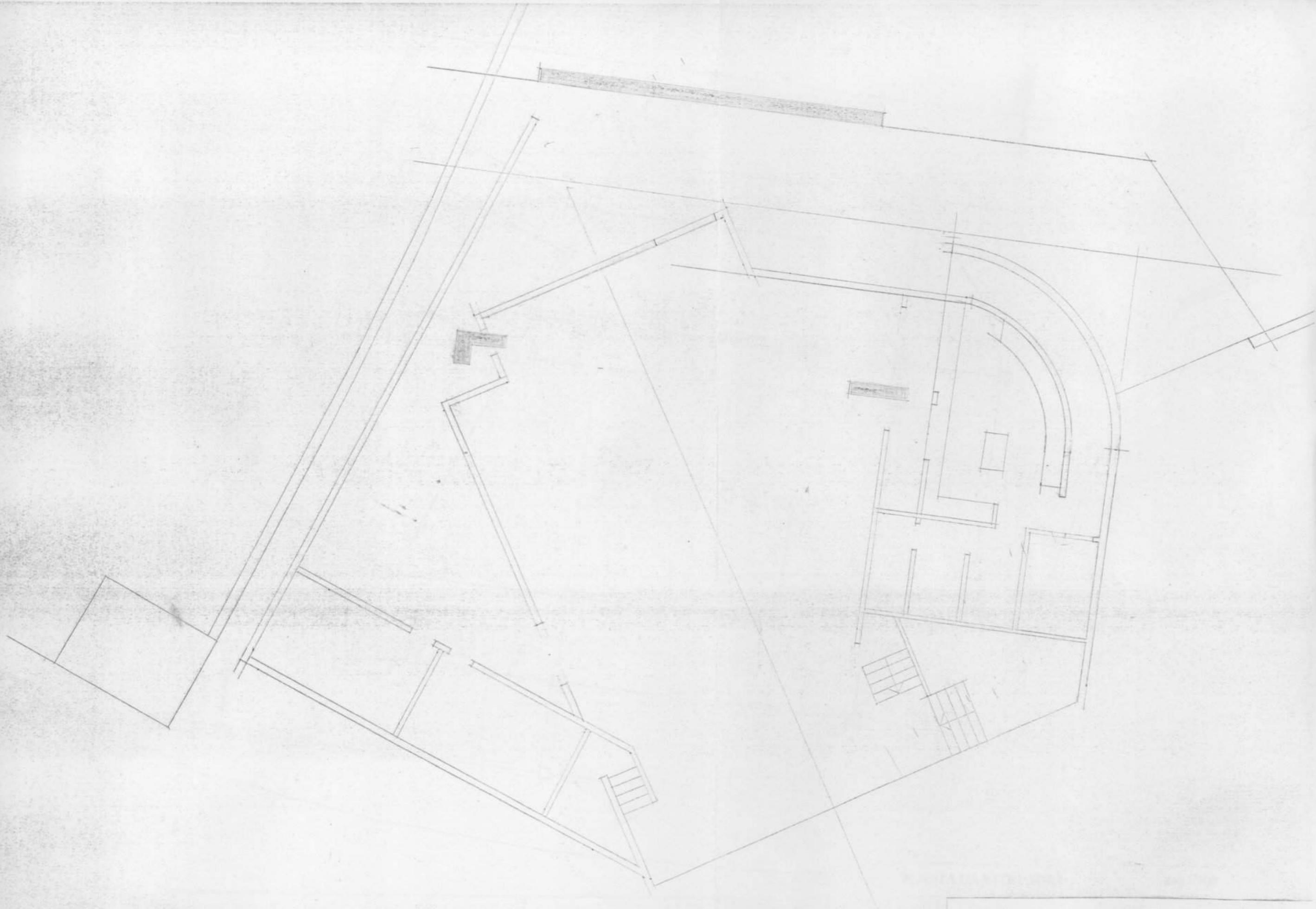


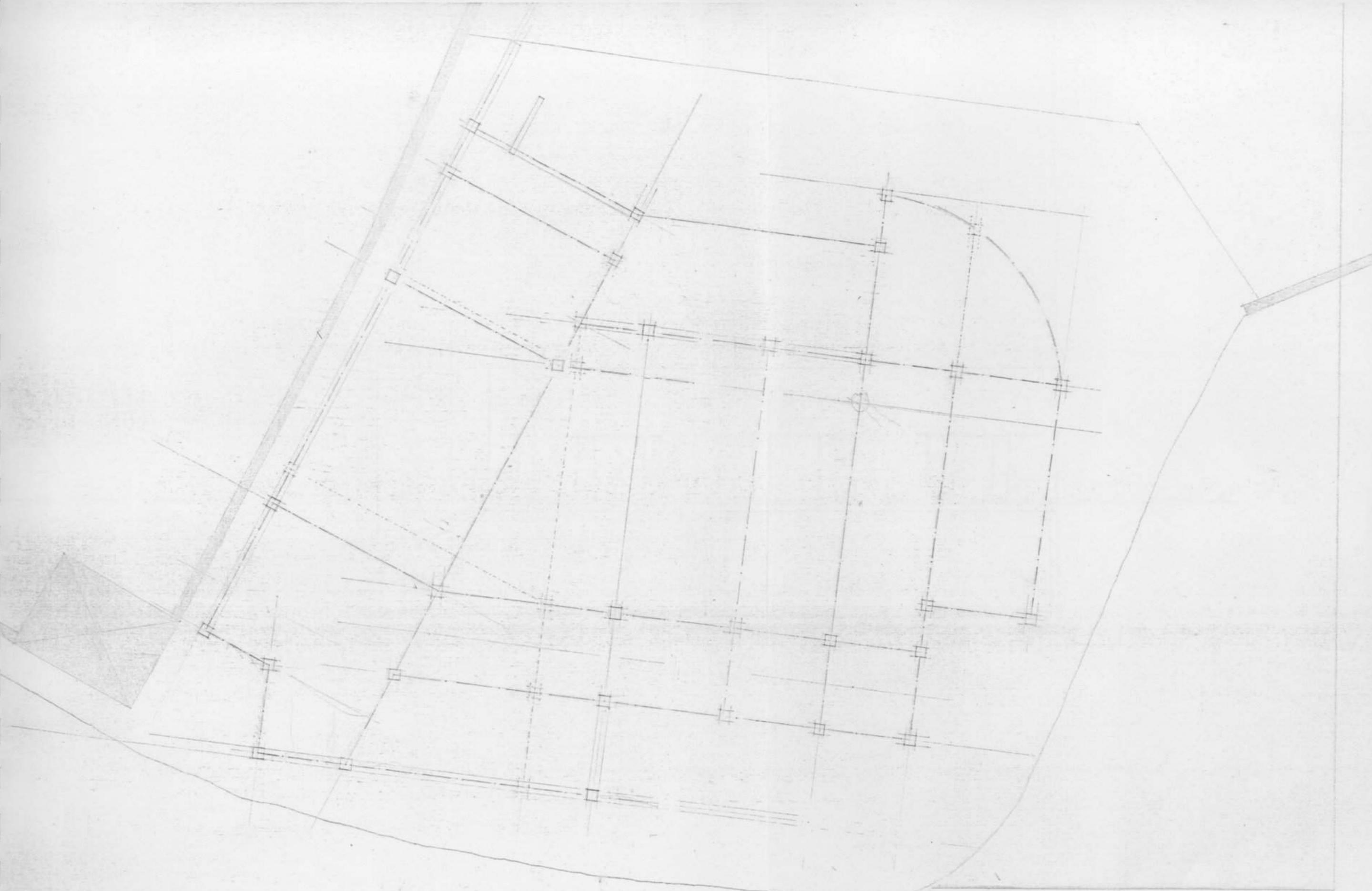
1ª FASE ESC: 1/100



CAL. REINFORÇADA = 25 cm
SOLABETA = 8 x 12 cm (+)
BIBLIOTECA = 7.12

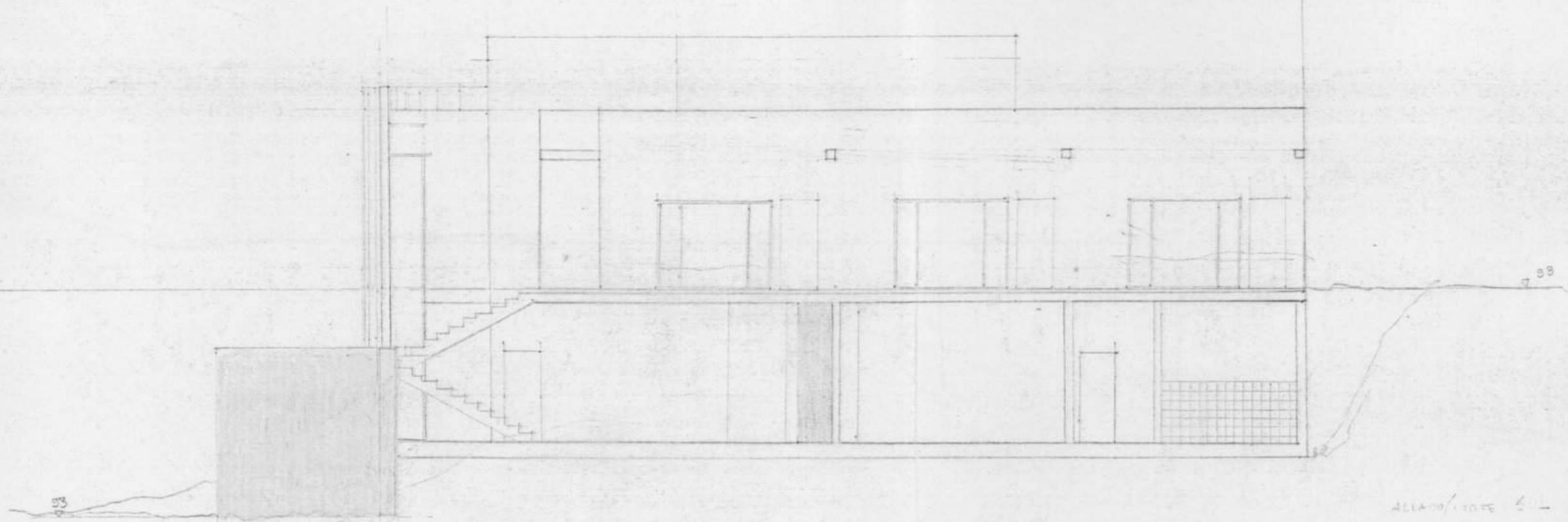
PLANTA DO PISO SUPERIOR (rés do chão) esc: 1/100





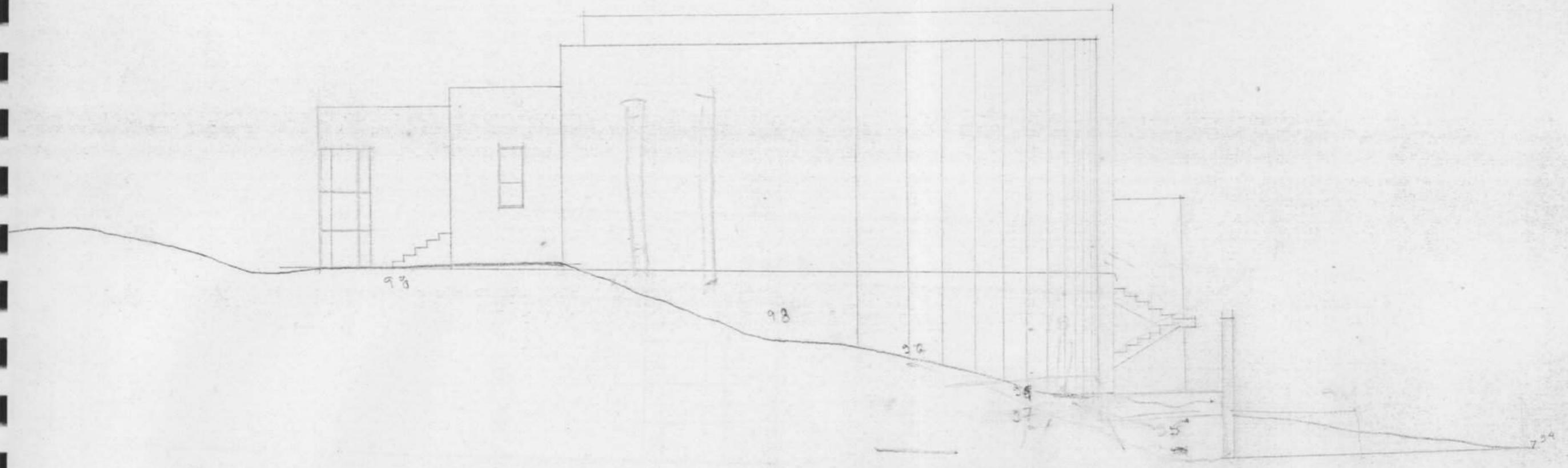
PLANTA DA ESTRUTURA

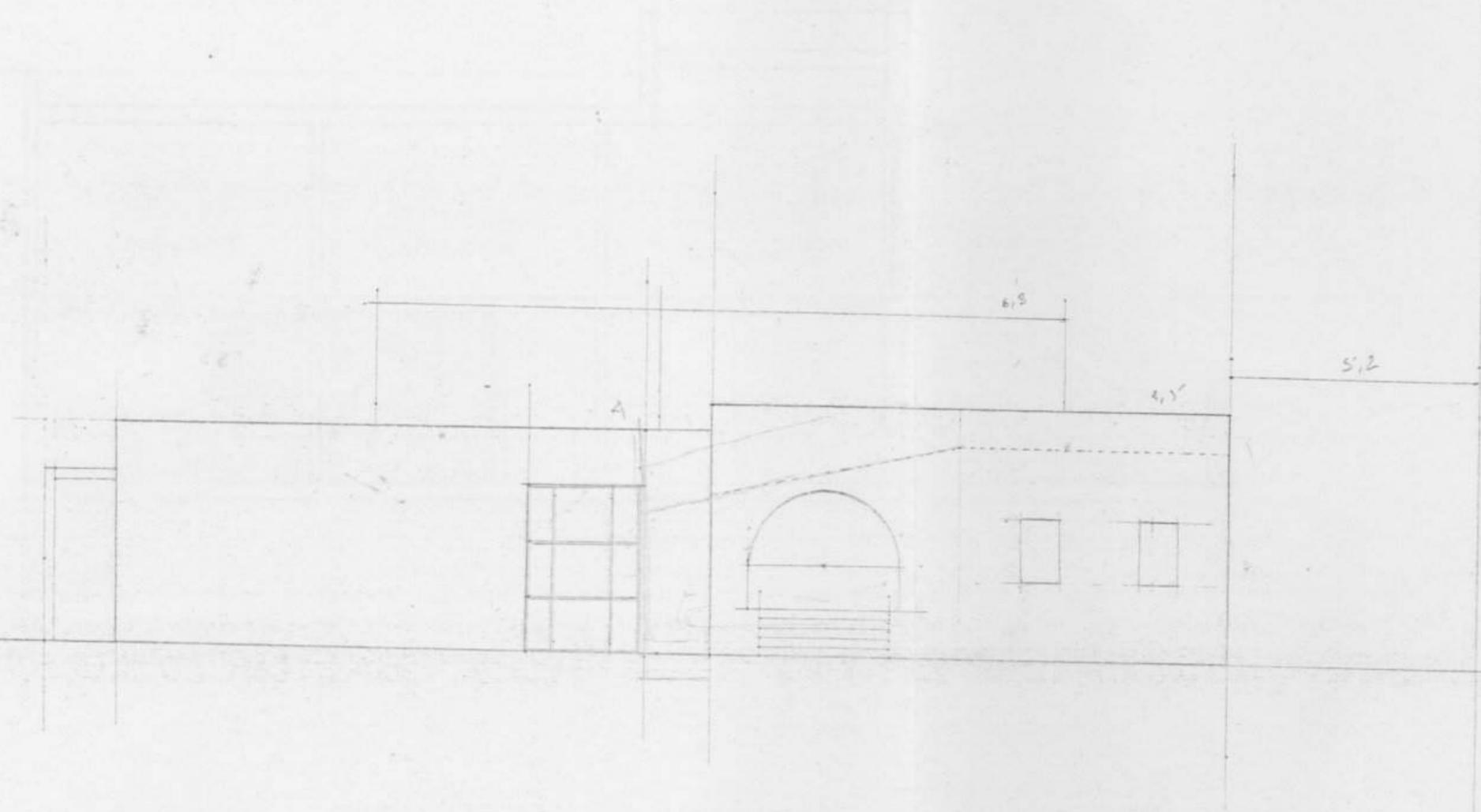
esc: 1/100



4.83

ALÇADO SUL
Escala 1/100

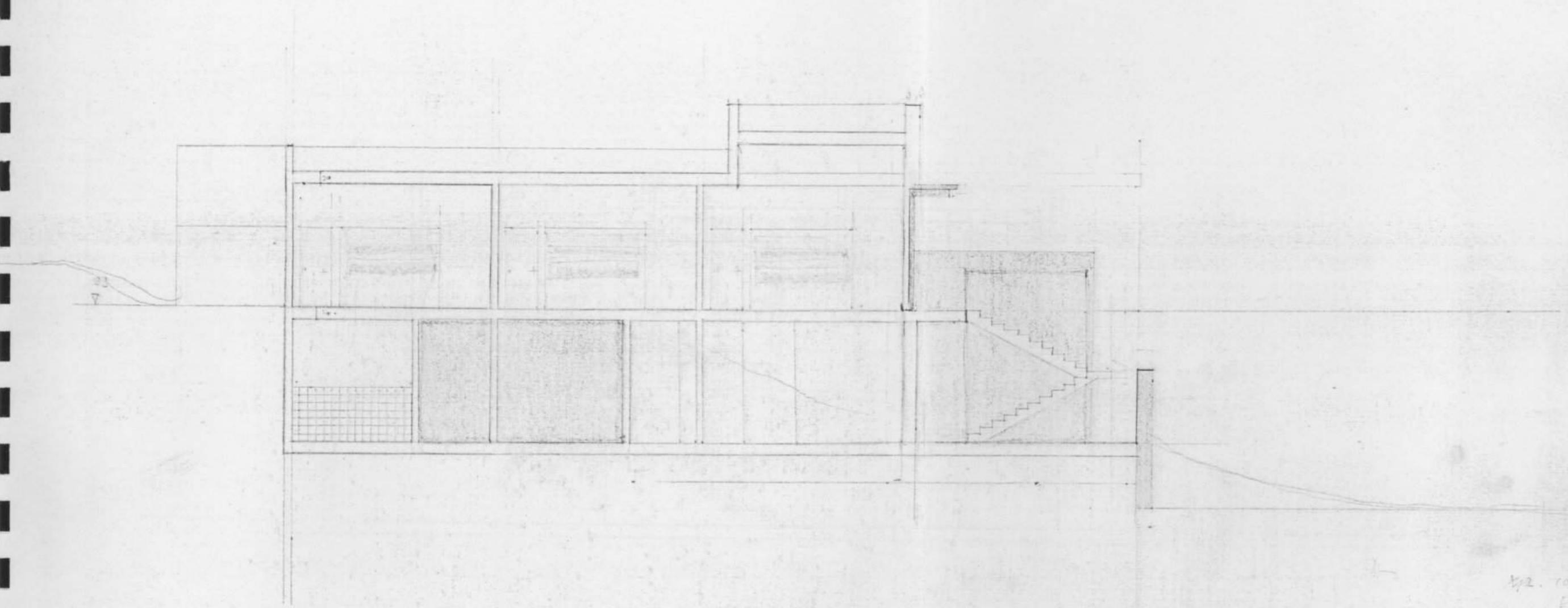




ALÇADO NASCENTE
ELEV. 1/100

X 40
2 5 3

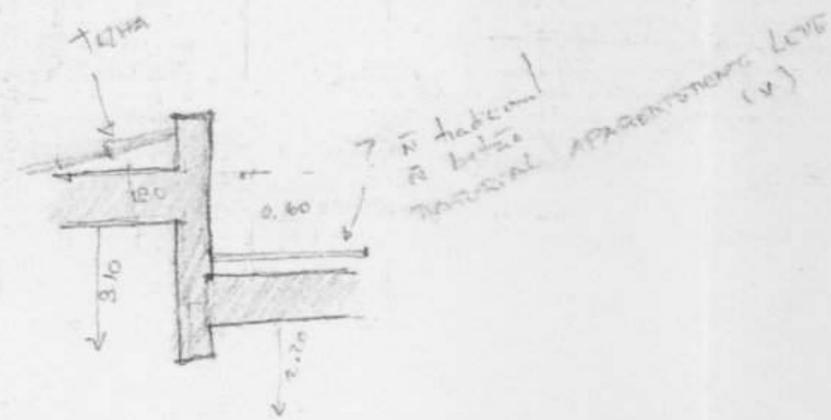
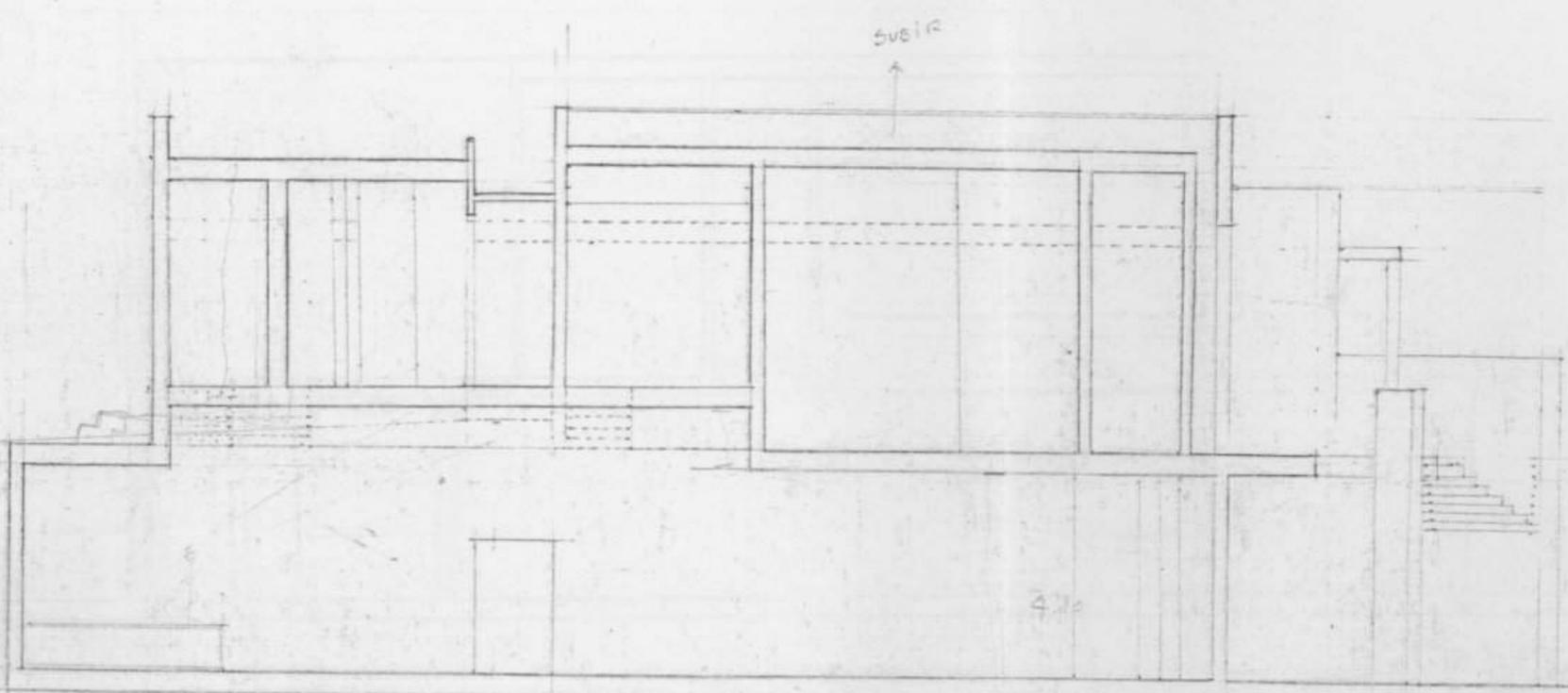
3,40



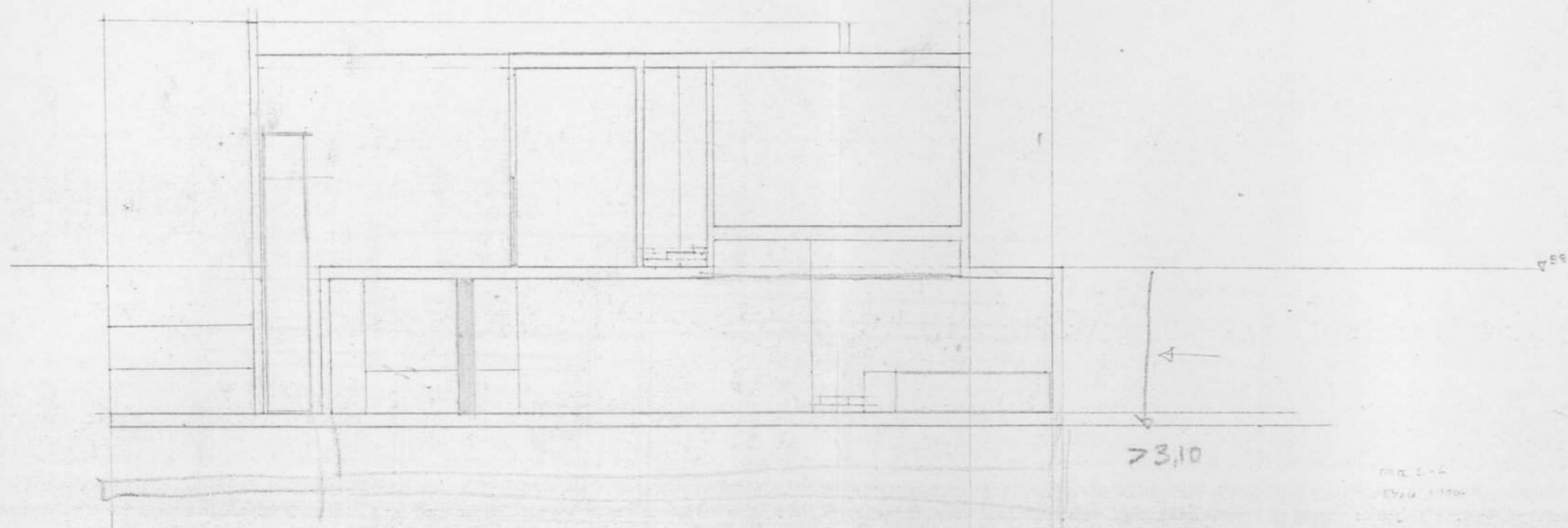
7⁰⁵

Ap2. corte 1-2
Escala 1:100

LINITE 2017/08/10

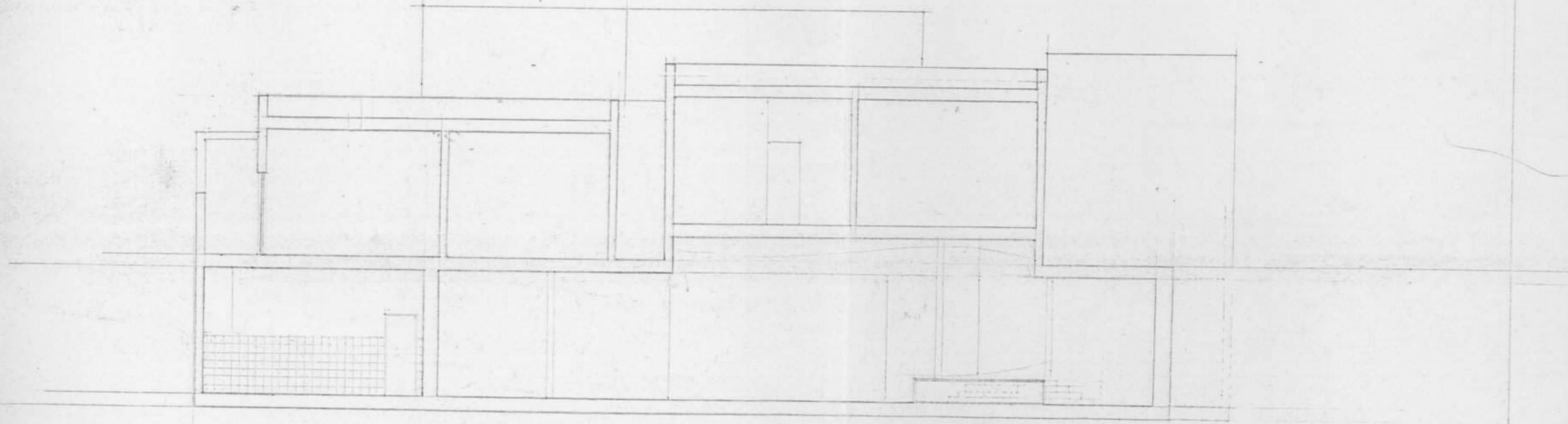


7 N. Haberm
 R. Lohse
 TANGSAL APARTMENT LEVEL
 (v)



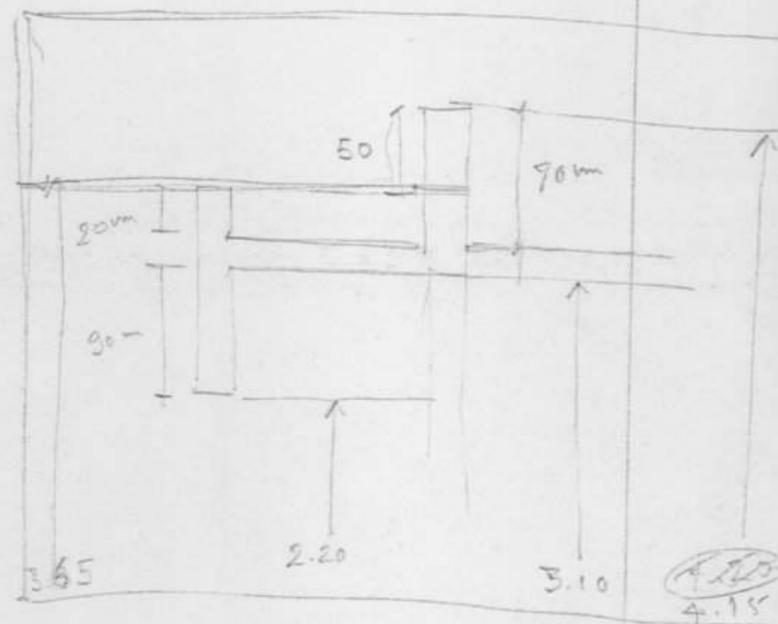
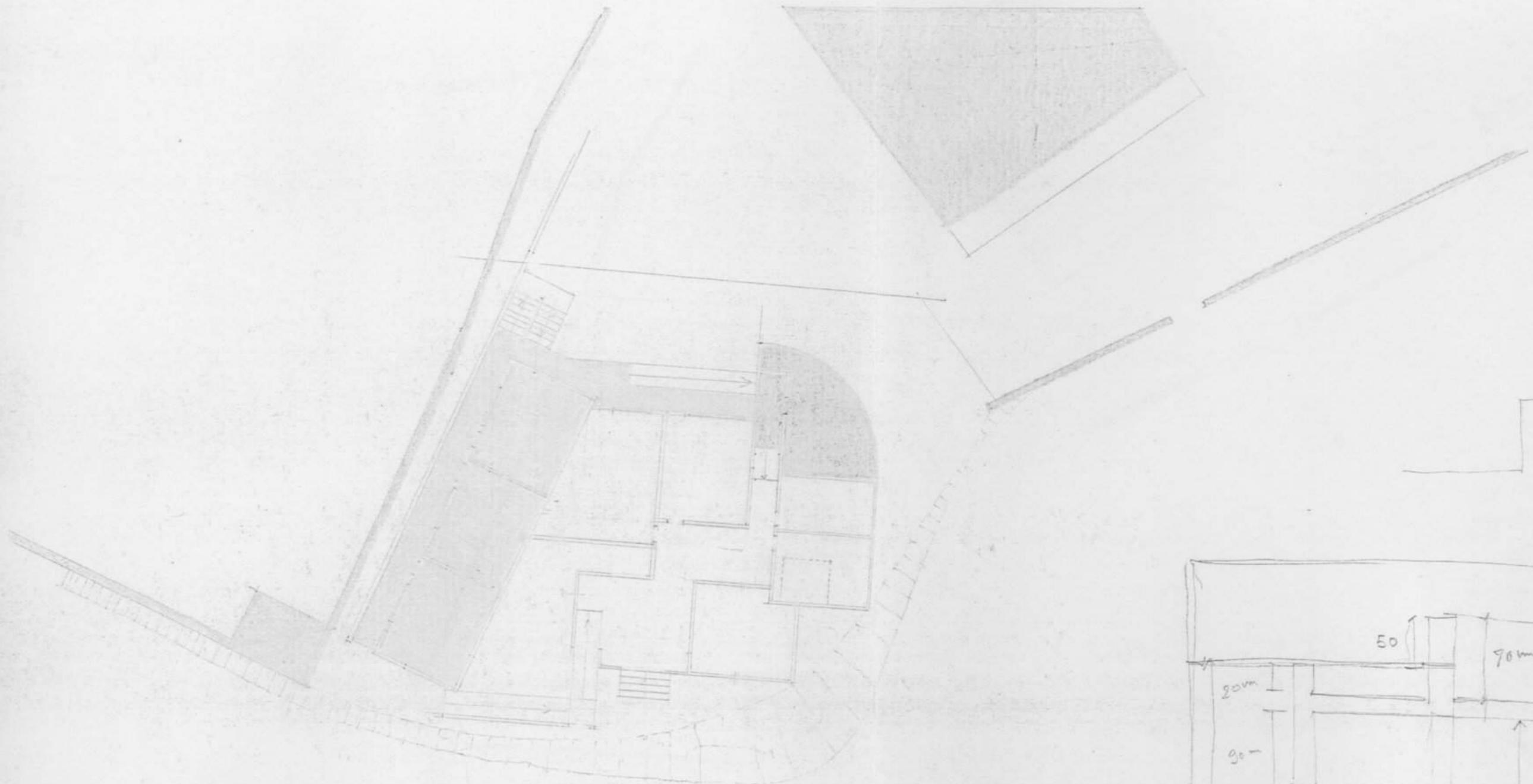
LIMITE DO TERRENO

CORTE 5-6
Escala 1:100



CORTE 7-8
ESCALA 1/100

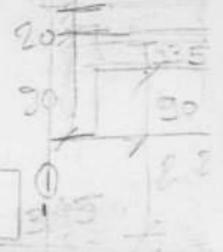
2ª FASE ESC: 1/200



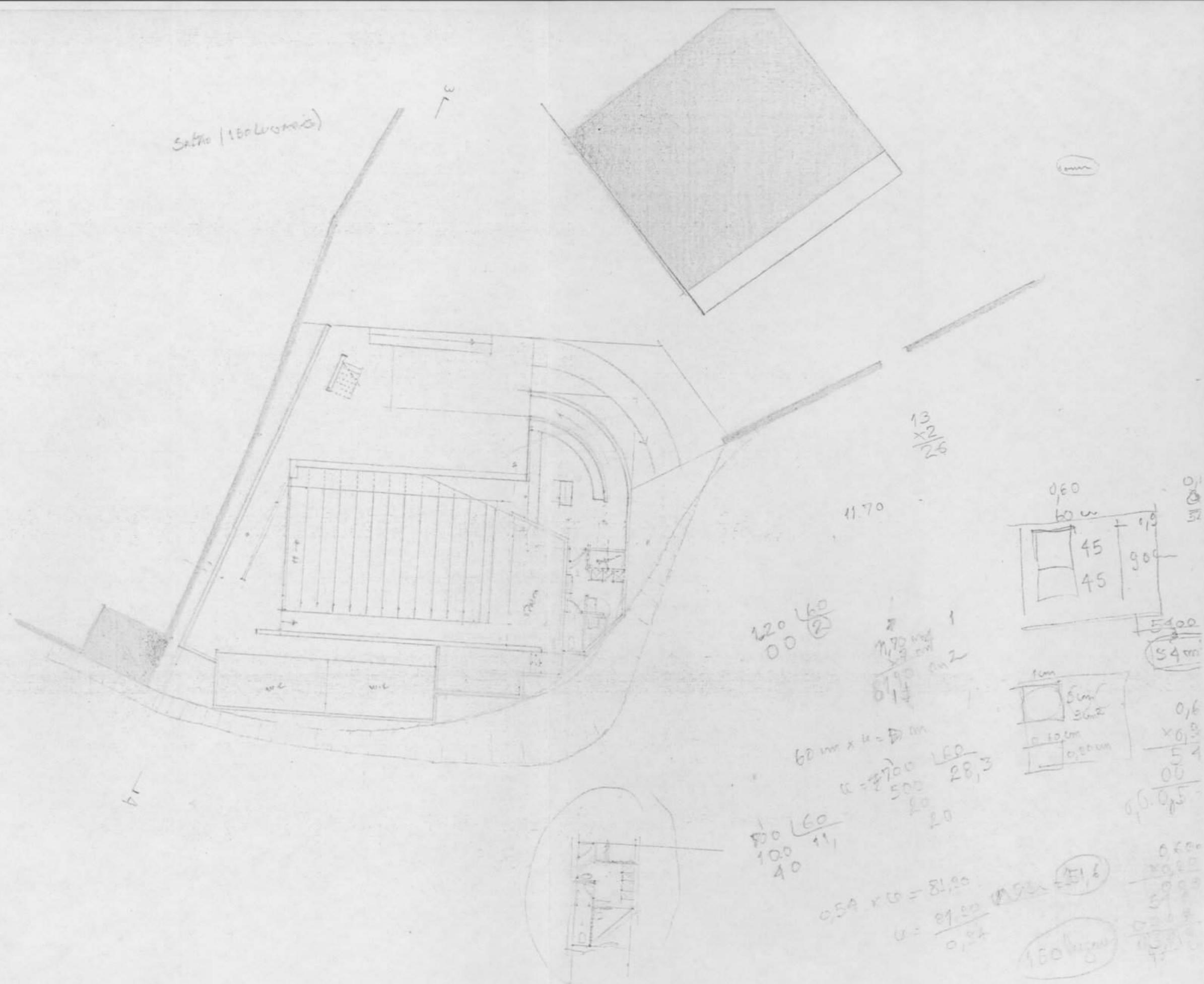
N ←

— 7 33.45 + 3.710 + 0.35 + 0.55

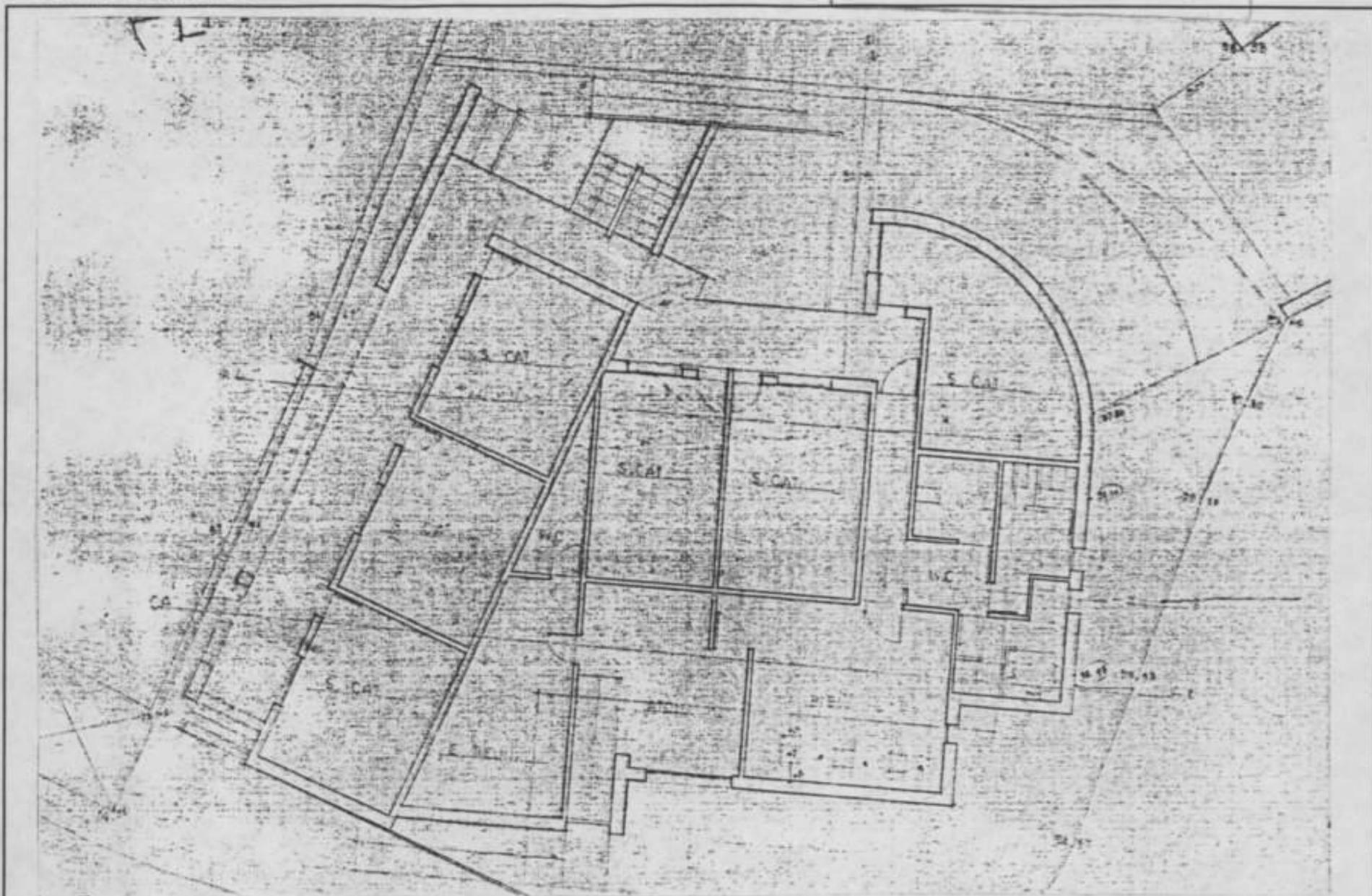
— 7 33.81



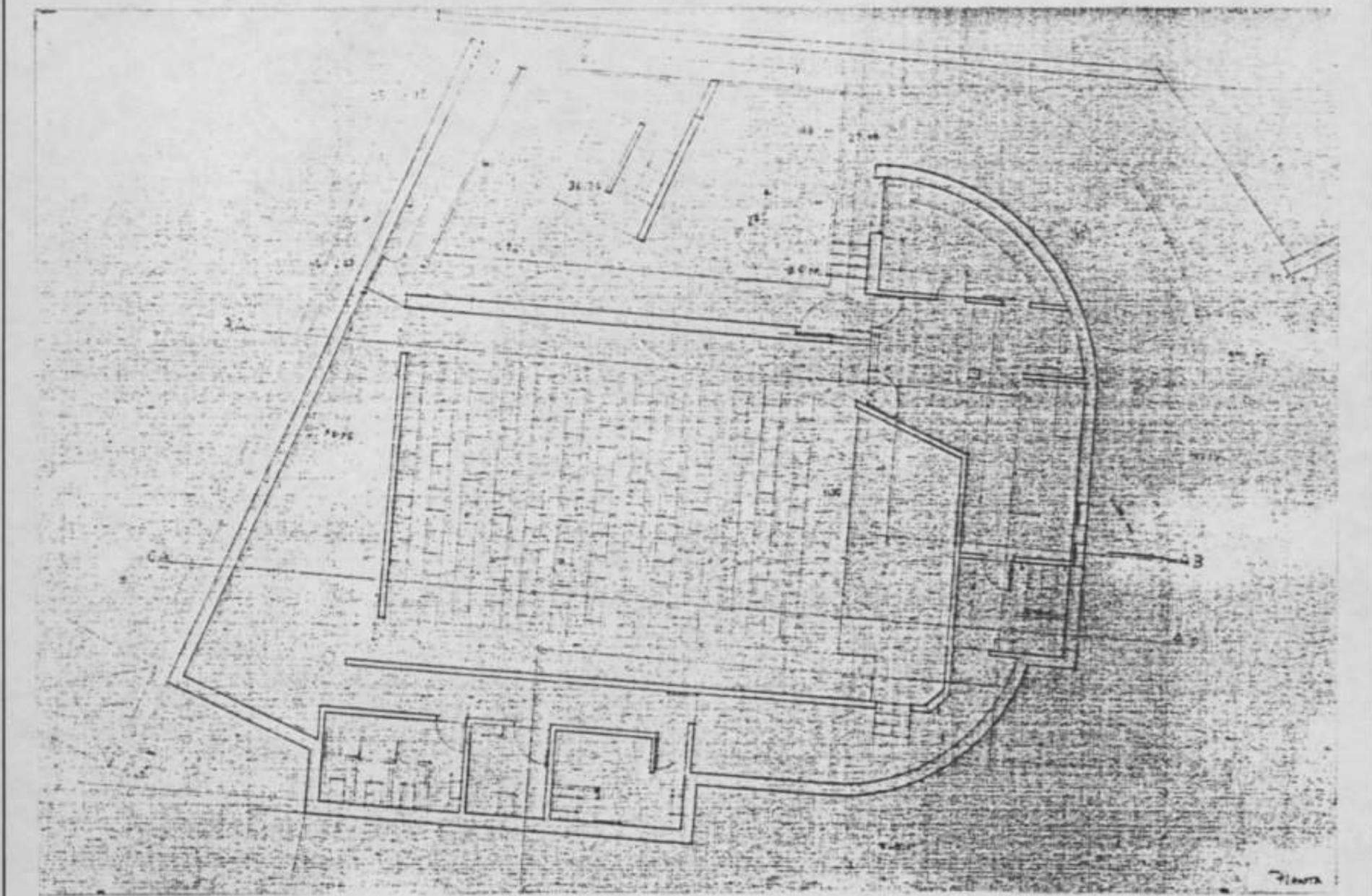
PLANTA DO PISO SUPERIOR (rés do chão) esc: 1/200



O ANTE-PROJECTO



Planta do piso superior (rés-do-chão) esc:1/200



Planta do piso inferior (cave) esc:1/200

